

REVISTA ESTUDOS  
AFRO-BRASILEIROS

e-ISSN 2675-3219 | ISSN 2675-3227 - ITANHAÉM - VOL. IV, Nº 1 - JANEIRO/JUNHO 2024

Revista Estudos Afro-Brasileiros é uma publicação semestral da:

**OICD**  
*Desde 1970*

ORDEM INICIÁTICA DO CRUZEIRO DIVINO (OICD)

*Direção*

**Mãe Maria Elise Rivas**

Dra. em Ciências da Religião (PUC-SP)

*Vice-direção*

**Yuri Tavares**

Dr. em Geografia Física (USP)

*Conselho Editorial*

**Alejandro Frigerio**

Doctor en Antropología por la Universidad de California, Los Angeles (UCLA), afiliado a la Universidad Católica Argentina y al CONICET, profesor en FLACSO Buenos Aires (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales) - UCA/CONICET-FLACSO.

**André Ricardo de Souza**

Doutor em sociologia pela USP, professor associado do Departamento de Sociologia da UFSCar, pesquisador do CNPq e coordenador do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP).

**Angela Luhning**

É professora titular na área de etnomusicologia na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde atua na graduação e na pós-graduação (PPGMUS).

**Ari Pedro Oro**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

**Bruno Barba**

Pesquisador e professor do Departamento de Ciências Políticas (DISPO) da Università degli Studi di Genova, do qual é membro das Comissões de Planos de Estudos, autor da tese "Sincretismi religiosi afro-americani nello Stato di San Paolo, Brasile".

**Carlos Eugênio Marcondes de Moura**

Sociólogo, iniciou seus estudos acadêmicos na Universidade de Genebra, Suíça (Escola de Intérpretes, da Faculdade de Letras, e Faculdade de Ciências Econômicas e Sociais). Bacharelado na Escola de Sociologia e Política, complementar da Universidade de S. Paulo, e doutorado defendido no Departamento de Sociologia da Universidade de S. Paulo. Pós-Doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros, desta mesma instituição.

Formado em interpretação pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, foi um dos fundadores do Serviço de Teatro, da Universidade Federal do Pará, onde lecionou, e ex-professor do Departamento de Teatro da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de S. Paulo.

**Célia Arribas**

Graduada em História, com mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo, atualmente é Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, integrando a linha de pesquisa “Cultura, Produções Simbólicas e Processos Sociais”.

**Érica Jorge Carneiro**

Dra. em Ciências Sociais (UFABC)  
e especialista em Teologia afro-brasileira (FTU).

**Luiz Assunção**

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1979), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1988) e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Departamento de Antropologia. Realizou programa de estudos no Fonds Paul-Zumthor - Université de Montréal (Canadá) e no Centre d'études en sciences sociales du religieux, École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris, França).

**Monique Augras**

Formou-se em Psicologia e concluiu o Doutorado na Sorbonne. Professora Titular da PUC-Rio, radicada no Brasil desde 1961, contratada pelo ISOP da Fundação Getúlio Vargas (1961-1990).

**Maria Elise Rivas (Presidenta)**

Graduada em Teologia pela FTU, mestra e doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP. Sacerdotisa e dirigente da OICD - Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino.

**Mundicarmo Ferretti**

Professora Emérita da UEMA. Possui graduação em Filosofia - Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão (1966); mestrado em Administração Pública (Pessoal) pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1975); mestrado em Ciências Sociais (Antropologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1983); e doutorado em Ciências - Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1991). É professora titular aposentada da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2002).

**Reginaldo Prandi**

Professor da Universidade de São Paulo (USP), professor titular sênior do Departamento de Sociologia da mesma universidade, pesquisador Senior CNPq e membro do grupo de pesquisa “Diversidade religiosa na sociedade secularizada” do CNPq.

**Teresinha Bernardo**

Professora da Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), professora livre-docente do Departamento de Antropologia da mesma Universidade, coordenadora do Observatório do Racismo da PUCSP.

**Volney Berkenbrock**

Possui doutorado em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade Federal de Bonn, Alemanha (Rheinische-Friedrich-Wilhelm-Universität 1995). Atualmente é professor do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

**Yuri Tavares Rocha**

Dr. em Geografia (USP).

Revista Estudos Afro-Brasileiros é uma publicação semestral da:

**OICD**  
*Desde 1970*

ORDEM INICIÁTICA DO CRUZEIRO DIVINO (OICD)

#### EQUIPE TÉCNICA

<i>Direção administrativa:</i>	Sumaia Miguel Gonçalves Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação (MUST University), licenciada em Matemática (Unisa), graduada em Pedagogia (Unip), Psicologia (São Marcos) e Teologia (FTU) e especialista em Teologia afro-brasileira (FTU)
<i>Edição e tradução:</i>	Rodrigo Garcia Manoel Doutor e mestre em Letras (USP) e especialista em Teologia afro-brasileira (FTU)
<i>Revisão textual e normatização:</i>	Maria Alice Quaresma Garcia Bacharela em Letras (USP)
<i>Assessoria de imprensa:</i>	Awdrey Cardoso Sasahara Especialista em Teologia afro-brasileira (FTU) e jornalista (Universidade São Marcos)
<i>Elaboração de capa, projeto gráfico e diagramação</i>	Alexandra Abdala Formada em Graphic Design (Portolio Center – Atlanta, EUA) e graduada em Teologia Afro-brasileira (FTU)
<i>E-mail:</i>	<a href="mailto:contato@estudosafrobrasileiros.com.br">contato@estudosafrobrasileiros.com.br</a>

*Editora Parceira:*

**OICD**

Revista Estudos Afro-Brasileiros é uma publicação semestral da:

**OICD**  
*Desde 1970*

ORDEM INICIÁTICA DO CRUZEIRO DIVINO (OICD)

## REVISTA DE ACESSO PÚBLICO E GRATUITO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Revista Estudos Afro-Brasileiros. -- São Paulo :  
OICD, 2024.

São Paulo, v. 4, n. 1, 2024- (volume atual)  
São Paulo, v. 1, n. 1, 2020- (primeiro volume)  
e-ISSN 2675-3219  
ISSN 2675-3227

1. Cultura afro-brasileira 2. Religiões afro-brasileiras I. Ordem  
Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD)

24-1562

CDD 306.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura afro-brasileira : Religiões

**OICD**  
*Desde 1970*

Rua Chebl Massud, 157  
Água Funda, São Paulo (SP)  
04156-050

[www.oicd.com.br](http://www.oicd.com.br)

E-mail: [contato@oicdrivas.com.br](mailto:contato@oicdrivas.com.br)

[www.estudosafrobrasileiros.com.br](http://www.estudosafrobrasileiros.com.br)

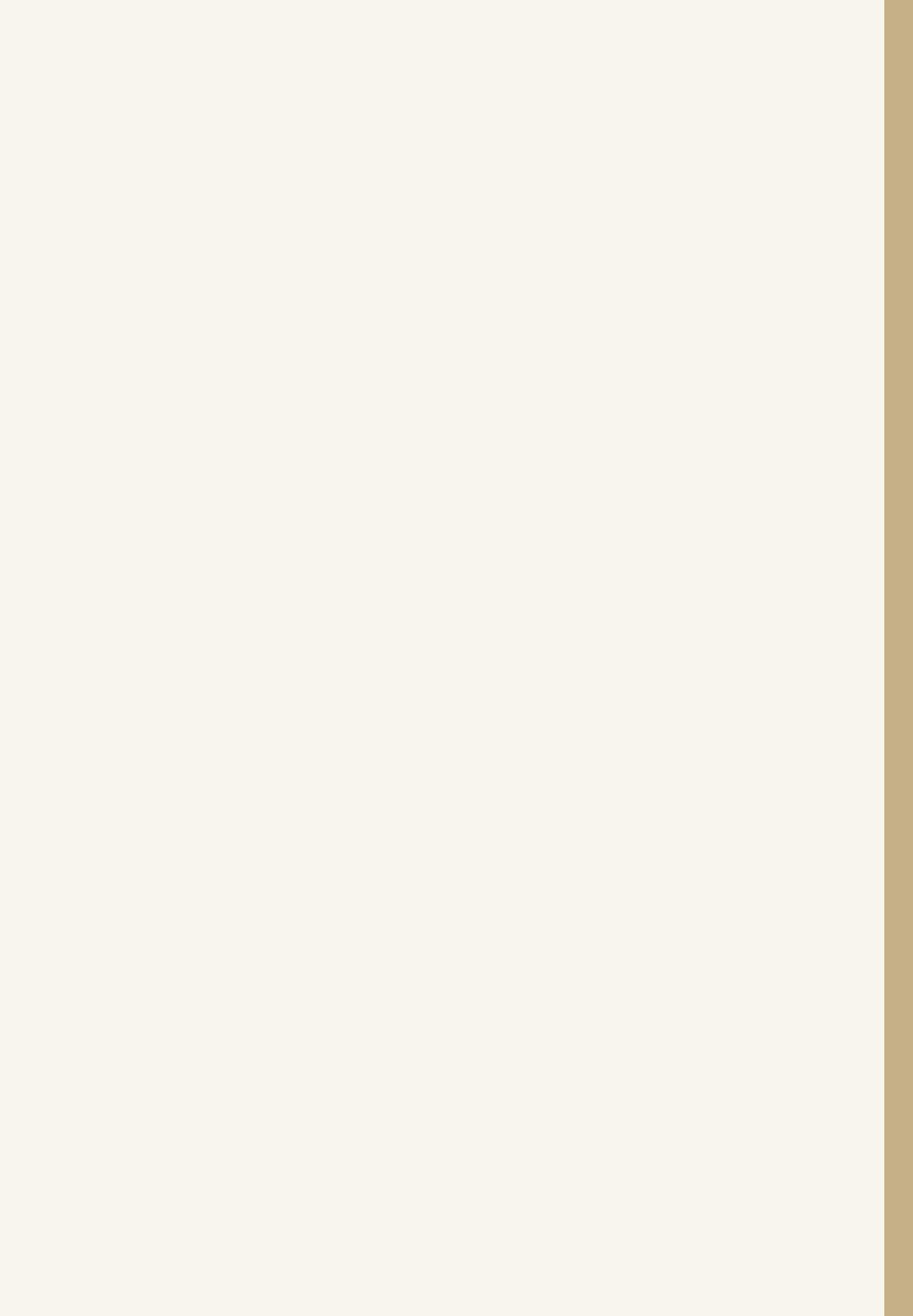
## Sumário

### *Apresentação*

- 09 *Maria Elise Rivas*
- 15 Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras  
na produção científica de teses e dissertações  
*Alexander Willian Azevedo*
- 55 Abordagens pedagógicas e gestão escolar:  
valorização da diversidade étnico-racial  
*Gabriele Alves de Lima*
- 79 A poética do recomeço: a retomada da tradição  
das esculturas afro-brasileiras, a partir da obra de  
César Bahia ou... Se o cânone hegemônico existente  
não nos abarca, façamos o seguinte: quebrems o  
cânone existente e criemos o nosso próprio cânone  
*José Eduardo Ferreira Santos*

- 101 Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico e o sagrado  
*Joana Bahia*  
*Caroline Moreira Vieira Dantas*  
*Farlen de Jesus Nogueira*
- 145 Os saberes dos terreiros na construção da democracia  
*Maria Elise Rivas*
- 161 O candomblé na roda do tempo: Internet,  
pandemia, literatura e os novos sacerdotes  
*Reginaldo Prandi*
- 201 Nanã e a esteira como território mítico  
*Lorena Penna Silva*  
*Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

# *Apresentação*





# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Apresentação

*Maria Elise Rivas*

A revista *Estudos Afro-brasileiros*, publicação da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, chega ao seu quarto volume, em seu quarto ano de existência e contribuição, que tem acrescentado conhecimento e compartilhado sabedoria sobre a riqueza e diversidade da cultura e das religiões afro-brasileiras. Tal existência tem propiciado reflexões e diálogos com a academia e com a sociedade brasileira em geral, uma vez que a diáspora africana está em nossas vidas, dentro ou fora da academia, mesmo que não percebamos ou valorizemos.

Este quarto volume traz importantes contribuições, começando com o artigo “Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras na produção científica de teses e dissertações”, de Alexander Willian Azevedo, que indica como aspectos afro-brasileiros são temas de projetos de pesquisas desenvolvidos

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

em programas de pós-graduação, cujos resultados são publicados em teses de doutorado e dissertações de mestrado e que estão disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

“Abordagens pedagógicas e gestão escolar: valorização da diversidade étnico-racial” é o segundo artigo deste volume, de Gabriele Alves de Lima, que expõe análises e preocupações sobre a rica diversidade étnico-racial brasileira no ambiente escolar e que deve ser tema na formação de professoras e professores, nos projetos e nas práticas político-pedagógicas, na revisão de grades curriculares e no planejamento e na gestão educacional, para que o ensino seja de maior qualidade, inclusivo e cômico dessa diversidade, presente nas escolas e na sociedade nacional.

O terceiro artigo, de José Eduardo Ferreira Santos, “A poética do recomeço: a retomada da tradição das esculturas afro-brasileiras, a partir da obra de César Bahia ou... Se o cânone hegemônico existente não nos abarca, façamos o seguinte: quebrems o cânone existente e criemos o nosso próprio cânone”, enfoca a exposição de César Bahia no Museu de Arte do Rio e sua importância no resgate de artistas negros na arte brasileira, como Otávio Bahia, Agnaldo Manuel dos Santos,

*Apresentação*

Rubem Valentim, Emanuel Araújo e Manuel Querino, ressaltando que as artes pretas e afrodiaspóricas podem ensejar a criação de novos cânones no cenário nacional das artes.

Já “Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico e o sagrado”, de Joana Bahia, aborda a presença de Iemanjá e de outros Orixás na cena urbana do Rio de Janeiro (RJ) e como práticas rituais, líderes religiosos e praticantes ocupam os espaços públicos, o que repercute num reforço da legitimidade e do reconhecimento da sociedade em geral de que os cultos afro-brasileiros estão na paisagem urbana, como outros cultos têm suas expressões para os cidadãos cariocas.

O quinto artigo, “Os saberes dos terreiros na construção da democracia”, de Maria Elise Rivas, trata da relação entre os saberes das casas das religiões afro-brasileiras e sua contribuição na vida democrática, ressaltando a presença e o papel da diversidade, do diálogo, do consenso, do dissenso, das questões de gênero, etc., dentro dessas casas e na democracia,

O penúltimo artigo, “O candomblé na roda do tempo: Internet, pandemia, literatura e os novos sacerdotes”, de Reginaldo Prandi, trata de como as casas de santo de candomblé enfrentaram as restrições impostas pela pandemia da Covid-19, que gerou adaptações e criação de novas práticas e uso

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

da tecnologia, algumas mantidas na atualidade, e acarretando novas modalidades religiosas.

No sétimo e último artigo deste volume, “Naná e a esteira como território mítico”, as autoras Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus analisam a presença da esteira na iniciação do candomblé e sua relação com Nanã, Orixá relacionada ao renascimento, à morte e à vida no contexto da família mítica. Esse artigo também pode subsidiar atividades sobre o conhecimento das religiões de matriz africana, o que preconiza a Lei nº. 10.639/2003.

■ Caras leitoras e leitores, apreciem cada artigo deste volume!



# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras na produção científica de teses e dissertações

*Alexander Willian Azevedo<sup>1</sup>*

**Resumo:** A pesquisa analisa as publicações no escopo da teologia e cultura de religiões afro-brasileiras, através dos estudos da literatura especializada produzida em teses e dissertações na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), vislumbrando verificar a consolidação do tema nas publicações, abrangendo 21 teses e 75 dissertações compreendidas

---

1. Professor vinculado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenador do curso de Graduação em Gestão da Informação da UFPE. Doutor em Ciência da Informação (UFPB), Mestre e Graduado em Ciência da Informação (PUC-Campinas)

*Alexander Willian Azevedo*

pelas pesquisas recuperadas. Nesse sentido, o presente estudo possui uma abordagem exploratória e descritiva, por se tratar de uma pesquisa de natureza documental, na qual se utilizou de documentos salvaguardados na BDTD, a partir da seleção dos trabalhos relacionados com a temática de teologia e cultura. O principal resultado demonstra que há um crescimento na produção de estudos sobre teologia e cultura de religiões afro-brasileiras, indicando um fortalecimento do pensamento científico na área teológica no Brasil.

**Palavras-chave:** Teologia; Cultura; Religiões Afro-Brasileiras, Produção Científica; BDTD; Comunicação científica.

## Considerações introdutórias

A agnição da teologia e cultura de religiões afro-brasileiras no contexto da sociedade contemporânea tem buscado pressuposto na concepção de uma ciência que está em estado permanente de análise de crenças que influenciam as culturas e sociedade, sob ponto de vista e contexto histórico que exige estudos na busca de clarificar os efeitos tanto no pensamento científico, como na esfera do senso comum (Mendonça, 1997).

Na estrutura das ciências humanas, a teologia é uma disciplina acadêmica que se concentra no estudo sistemático da religião e das crenças religiosas. Como ciência, a teologia tem uma estrutura científica que envolve uma variedade de métodos de investigação e abordagens acadêmicas, desde história, moral, sistemática, pastoral (Bobsin, 2002).

A partir do pensamento científico, a teologia desenvolveu abordagens desde questões religiosas e divinas, até em debates sobre a natureza da realidade, humanidade e moralidade, como é possível observar nos estudos de Croatto (2001) e Gibellini (2002), entre outros pesquisadores que contribuíram com os elementos sociais na formação de pesquisas sobre os fenômenos teológicos presentes no conhecimento científico.

A problemática que se configura, nesse sentido, é se a teologia apresenta um dinamismo nas produções científicas, pela qual se segue a questão sobre os estudos de pesquisadores dedicados à reflexão histórica, teórica e epistemológica sobre a área. A presente pesquisa não responde a todas as possíveis indagações que podem ser levantadas, limitando-nos a observar um recorte da literatura especializada em busca das discussões sobre a produção científica em teses e dissertações nessa temática.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

Neste prisma, a proposta é reunir elementos que possam servir de base teórica para uma análise sobre teologia e cultura de religiões afro-brasileiras. Para isso, fez-se necessário questionar sobre a ciência e o pensamento científico, considerando que esses questionamentos podem ser interpretados de várias maneiras, dependendo de onde, como e por quem estão sendo observados.

Deste modo, buscamos analisar os estudos sobre teologia e cultura de religiões afro-brasileiras através dos estudos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), um sistema mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação do Brasil. O objetivo da BDTD é reunir e disponibilizar de forma eletrônica teses e dissertações produzidas por programas de pós-graduação de instituições brasileiras de ensino superior.

A produção do conhecimento científico no campo da teologia no cenário brasileiro se concentra nos programas de pós-graduação de universidades públicas e privadas. Segundo Libanio e Murad (1996), a teologia é uma área do conhecimento que estuda a natureza de Deus, a relação entre o divino e o humano e os fenômenos religiosos em geral, conforme também

pode ser constatado em estudos nos programas de pós-graduação, nos eventos acadêmicos e nas publicações científicas.

Assim, optou-se nesta pesquisa por abordar a literatura especializada produzida nos estudos científicos apresentados na BDTD, especificamente na temática teologia e cultura de religiões afro-brasileiras, cujas pesquisas tomaremos por instrumento para investigação.

O objetivo desta pesquisa visou apresentar um extrato dos estudos na temática sem recorte temporal, vislumbrando analisar os principais temas de pesquisas, a partir de suas palavras-chave, identificar os pesquisadores/orientadores e instituições que versam seus estudos aos desdobramentos teológico e cultural de religiões afro-brasileiras, compreendendo e contextualizando a constituição da teologia através das produções científicas.

## **Pensamento teológico: do gêneses à contemporaneidade**

A teologia é uma disciplina do conhecimento científico que tem como objetivo compreender a natureza de Deus, da divini-

*Alexander Willian Azevedo*

dade e as práticas religiosas. Essa área de estudo é multifacetada e abrange uma ampla variedade de abordagens, tais como história, filosofia, literatura e práticas religiosas. Embora a teologia seja frequentemente associada à religião cristã, também é estudada em outras tradições religiosas, como no judaísmo, espiritismo, islamismo, hinduísmo, budismo e outras (Congar, 2015).

O termo “teologia” tem origem em duas palavras gregas: “*theos*”, que significa “Deus”, e “*logos*”, que significa “palavra” ou “razão”. Em outras palavras, a teologia é a “palavra ou razão sobre Deus”, no entanto, essa disciplina não se limita apenas à discussão sobre Deus, explorando questões mais profundas sobre a natureza da existência humana e a relação entre a humanidade e a divindade (Schwöbel, 2004).

Um dos principais objetivos da teologia é compreender a natureza de Deus. Diversas tradições religiosas afirmam que Deus é um ser supremo, onipotente e onisciente, que criou e governa o universo, e a teologia investiga essas afirmações e tenta entender como elas podem ser justificadas ou refutadas (Ladd, 2010).

Para Lacoste (2004), a teologia é um discurso pré-cristão que apareceu pela primeira vez através dos filósofos antigos

Platão e Aristóteles, que na visão filosófica grega clássica buscavam entender o mundo e a natureza divina através da razão e da contemplação das formas eternas, ou seja, defendiam a ideia de que a alma humana era imortal e que, após a morte, a alma retornava ao mundo das formas, onde encontrava sua verdadeira natureza.

O termo teologia foi posteriormente associado ao discurso cristão de Clemente de Alexandria no Egito, cerca de 180 d.C, que na sua concepção teológica era uma mistura de elementos do platonismo, estoicismo e do judaísmo, combinados com a doutrina cristã (Boff, 1998). No entanto, foi somente com Eusébio de Cesareia no século IV, considerado o primeiro historiador do cristianismo, que o termo teologia se tornou cristão atrelado à liberdade religiosa e ao diálogo inter-religioso (Schwöbel, 2004).

Após a cristianização do Ocidente, que ocorreu em um processo complexo e gradual, através de pregação missionária, da construção de igrejas, mosteiros, catedrais e da influência cultural e política, o termo teologia entendeu-se com dois significados de *Logos*: “razão” e “discurso” do Divino, segundo concepção de Agostinho de Hipona, notoriamente conhecido como Santo Agostinho, como é venerado na Igreja Católica Apostólica Romana e na Comunhão Anglicana (Libanio; Murad, 1996).

*Alexander Willian Azevedo*

Neste prisma, nasce a concepção do papel do teólogo como tradutor e mediador social sobre questões polêmicas emanadas da sociedade, além de buscar compreender a relação entre a humanidade e a divindade (Boff, 1998).

Podemos observar na história da humanidade que diversas tradições religiosas afirmavam que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus, e a teologia explora o significado dessa afirmação e como esta influencia na forma como as pessoas se relacionam com a divindade (Vaz, 2002).

No contexto do cristianismo, a teologia começou a se desenvolver nos primeiros séculos da era cristã. Os primeiros teólogos cristãos, incluindo Apóstolo Paulo e Santo Agostinho, ajudaram a definir as crenças fundamentais da religião (Ladd, 2010). Durante o século II da era cristã, os padres da Igreja, como Clemente de Alexandria e Irineu de Lyon, continuaram a desenvolver a teologia cristã, principalmente em relação às questões da natureza de Deus, da humanidade e da salvação (Cunha, 2019).

No século V, a teologia cristã atingiu seu auge com a obra de Santo Tomás de Aquino, um dos principais teólogos da história, responsável por integrar a filosofia aristotélica com as doutrinas cristãs, estabelecendo uma base para a teo-

logia escolástica que seria seguida por séculos (Libanio; Murad, 1996).

Com a Reforma Protestante no século XVI, ocorreu um impacto significativo na teologia cristã, resultando na ruptura com a tradição católica romana, dando início a um novo foco nas escrituras (Bobsin, 2002). Os teólogos protestantes, como Martinho Lutero e João Calvino, reformularam os ensinamentos cristãos estabelecidos pela Igreja Católica Romana, especialmente em relação à salvação e à autoridade da Igreja.

Nos séculos XVIII e XIX, a teologia foi influenciada pelo iluminismo e racionalismo, levando ao surgimento da teologia liberal que enfatizava a razão e a experiência pessoal em detrimento da autoridade religiosa (Schwöbel, 2004). Vale destacar que a teologia sistemática também se desenvolveu nesse período, com teólogos como Friedrich Schleiermacher e Karl Barth, buscando uma compreensão sistemática e científica da religião (Cunha, 2019).

No século XX, a teologia experimentou uma ampla variedade de desenvolvimentos, incluindo a teologia da libertação, que enfatiza a justiça social e a luta contra a opressão, e a teologia feminista, que critica as tradições patriarcais da religião. A teologia da morte de Deus, que enfatiza a morte simbólica

*Alexander Willian Azevedo*

de Deus na cultura secular, também emergiu durante este período (Vazquez, 1991).

Atualmente, a teologia continua a ser uma disciplina científica em constante evolução e influenciada pelas mudanças culturais e sociais, bem como pelas crenças religiosas em constante transformação (Velho, 2001). A teologia é rica e variada, abrangendo as diversas religiões, períodos históricos e movimentos teológicos, que moldaram o campo do pensamento científico.

A teologia em seus postulados modernos se preocupa em analisar as diferentes práticas religiosas, como rituais, cerimônias, interpretações de textos religiosos, e busca entender o seu significado e propósito, vislumbrando desempenhar um papel essencial no diálogo inter-religioso, construindo pontes entre as diferentes tradições religiosas, permitindo um maior entendimento e respeito mútuo (Lacoste, 2004).

## **Vozes culturais e teológicas das religiões afro-brasileiras**

As religiões afro-brasileiras surgiram a partir da fusão de elementos das religiões de matrizes africanas trazidas pelos es-

cravizados com a cultura e religião católica dos colonizadores portugueses. O candomblé, a umbanda e outras tradições menores são exemplos dessas religiões que são praticadas por milhões de pessoas no Brasil (Pontes, 2022).

Durante o período colonial, estima-se que cerca de quatro a cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil como escravos durante o período da escravidão, que durou do século XVI ao XIX, representando cerca de 40% de todo o tráfico negreiro transatlântico, forçados a abandonar suas crenças e práticas religiosas (Kinkupu, 2006). No entanto, essas práticas acabaram por ser incorporadas à cultura brasileira, formando a base do que hoje é conhecido como religião afro-brasileira.

Uma das principais religiões afro-brasileiras é o candomblé, que tem suas origens na região iorubá da África Ocidental (Bastide, 1972). O candomblé é uma religião animista, que acredita na existência de deuses e espíritos que interagem com o mundo dos vivos (Prandi, 2003). Durante o período colonial, os escravizados africanos eram proibidos de praticar suas próprias crenças, mas encontraram formas de manter suas tradições religiosas vivas (Augusto, 2002).

Uma das estratégias utilizadas pelos escravizados africanos foi a agregação de elementos de sua própria religião com os da

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

Igreja Católica Apostólica Romana. Desta forma, associaram santos católicos aos deuses e espíritos das religiões africanas, permitindo que continuassem a praticar suas crenças de forma secreta, como é possível observar, como exemplo, com o santo católico São Jorge, associado ao Orixá Ogum, que é o deus da guerra e dos ferreiros (Verger, 2002).

Com o tempo, as práticas religiosas de matriz africana se espalharam pelo Brasil e se tornaram parte integrante da cultura do país (Soares, 2001). O candomblé e outras religiões afro-brasileiras são praticadas atualmente por um número significativo de pessoas, embora seja difícil determinar o número exato de praticantes devido à falta de dados precisos e à natureza diversa dessas religiões. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012) estima que cerca de 1,5 milhão de brasileiros praticam religiões afro-brasileiras, que são vistas como uma forma de resistência cultural e de celebração da identidade.

A fusão das religiões africanas com a católica no Brasil gerou também um fenômeno religioso conhecido como umbanda, que surgiu no início do século XX, mais precisamente em 1908, na cidade do Rio de Janeiro, como resultado da mistura de elementos das religiões africanas, espíritas, católica e indígena (Prandi, 2000; Sá Junior, 2004).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras...*

O fundador da umbanda é geralmente considerado como Zélio Fernandino de Moraes, um jovem que, aos 17 anos, alegou ter recebido uma mensagem do espírito de um antigo indígena chamado Caboclo das Sete Encruzilhadas, que lhe instruiu a fundar uma nova religião. Seguindo essa mensagem, Zélio fundou o primeiro templo umbandista, conhecido como Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em 1908 (Oliveira, 2008; Pontes, 2022).

A umbanda se espalhou rapidamente pelo Brasil, principalmente nas décadas de 1930 e 1940, e se tornou uma das religiões mais populares do país. Com o tempo, a umbanda se diversificou em diversas linhas e vertentes, cada uma com suas próprias tradições e práticas (Brandão, 1980).

A crença central da umbanda é a existência de um Deus supremo, chamado de Olorum ou Zambi, que é responsável pela criação e manutenção do universo. Além disso, a umbanda também acredita na existência de uma série de entidades espirituais, que incluem orixás, guias, caboclos, pretos velhos (Pontes, 2022).

Os orixás são deuses ou divindades que representam diferentes aspectos da natureza e da vida humana. Já os guias são espíritos que se manifestam durante as cerimônias religiosas,

*Alexander Willian Azevedo*

oferecendo conselhos e orientações aos fiéis. Os caboclos são espíritos indígenas que simbolizam a força e a coragem, enquanto os pretos velhos são espíritos de antigos escravizados que oferecem sabedoria e compaixão (Prandi, 2001).

A umbanda é reconhecida como uma religião aberta e inclusiva, que acolhe todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, social ou religiosa; é vista como uma forma de promover a união e a fraternidade entre os seres humanos, bem como de buscar o equilíbrio e a harmonia com o mundo espiritual (Oliveira, 2008).

■ As cerimônias religiosas da umbanda são marcadas por cânticos, danças, oferendas e rituais de cura espiritual. Os umbandistas buscam aconselhamento e orientação dos espíritos que se manifestam durante as cerimônias, podem ouvir as mazelas, orientando a solucionar os mais variados problemas (Sá Junior, 2004).

Os umbandistas herdaram também a sacralização da natureza, de sua energia, de sua força e o conseqüente conceito da importância do ser humano estar em harmonia com a natureza, respeitá-la e preservá-la; assim como nela buscar a cura para os seus males, por meio do emprego de chás e garrafadas, banhos, defumações, unguentos e outros (Salles, 1991).

Apesar de ser uma religião que mistura elementos de diferentes tradições religiosas, a umbanda é vista como uma religião autônoma e independente. No entanto, a fusão das religiões africanas com a católica no Brasil enfrentou resistência durante décadas, sendo que seus praticantes foram perseguidos e diversas vezes presos por praticar suas crenças, até o ano 1976, quando o Estado brasileiro reconheceu oficialmente as religiões afro-brasileira (Sá Junior, 2004).

Hoje em dia, a fusão das religiões africanas com a Católica no Brasil é celebrada como uma forma de enriquecer a cultura do país, valorizar a identidade afro-brasileira e testemunhar a capacidade humana de se adaptar e encontrar formas de preservar suas crenças e tradições em face da adversidade (Prandi, 2001).

Dessarte, a teologia das religiões afro-brasileiras é um campo de estudo que busca entender as crenças e práticas dessas tradições. A teologia afro-brasileira reconhece a pluralidade religiosa e busca promover o diálogo inter-religioso e a convivência pacífica entre as diferentes tradições religiosas. Enfatiza a experiência religiosa pessoal, que é direta e imediata, através da incorporação de entidades espirituais, da música, da dança e outros rituais (Salles, 1991).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

Na teologia afro-brasileira, valoriza-se a experiência subjetiva compreendida em termos teológicos, identificando-se os diferentes aspectos do sagrado que se manifestam na relação entre os indivíduos e na construção de uma comunidade religiosa viva (Augusto, 2002).

Outra característica importante da teologia das religiões afro-brasileiras é sua ênfase na dimensão social da religião. Nas religiões afro-brasileiras, a religião é uma prática coletiva que une os membros da comunidade em torno de um conjunto de crenças e valores compartilhados (Prandi, 1996).

■ A teologia das religiões afro-brasileiras também busca compreender o papel dessas religiões desenvolvidas pelos escravizados, como uma forma de manter suas tradições culturais e religiosas vivas em um contexto de opressão e marginalização (Carvalho; Bairráo, 2019).

A partir da década de 1970, as religiões afro-brasileiras começaram a ganhar mais visibilidade na mídia e a chamar a atenção da comunidade acadêmica devido ao crescente número de adeptos (Oliveira, 2008). No entanto, antes disso, essas religiões eram marginalizadas no meio acadêmico, como afirmou o professor Reginaldo Prandi, da Universidade de São Paulo (USP), uma das maiores autoridades no assunto (Pon-

tes, 2022). Até a década de 1970, havia apenas cerca de doze estudos sobre as religiões afro-brasileiras, o que evidencia a falta de interesse e desprezo acadêmico por essas religiões (Sá Junior, 2004).

Esse desprezo acadêmico é alimentado pelo eurocentrismo, que desde as primeiras pesquisas de campo foi marcado por ódio, intolerância e exclusão, como evidenciado na obra do antropólogo e médico eugenista Raimundo Nina Rodrigues, radicado na Bahia no início do século XX, que defendia a ideia de que as raças humanas eram realidades distintas e não deveriam ser misturadas, pois isso geraria “descendentes degenerados”.

Essa postura eurocêntrica ignorava a riqueza cultural das religiões afro-brasileiras e sua importância histórica e social para a formação do Brasil. Atualmente, essa condição vem se alterando, apresentando um crescente interesse acadêmico pelas religiões afro-brasileiras, que são reconhecidas como patrimônio cultural do país, motivação da presente pesquisa (Velho, 2001).

*Alexander Willian Azevedo*

## **Percurso metodológico**

O estudo teve sua investigação desenvolvida com a abordagem de caráter exploratório descritivo, envolvendo a pesquisa bibliográfica, cujo objetivo foi explicitar o entendimento sobre a teologia e cultura das religiões afro-brasileiras.

Com relação à abordagem do problema, a pesquisa se caracteriza como quali-quantitativa, considerando o emprego da análise dos conceitos teóricos, que caracterizou na ordem qualitativa, e o levantamento dos dados, que forneceu um panorama quantitativo da literatura especializada, em teses e dissertações (Godoy, 2006).

A abordagem qualitativa, além de admitir desvelar os processos sociais, propiciou a construção de abordagens, revisão dos conceitos durante a investigação (Minayo, 2007). Dessa maneira, buscou-se na literatura especializada as bases teóricas sobre a teologia e cultura das religiões afro-brasileiras que ofereceram condições para refletir em diversos aspectos. Já a coleta de dados foi realizada através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), sem recorte temporal.

Para alcançar os objetivos propostos, analisaram-se nas teses e dissertações recuperadas na BDTD os elementos que evidenciaram um extrato dos estudos, no qual se fez classificação de variáveis de assuntos extraídos das palavras-chave, de pesquisadores com maiores índices de orientação na temática do estudo, de instituições e abrangência geográficas das publicações, buscando investigar as principais preocupações e os assuntos explorados nos estudos.

Sob o ponto de vista dos procedimentos metodológicos, o delineamento do *corpus* de análise deste estudo foi estruturado em quatro etapas, conforme Figura 1.

**Figura 1:** Etapas da pesquisa



**Fonte:** Autor (2023).

O levantamento bibliográfico foi realizado na plataforma da BDTD, abrangendo 21 teses de doutorado e 75 disserta-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

ções de mestrado compreendidas pelas pesquisas recuperadas, para análise dos estudos.

Desta forma, a coleta e processamento dos dados para análise da produção científica em teses e dissertações permitiu examinar o universo que norteia a temática do estudo, considerando que a busca foi efetuada junto à plataforma da BDTD, mediante seleção de pesquisas relacionadas a teologia e cultura das religiões afro-brasileiras.

O processamento e análise de dados dos conteúdos das teses e dissertações foi realizado com o auxílio do software Microsoft Office Excel, para registro das variáveis relacionadas à referência palavras-chave, pesquisador, orientador, vínculo institucional do pesquisador, instituições das publicações, ano da publicação e abrangência geográfica.

Na análise dos resultados, os principais elementos investigados em cada tese e dissertação foram as palavras-chave, pois sintetizam o assunto pesquisado. Entretanto, averiguaram-se também os títulos e resumos quando necessário, considerando que a temática explorada contém estudos de natureza complexa por se discutir pesquisas que tratam da teologia e cultura das religiões afro-brasileiras.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras...*

A discussão dos resultados pautou-se nos estudos analisados, que teve seus dados revisados, o que pode ser observado com o crescente interesse nas publicações no tema, podendo-se verificar as características dos estudos. Foi identificado um total de 96 pesquisas apresentadas na temática “teologia e cultura das religiões afro-brasileiras”, no qual se verificou que ocorreram variações de frequência, conforme se pode observar no quadro 1.

Na sequência, observa-se no ano de 2015 que as teses e dissertações contaram com assuntos diversificados de pesquisas, entre eles, podemos verificar o destaque nas abordagens do culto afro-brasileiras, desde suas práticas, rituais, vivências e preocupações conceituais de compreensão e conflito com outras religiões cristãs.

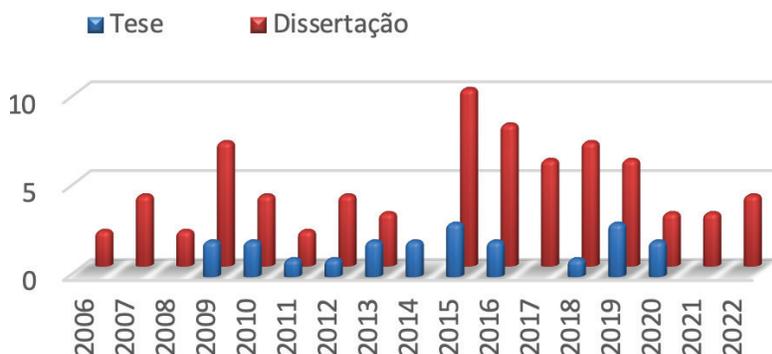
# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

**Quadro 1:** Distribuição de estudos de teses e dissertações publicados por ano na BTDT

Ano de Publicação	Monografia		$\Sigma$
	Tese	Dissertação	
2006	--	2	2
2007	--	4	4
2008	--	2	2
2009	2	7	9
2010	2	4	6
2011	1	2	3
2012	1	4	5
2013	2	3	5
2014	2	--	2
2015	3	10	13
2016	2	8	10
2017	--	6	6
2018	1	7	8
2019	3	6	9
2020	2	3	5
2021	--	3	3
2022	--	4	4
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>75</b>	<b>96</b>

*Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras...*



**Fonte:** Estruturado pelo autor. Dados da pesquisa (2023).

No ano de 2015, apesar da variedade de temas apresentados, foi possível constatar a predominância de discussões em torno do preconceito religioso em seus contextos históricos.

Em 2016, as pesquisas publicadas evidenciaram os temas na perspectiva conceitual da cultura das religiões afro-brasileiras, distinguindo a própria teologia, filosofia e a ética religiosa. Na Figura 2, foram sistematizados os assuntos mais abordados, evidenciados nas palavras-chave das teses e dissertações, apresentados em nuvem de *tags*.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

As palavras-chave dos artigos somaram um total de 53 termos, revelando os principais assuntos que representam os estudos, total esse que distribuímos por 6 categorias em destaque das palavras-chave apresentadas na Figura 2, que consideramos para análise de dados. Este procedimento metodológico norteou categorias de assunto de maior incidência.

A palavra-chave com maior índice de pesquisa foi “religiões afro-brasileiras”, com 38 estudos que versam nesta categoria. É relevante destacar que o campo científico da teologia que retrata mundo social, ética e cultural dos estudos da fé e das religiões busca estabelecer os diferentes sujeitos e realidades, corroborando na estruturação de abordagens das religiões afro-brasileiras, seja observando ou participando das modificações em sua estrutura. Portanto, esta categoria referencia pesquisas de estruturação da abordagem científica em estudos de religiões de matrizes afro-brasileiras, que estão agrupadas em conjunto de outros assuntos.



*Alexander Willian Azevedo*

Quanto à intolerância religiosa, as pesquisas analisadas se preocuparam com as questões em torno da ética, caracterizando-se em reflexões das tradições religiosas que têm suas raízes nas crenças e práticas trazidas pelos africanos escravizados para o Brasil durante o período colonial, que são frequentemente estigmatizados, ridicularizados e marginalizados pela sociedade. Destacam-se estudos com abordagens sobre o racismo associadas à cultura e à identidade afrodescendente, preconceitos e estereótipos raciais refletidos nas religiões afro-brasileiras.

Na categoria educação, podemos remeter aos estudos com abordagem educacional que buscaram apresentar o reconhecimento das crenças, práticas, histórias, valorização e preservação das aprendizagens das tradições religiosas, culturais e espirituais das comunidades afrodescendentes no Brasil, transmitidas ao longo de gerações, vislumbrando o empoderamento e afirmação identitária.

Segundo Pontes (2022), uma educação que valoriza a teologia e a cultura afro-brasileira busca combater o preconceito, a discriminação e a intolerância religiosa, promovendo a compreensão e o respeito mútuo entre diferentes tradições religiosas. Além disso, a educação contribui para a construção de

uma sociedade mais inclusiva, na qual as vozes e perspectivas afrodescendentes sejam ouvidas e valorizadas.

Desta forma, as pesquisas em 4 teses e 16 dissertações que tiveram a educação na perspectiva da teologia e cultura afro-brasileira buscaram resgatar a história dos ancestrais africanos, reafirmando sua importância e contribuição para a formação da identidade brasileira, através de práticas educacionais que incluem o estudo de mitos, rituais, danças, músicas e línguas africanas.

Referente aos estudos com abordagem da umbanda, as investigações tiveram tratamento de análises sobre a ótica inclusiva e sincretista, principalmente com enfoques da construção da consciência negra para o combate ao racismo estereotipado e preconceituoso associado à umbanda, buscando desmistificar a religião através de estudos e promover o respeito mútuo entre as diferentes tradições religiosas.

Também é destacada nos estudos em teses e dissertações recuperadas a umbanda sobre o prisma dos rituais, cantos, danças, rezas, oferendas, festas e celebrações como expressão da espiritualidade e da identidade umbandista, entrelaçadas com estudos de cunho históricos e metodológico.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

Ao se pautar sobre a categoria candomblé, as palavras-chave utilizadas nessa categoria ou se direcionavam ao termo em questão, ou correlacionavam-no com pesquisas em outras áreas do conhecimento, como a sociologia, antropologia, história e filosofia.

Sobre a diversidade de assuntos correlacionados nesta categoria, foi possível verificar a dinâmica em que ocorre os estudos em dissertações e teses com a temática do candomblé na teologia e cultura, que vislumbravam analisar as relações simbólicas das crenças, rituais, festividades, símbolos sagrados, música, dança, culinária, artesanato, vestuário, mitologia e cosmologia da religião de matriz africana.

Os apontamentos dos estudos também ressaltavam a investigação das relações entre os orixás, divindades veneradas no candomblé, e os seres humanos, bem como a língua iorubá, utilizada em muitos rituais e cantos do candomblé. A teologia do candomblé enfatiza a conexão entre o divino, a natureza e os seres humanos, explorando a investigação da importância dos ancestrais, dos elementos da natureza e das forças cósmicas.

Com relação aos pesquisadores que mais orientaram teses e dissertações na temática, foram identificados aqueles que tivessem mais de duas orientações concluídas. Destes, foram

*Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras...*

destacados 16 professores pesquisadores, considerando que 10 orientaram apenas duas pesquisas de mestrado sobre a temática da teologia e cultura das religiões afro-brasileiras, de modo que se pode classificá-los como novatos em programas de pós-graduação, com pouca contribuição.

Os pesquisadores orientadores que tiveram teses e dissertações publicadas com mais de duas orientações concluídas são apresentados na Tabela 1, com seu vínculo institucional.

**Tabela 1** – Pesquisadores que mais orientaram teses e dissertações na temática dos estudos de teologia e cultura das religiões afro-brasileiras (BDTD).

Autores	$\Sigma$
CAMPOS, Zuleica Dantas P. (Unicap)	14
CEZNE, Irene Dias de O. (PUC-Goiás)	6
VASCONCELOS, Sergio S. D. (Unicap)	6
SAMPAIO, Dilaine Soares (UFPB)	3
ARAGÃO, Gilbraz de Souza (Unicap)	3
TAVARES, Fátima Regina G. (UFBA)	3
BRITO, Enio José da Costa (PUC-SP)	2
RIBEIRO, Claudio de Oliveira (UMESP)	2

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

Autores	$\Sigma$
TORRES, Ana Raquel Rosas (UFPB)	2
ABUMANSSUR, Edin Sued (PUC-SP)	2
FREITAS, Luiz A. Signates (PUC-Goiás)	2
PEREIRA, João Baptista B. (Mackenzie)	2
CRUZ, Eduardo Rodrigues da (PUC-SP)	2
CASTRO, Ricardo Vieiralves de (UERJ)	2
GUERRIERO, Silas (PUC-SP)	2
BERKENBROCK, Volney José (UFJF)	2

**Fonte:** Dados da pesquisa (2023).

A partir dos dados expostos, ressaltam-se os pesquisadores Zuleica Dantas P. Campos (Unicap), Irene Dias de O. Cezne (PUC-Goiás), Sergio Sezino Douets Vasconcelos (Unicap), como os que obtiveram maiores índices de orientação em teses e dissertações sobre teologia e cultura de religiões afro-brasileiras, o que evidencia colaborarem com publicações em parcerias com seus orientados.

Dessa maneira, percebe-se a existência de um grupo de 16 professores/pesquisadores dedicados à temática, cujas publicações denotam que suas práticas de pesquisas são focadas e constantes na comunidade científica.

Cabe ressaltar o cuidado em que área da teologia deve se salvaguardar para que não ocorra “O Efeito Mateus<sup>2</sup>” na produção científica de seus pesquisadores, ou seja, segundo essa teoria, os mais produtivos tendem a ser mais reconhecidos por acumularem um maior volume de capital científico e assim influenciam o estatuto científico da área (Bourdieu, 2004). Salientando que uma área só conquista um alto grau de institucionalização científica a partir do momento que seus pesquisadores socializam e compartilhem seu baluarte teórico e metodológico.

Com relação à vinculação institucional das pesquisas em teses e dissertações, identificou-se um total de 20 instituições, dessas, 5 instituições tiveram apenas uma publicação no período analisado, conforme pode ser observado no Quadro 2. Entre as instituições mais produtivas, destacam-se a Univer-

---

2. O efeito Mateus é uma tese enunciada por Robert Merton (1973) que faz alusão ao evangelho de Mateus, ao se tratar de um fenômeno social que enfatiza que os pesquisadores mais renomados tendem a receber mais reconhecimento e recursos financeiros por suas atividades acadêmicas (Merton, 1977). Segundo o evangelho de Mateus, no capítulo 25, versículo 29, descreve: **“A todo aquele que acredita mais fé lhe será dada em abundância; e daquele que não crê lhe será tirado”**.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

sidade Católica de Pernambuco (UNICAP), com 22 (21%) pesquisas publicadas na BDTD e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com 16 publicações.

**Quadro 2** - Instituições das publicações das teses e dissertações.

Instituição	Publicação		Σ
	Tese	Dissertação	
 Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)	1	21	22
 Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	4	12	16
 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	4	5	9
 Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)	3	5	8
 Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	2	3	5
 Universidade de São Paulo (USP)	1	4	5
 Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)	--	4	4
 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	2	2	4
 Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie)	--	3	3
 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	1	2	3
 Universidade Federal da Bahia (UFBA)	--	3	3
 Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	--	3	3
 Faculdade EST	2	--	2
 Universidade Federal de Sergipe (UFS)	--	2	2
 Universidade de Brasília (UnB) /  Universidade do Porto/Portugal	--	2	2
 Universidade Federal do Paraná (UFPR)	1	--	1
 Universidade Estadual de Goiás (UEG)	--	1	1
 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	--	1	1
 Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	--	1	1
 Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	--	1	1
<b>Total Geral</b>			<b>96</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa (2023).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras...*

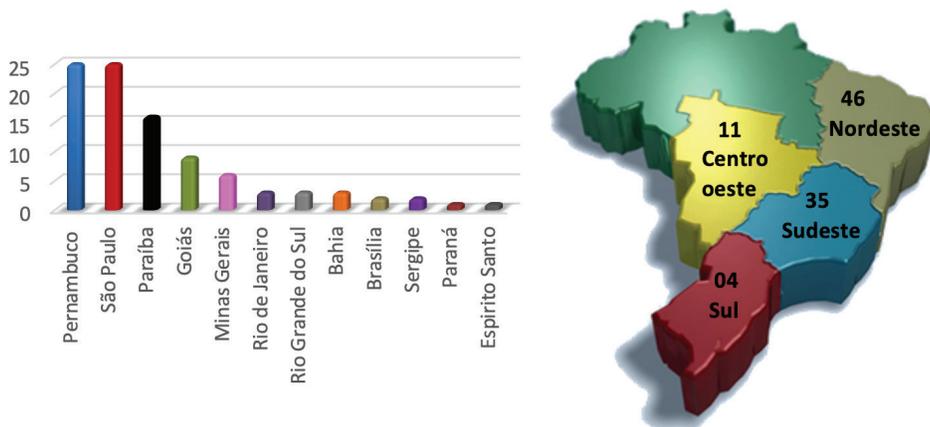
É prudente salientar que o interesse das pesquisas se concentrou nos dados de instituição, com base nas informações levantadas na Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações. Desta forma, ficou evidenciado que as pesquisas coletadas foram realizadas em instituições públicas, tanto em esfera federal como estadual, como também em instituições de ensino privado.

Também é importante destacar, a partir dos dados coletados, a presença de uma única exceção de instituição estrangeira participando no programa de doutorado sanduíche na Universidade do Porto/Portugal, que está registrado no ministério da educação portuguesa como instituição de ensino superior público.

Ressalta-se o interesse das instituições de diversas localidades geográficas do Brasil em debruçarem-se nas questões que envolvem a teologia e cultura das religiões afro-brasileiras, com destaque das instituições da região nordeste, com 46 (44%) pesquisas, e região sudeste, com 35 (33%) das publicações em teses e dissertações.

*Alexander Willian Azevedo*

**Figura 3** - Abrangência geográfica das teses e dissertações recuperadas na BDTD.



**Fonte:** Dados da pesquisa (2023)

Os aspectos enfatizados nesta pesquisa buscaram contribuir para conhecer a realidade científica de um grupo temático, a partir de sua sociedade científica, como também certificar a dinâmica e a relação existente entre assuntos, pesquisadores e instituições, constructos científicos da teologia.

A partir das análises apresentadas, foi possível observar que a consolidação dos estudos sobre a teologia e cultura das religiões afro-brasileiras pode ser investigada em múltiplos enfoques.

## Considerações finais

O estudo buscou explorar as teses e dissertações com a temática da teologia e cultura das religiões afro-brasileiras, destacando a importância destas pesquisas para a compreensão e valorização destas tradições. Foram apresentadas e analisadas as principais contribuições e descobertas encontradas na abordagem proposta.

As teses e dissertações sobre teologia e cultura das religiões afro-brasileiras têm desempenhado um papel fundamental na ampliação do conhecimento acadêmico sobre essas tradições. Por meio desses estudos, pesquisadores têm investigado e documentado aspectos teológicos, rituais, simbólicos e culturais das religiões afro-brasileiras, oferecendo uma visão mais aprofundada e abrangente sobre sua complexidade e diversidade.

Uma das principais contribuições dessas pesquisas é a desconstrução de estereótipos e preconceitos que cercam as religiões afro-brasileiras. Ao analisar de forma crítica e embasada os fundamentos teológicos e culturais dessas religiões, os estudos acadêmicos têm ajudado a desmistificar visões distorcidas e a promover um diálogo mais respeitoso e inclusivo.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

Além disso, as teses e dissertações têm revelado a profunda relação entre a teologia afro-brasileira e a construção da identidade e da cultura brasileira. Ao investigar como essas religiões influenciam a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo, os estudos têm mostrado como as religiões afro-brasileiras são partes integrantes do tecido social e cultural do país.

As pesquisas também têm destacado a importância da preservação e valorização das tradições religiosas afro-brasileiras como patrimônio cultural. Ao documentar rituais, festas, músicas e danças, os estudos acadêmicos têm contribuído para a salvaguarda dessas expressões culturais únicas, promovendo a valorização e o respeito pela diversidade religiosa e cultural do Brasil.

Em conclusão, as teses e dissertações sobre teologia e cultura das religiões afro-brasileiras têm desempenhado um papel crucial na ampliação do conhecimento e na promoção do respeito e valorização das tradições religiosas afro-brasileiras. Essas pesquisas têm contribuído para a desconstrução de estereótipos, para a compreensão da influência dessas religiões na identidade e cultura brasileira e para a preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro.

## Referências

- AUGUSTO, A. M. Cultura religiosa e ciências da religião: uma abordagem entre a crença tradicional e as experiências múltiplas do Sagrado. *Revista Uniclár*, v.1, n.1, p. 10-28, 2002.
- BASTIDE, R. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BOBSIN, O. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI/PPL/IEPG, 2002.
- BOFF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BRANDÃO, C. R. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CARVALHO, J.B.B; BAIRRÃO, J.F.M.H. *Umbanda e quimbanda: alternativa negra à moral branca*. *Psicol. USP*, v.30, n.1, 2019.
- CONGAR, Y. *Que é a teologia?* São Paulo: Paulinas, 2015.
- CROATTO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CUNHA, M. *A natureza da teologia: ensaios de teologia sistemática*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- GODOY, A. A. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C.K.; MELO,

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

R.; SILVA, A. B. (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006, p.115-146.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KINKUPU, L. S. *Para uma inculturação doutrinal no cristianismo africano*. Petrópolis: Vozes, n. 317, p. 53-64, de 2006.

LADD, G. E. *Teologia do novo testamento*. São Paulo: Hagnos, 2010

LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004.

LIBANIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.

MENDONÇA, A. G. A cientificidade da teologia e das ciências da religião. In: \_\_\_\_\_. *Pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Paulo: Umesp, 1997, p. 49-54.

MERTON, R. Análise estrutural em sociologia, In: BLAU, P. *Introdução ao estudo da teoria social*. Rio de Janeiro, Zahar.

MINAYO, M.C. S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 2007.

OLIVEIRA, J. H. M. de. *Das macumbas à umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira*. Limeira: Ed. do Conhecimento, 2008.

PONTES, G. de Sá. *Transformações das religiosidades negras no Brasil: a*

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Teologia e cultura de religiões afro-brasileiras...*

contribuição da umbanda iniciática em Francisco Rivas Neto. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.

PRANDI, R. *Segredos Guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PRANDI, R. *Encantaria brasileira: livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista USP*, n. 43, p. 52-65, 2000.

PRANDI, R. As religiões negras na sociedade branca. *Revista USP*, n. 28, p. 64-83, 1996.

SALLES, N. R. *Rituais negros e caboclos: da origem, da crença e da prática do candomblé, pajelança, catimbó, toré, umbanda, jurema e outros*. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1991.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. *A invenção da alva nação umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

SCHWÖBEL, C. *O que é teologia?* São Leopoldo: Sinodal, 2004.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Alexander Willian Azevedo*

SOARES, A. M.L. *Sincretismo e inculturação: pressupostos para uma aproximação teológico-pastoral às religiões afro-brasileiras*, buscados na epistemologia de Juan Luis Segundo. São Bernardo do Campo: Umesp, 2001.

VAZ, H. C. de L. Religião e modernidade filosófica. *Síntese nova fase*, n. 53, p.147-165, 2002.

VAZQUEZ, M. U. I. Teologia e antropologia: aliança ou conflito? *Perspectiva Teológica*, v. 23, p. 163-174, 1991.

VELHO, O. O que a religião pode fazer pelas ciências sociais. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *A(s) ciências da religião no Brasil: a afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, p. 233-250, 2001.

VERGER, P. F. *Orixás*. Salvador: Corrupio, 2002.



# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Abordagens pedagógicas e gestão escolar: valorização da diversidade étnico-racial

*Gabriele Alves de Lima<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este tema aborda a importância das estratégias pedagógicas e da gestão escolar adaptadas para lidar com a diversidade étnico-racial no ambiente educacional. Compreender e integrar a diversidade étnica e cultural dos estudantes é essencial para promover um ambiente escolar inclusivo. Esse contexto demanda práticas pedagógicas flexíveis, políticas

---

1. Professora titular em Sociologia e Antropologia do Depto de Antropologia, do Programa de Pós Graduação em História Social e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. Coordenadora do Larm (Laboratório das religiões e movimentos migratórios/CNPQ); juntamente com Linda Van de Kamp e Martijn Oosterbahn escreveu o livro *Global Trajectories of Brazilian Religions*. Lusopheres, pela editora Bloomsbury, e tem publicado artigos sobre religiões afro-brasileiras no contexto nacional e transnacional. E-mail: joana.bahia@gmail.com.

*Gabriele Alves de Lima*

educacionais sensíveis à diversidade e gestores escolares comprometidos com a equidade. Explora-se também como abordagens inclusivas e políticas de gestão escolar voltadas para a diversidade podem contribuir para um ambiente educacional mais igualitário, respeitoso e que valorize as diferentes origens étnico-raciais dos estudantes. Essa perspectiva pautou-se em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo por autores como: Gomes (2011), Macedo (2016), Lima e Siqueira (2012) e Paro (2023). As indagações aqui postas requerem um compromisso contínuo com a formação de professores, revisão curricular e práticas pedagógicas que respeitem e celebrem a diversidade étnico-racial, visando garantir um ensino de qualidade para todos os estudantes, independentemente de sua origem cultural ou étnica.

**Palavras-chave:** Gestão Escolar. Diversidade Étnico-racial.

## Introdução

A diversidade étnico-racial é um bem incontestável em qualquer sociedade. No contexto educacional, essa diversidade se manifesta de maneira singular, trazendo consigo de-

safios e oportunidades individuais para a construção de um ambiente escolar inclusivo, equitativo e enriquecedor para todos os envolvidos. O tema das abordagens pedagógicas e gestão escolar em relação à valorização da diversidade étnico-racial tornou-se crucial em um mundo cada vez mais globalizado e pluralista.

Neste contexto, a escola desempenha um papel essencial como agente de transformação social, promovendo não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também a compreensão, o respeito e a valorização das diferentes origens étnicas e culturais presentes em seu corpo discente e na comunidade em que está inserida.

Os apontamentos sugerem a seguinte problemática: quais obstáculos dificultam a implementação de práticas pedagógicas sobre as ações da gestão escolar a serem sensíveis à diversidade étnico-racial nas escolas e como isso pode ser modificado? Visando isso, esta pesquisa justifica-se pelas reflexões e assuntos já discutidos por outros autores, na tentativa de efetivar a valorização e atender à diversidade étnico-racial em uma sociedade mais plural, além de compreender como a diversidade étnico-racial influencia as políticas e práticas da gestão escolar.

*Gabriele Alves de Lima*

Com isso, esta pesquisa busca examinar as práticas pedagógicas da gestão escolar existentes, identificando suas abordagens em relação à diversidade étnico-racial. Como objetivos específicos elencam-se: 1. identificar as barreiras e desafios que impedem a implementação de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade étnico-racial; 2. investigar como a diversidade étnico-racial influencia as políticas e práticas de gestão escolar; 3. explorar estratégias de envolvimento para apoiar a diversidade étnico-racial na escola. Orientando, assim, a investigações mais detalhadas sobre como promover a valorização da diversidade étnico-racial através de abordagens pedagógicas e práticas da gestão escolar.

A pesquisa pautou-se em um caminho metodológico de cunho exploratório e qualitativo sobre a análise de documentos bibliográficos que, segundo Gil (2008, p. 50 e 51):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e [...] se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto[...].” A pesquisa, no entanto, contou com os fundamentos teóricos de Gomes (2011), Macedo (2016), Lima e Siqueira (2012) e Paro (2023), que problematizam a

*Abordagens pedagógicas e gestão escolar*

práxis pedagógica da gestão escolar e em outros olhares o desenvolvimento de práticas sobre as relações étnico-raciais.

Esta pesquisa visa explorar como as abordagens pedagógicas e a gestão escolar podem se adaptar e evoluir para envolver essa diversidade étnico-racial. Analisaremos como as práticas pedagógicas inclusivas, a revisão curricular, a capacitação docente e as políticas de gestão escolar podem ser estrategicamente desenvolvidas para refletir a pluralidade étnica e cultural, visando criar um ambiente escolar onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados.

## **Desafios na implementação da diversidade das relações étnico-raciais**

A implementação de práticas pedagógicas que contribuam para a efetivação das relações étnico-raciais, do respeito às diferenças e da integração dessa diversidade é fator fundamental para se ter uma escola mais plural, aberta e efetiva nas práticas das políticas públicas. Contudo, esse cenário se torna desafiador no contexto escolar. Azevedo e Charlot

*Gabriele Alves de Lima*

(2022, p. 44) já sinalizam que: “[...] diante de uma sociedade marcada por contradições e violência, é preciso que a escola atente para as diretrizes curriculares nacionais voltadas para questões de inclusão e diversidade.”. Embora atualmente apresentem-se mudanças e políticas efetivas, na prática essa realidade é diferente.

Um desses desafios é a falta de capacitação dos profissionais para lidar com a diversidade étnica trabalhando a temática apenas em datas específicas, trazendo a imagem do negro como figura representativa, sem levar em consideração as contribuições e o destaque da sua importância na construção da sociedade. De acordo com Macedo (2016), essa reflexão levanta não só uma atitude omissa ao contexto em que muitas escolas públicas no Brasil se encontram, mas também aponta a carência de projetos e planejamentos de ações que busquem trabalhar a temática nas instituições.

Nesse contraponto, a falta de políticas públicas claras, de recursos e apoio institucional colabora ainda mais para esses fatores negativos. A Lei nº 10.639/2003 foi um passo importante nessa construção de uma sociedade mais plural, pois incluiria agora os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira que deverão ser ministrados em todo o currículo

nacional, permitindo que os(as) estudantes possam reconhecer as diferentes culturas, tais como ajudar no enfrentamento do racismo estrutural e na valorização do respeito étnico-racial.

Além disso, outro desafio que se coloca é a resistência em ter que fazer mudanças ou criar projetos internos que valorizem esse multiculturalismo. Gomes (2011, p. 119) já aponta essa dificuldade, que

[...] deve-se não somente à novidade do tema no campo da gestão e da política educacional. Ela está relacionada à existência e à persistência de um imaginário conservador em relação à diversidade e à questão racial do qual partilham vários gestores de sistema de ensino e das escolas (e intelectuais da área). Permanece ainda entre os gestores a tendência de hierarquização das desigualdades, e, nesse caso, a desigualdade racial aparece subsumida à socioeconômica.

Nisso, frisamos a falta de material didático para a promoção de aulas diferentes, pois muitas vezes os assuntos sobre a diversidade multicultural, afro-brasileira e as contribuições do negro na sociedade não são abordados de maneira adequada, trazendo uma visão superficial sobre as questões raciais e étnicas. Tanto na gestão escolar como nessas relações das

*Gabriele Alves de Lima*

políticas que devem ser colocadas em prática, entra a participação, na qual:

[...] deve estar voltada a mecanismos de condições favoráveis para sua execução. Exemplo disso, seria bons recursos ofertados pelo Estado que permitissem melhores situações aos professores, boas condições de trabalho, além do reajuste salarial adequado, recursos didático-pedagógicos e formação continuada aos professores voltada à educação. (Lima e Siqueira, 2021, p. 2939)

Essa participação, quando não efetiva, condiciona os indivíduos a permanecerem como estão, mas as tomadas de decisões não dependem somente do Estado como núcleo macro como também das esferas municipais (micro) na distribuição de recursos para as escolas públicas. Chegando a isso temos: “[...] que todas as ações a serem tomadas pela gestão escolar devem ser orientadas para prestação de serviços que atendam aos interesses da sociedade.” (Macedo, 2016, p. 119). Assim, essas ações afirmativas podem contribuir para menos desigualdade e mais equidade, pois tão somente a igualdade não resultaria em mudanças importantes para tais comportamentos, mas aderir à equidade no contexto escolar traria desembaraços para uma educação mais inclusiva.

Paro (2023) expressa também que esses desafios podem resultar em culpa “no produto final” relacionada aos professores, uma vez que os(as) estudantes se sentiriam desmotivados, pela desigualdade que prevalece no ambiente escolar, e os professores, por seu despreparo, acabariam se invalidando dessa culpa, apenas falando que o(a) aluno(a) não queria aprender. Com isso, o autor indaga que a “[...] falta de interesse do aluno como justificativa para o mau desempenho escolar precisa ser combatida de forma radical porque ela implica a própria renúncia da escola a uma de suas funções mais essenciais.” (Paro, 2023, p. 36).

Com isso, nesse contexto, crenças arraigadas, estereotipadas e os preconceitos podem dificultar a adoção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade étnico-racial, impedindo avanços significativos nesse sentido. Entretanto, a identificação desses desafios pode ajudar o reconhecimento dessas barreiras, facilitando o direito à educação cultural na construção social.

*Gabriele Alves de Lima*

## **Influência da diversidade étnico-racial nas políticas e práticas da gestão escolar**

A diversidade étnico-racial é um importante ponto para se trabalhar no ambiente escolar, pois traz consigo vivências, explorações de um povo, como também sua cultura, pertencimento e preceitos. Essas experiências, quando vivenciadas na escola, permitem aos estudantes se reconhecerem e entenderem muitas outras culturas, evitando o racismo, a desigualdade e as problemáticas que podem vir a surgir. Carneiro (2015, p. 74) corrobora com esse pensamento quando diz que:

A gestão democrática do ensino público é fundamental para a ultrapassagem de práticas sociais alicerçadas na exclusão, na discriminação e na apartação social. Práticas que inviabilizam a construção histórico-social dos sujeitos.

Com isso, percebemos a importância do papel do negro na sociedade, não apenas como instrumento de estudo, mas entendendo seu papel na construção social. E os currículos escolares precisam de reformulação, a partir das políticas de segregação, incluindo também o continente africano como

*Abordagens pedagógicas e gestão escolar*

parte da construção de identidade dos próprios estudantes. Nunes (2011, p. 40) corrobora dizendo:

[...] ser necessário dar visibilidade ao negro nos currículos escolares, tratando-o enquanto sujeito histórico. Para isso se faz necessário, portanto, uma ampla reformulação curricular que tenha como base contribuições no âmbito da filosofia, antropologia, sociologia, religião, história, geografia e da cultura. É preciso romper com o modelo pedagógico vigente, dando voz a negros no interior da escola, possibilitando-lhes discutir um novo projeto educativo, mais humano e igualitário que contemple as contribuições das várias etnias que compõem a história brasileira. ■

Trazendo em síntese também a pauta da gestão escolar, que poderia ser o que flexibilizasse a garantia de se trabalhar essa reformulação dentro do ambiente escolar, na qual Carneiro (2015, p. 71) trata sobre o conceito de gestão nos espaços educativos sendo:

[...] o da construção da cidadania que inclui: autonomia, participação, construção compartilhada dos níveis de decisão e posicionamento crítico em contraposição à ideia de subalternidade. Este é o valor que nos faz construir a escola-cidadã que nada tem a ver com um

*Gabriele Alves de Lima*

modelo burocrático, tradicional, tecnicista e excludente que, em muitos casos, prevalece.

Nesses apontamentos, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola deve ser uma construção coletiva, pesquisas historicamente construídas, inclusão de projetos voltados às relações étnico-raciais e refinando esse perpetuamento do racismo estrutural que acaba se institucionalizando também dentro dos documentos norteadores da escola ou a sua omissão no silenciamento dos mesmos. Nunes (2011, p. 43) introduz que, dentro do espaço escolar “[...] enquanto uma instituição que tem o papel de organizar, socializar e transmitir o conhecimento sobre a história, a cultura e a sociedade pode se transformar em um importante local onde essa visão negativa sobre o negro pode ser superada.”. A autora diz que a escola que oportuniza no seu contexto as experiências pode ser o meio de inserção de ruptura da desigualdade, isso quando alinhada às políticas públicas e à flexibilização dos currículos que a gestão pode adaptar de acordo com as necessidades da escola.

Diante dessas definições, buscamos compreender de que forma os projetos de lei, como as políticas públicas, podem facilitar o seu cumprimento no contexto escolar. Com isso, a abordagem dentro dessa influência étnico-racial não deve ser

apenas o “saber fazer”, mas a apropriação dessa cultura, como já sinalizava Paro (2023).

No Brasil, as políticas públicas relacionadas às relações étnico-raciais tiveram avanços consideráveis desde a década de 1990 até os dias atuais. Essas políticas foram fundamentais para reconhecer, valorizar e promover a equidade para os diferentes grupos étnicos presentes na sociedade brasileira.

A representatividade e diversidade do público escolar podem levar a políticas de valorização e nas práticas da gestão. Projetos podem ser elaborados a partir de perspectivas educacionais. Consequente a isso temos as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (DCNs), a Lei n. 10.639 de 2003, já citada anteriormente, a Lei nº 11.645, que permite não só a implementação da cultura afro, mas também o estudo dos povos indígenas dentro dos currículos de ensino fundamental e médio, deixando ainda por fora a obrigatoriedade nos cursos de ensino superior na formação de professores. Entretanto, é importante estar atento a esses projetos, pois, como refere Gomes (2011, p. 114):

[...] os PCNs têm forte apelo conteudista, o que pressupõe a crença de que a inserção de “temas sociais”, transversalizando o currículo,

*Gabriele Alves de Lima*

seria suficiente para introduzir pedagogicamente questões que dizem respeito a posicionamentos políticos, ideologias, preconceitos, discriminação, racismo e tocam diretamente na subjetividade e no imaginário social e pedagógico.

Contudo, essa investigação quanto à influência para identificar as melhores medidas de valorização das políticas públicas deve partir de acordo com as necessidades do contexto escolar.

Em 2003, foi criada a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), que tinha como objetivo formular e coordenar políticas para a promoção da igualdade racial. Essa secretaria desempenhou um papel crucial na implementação de políticas afirmativas, como ações de combate ao racismo, programas de inclusão social, promoção do acesso à educação e mercado de trabalho para a população afrodescendente e outros grupos étnicos historicamente marginalizados.

Outra iniciativa relevante é o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), que estabelece diretrizes e medidas para a promoção da igualdade racial. Esse Estatuto prevê a implementação de políticas específicas para combater o racismo e as desigualdades, assim como promover a valorização da diversidade étnico-racial em diferentes esferas da socieda-

de brasileira.

Por meio desta, as políticas públicas voltadas às relações étnico-raciais são meios necessários para o avanço do combate à desigualdade racial e o racismo estrutural na sociedade. Implementar isso dentro do espaço escolar fomenta uma ruptura nesse processo de desigualdade e contribui para uma formação mais humana e equitativa.

## **Estratégias de envolvimento para a diversidade étnico-racial na escola**

As estratégias para envolver os(as) estudantes como todos da comunidade escolar vão além de apenas projetos em dias específicos no ano, não tirando a representatividade e demarcação da força que essas datas carregam, mas que somente elas não são integradoras para se trabalhar a diversidade e as relações étnico-raciais. Contudo, estratégias que visem um espaço de respeito, valorização e pertencimento podem ser mais facilitadoras na execução do ensino-aprendizagem e integradoras quando trabalhadas várias vezes durante o ano.

*Gabriele Alves de Lima*

Paro (2023, p. 119) dá voz ao que deve se estabelecer nessas relações dentro do currículo entendendo que: “Para as políticas públicas em educação isso deve significar uma afirmação radical da função escolar de formação para a democracia, com projetos e medidas que adotem essa função de forma explícita e planejada.”. Ou seja, isso implicará nas mudanças dos diálogos, na transformação da educação, de modo que os(as) estudantes trabalhem sua criticidade, mas o autor frisa ainda que deve existir “a necessária coerência entre discurso e o que a realidade exige.” (2023, p. 119, grifo nosso).

■ Uma das estratégias que podem ser utilizadas é promover ações afirmativas que reconheçam a diversidade étnico-racial. Isso pode incluir a realização de eventos, semanas culturais ou atividades educativas que destaquem a contribuição de diferentes grupos étnicos para a sociedade. Estas iniciativas não só promovem o respeito mútuo entre os estudantes, mas também fortalecem o sentimento de pertencimento de cada um na comunidade escolar. Lima e Siqueira (2021, p. 2942) já afirmam trazendo a perspectiva de que:

[...] todos naquele espaço fazem parte dos dobramentos de ensino[...]. Esse pensamento reforça ainda mais que a gestão educacional

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

## *Abordagens pedagógicas e gestão escolar*

engloba todos os domínios da escola, atendendo aos pais, alunos e funcionários como agentes participativos e colaborando estabelecer objetivos para o ensino-aprendizagem.

Além disso, programas de ações afirmativas, como cotas raciais em universidades e concursos públicos, surgiram como estratégias para diminuir as desigualdades e ampliar o acesso desses grupos à educação superior e a oportunidades de emprego.

A importância desse debate se faz necessário porque, de acordo com Azevedo e Charlot (2002), a sociedade é caracterizada por aspectos como racismo, falta de inclusão, homofobia e machismo, que influenciam as interações sociais. Desde muito cedo, elas são expostas à violência figurativa, tanto no ambiente privado quanto no público, o que inclui a instituição escolar. Frisa-se, assim, que a escola deve ser o lugar de construção do respeito e da valorização das diferentes culturas.

A diversidade étnico-racial pode ser levada à conscientização e formação continuada para gestores e professores, pois isso poderia moldar a forma como lidariam com os(as) estudantes no desenvolvimento dessas políticas. Assim, essa influência pode ser vista por meio dos materiais didático-pe-

*Gabriele Alves de Lima*

dagógicos que estão sendo utilizados como promoção a essa valorização: não deve apenas existir no conteudismo que prevalece nos livros de história.

Visando isso, outro fator seria entrelaçar as relações com a comunidade em que a escola está inserida, trazendo convidados para realizar palestras, como também incluir os próprios pais dos(as) estudantes nos projetos. Arroyo (2010) entende ainda que a presença afirmativa dos grupos marginalizados expressa um significado imenso de pertencimento e apoderamento não apenas de espaços físicos, como terras, territórios, instituições, escolas e universidades, mas também do espaço público e urbano, demonstrando uma busca por representatividade e inclusão social.

A revisão curricular adentra outro ponto importante nas estratégias para se ater à diversidade dentro da escola. De que forma o currículo transpõe estratégias da valorização da cultura afro-brasileira, africana, quilombola e indígena? Os povos negros por vezes foram negligenciados durante a trajetória da construção da sociedade até os dias de hoje. Os currículos não somente precisam da implementação das leis já existentes como da reestruturação dos seus projetos escolares internos, visando à necessidade da comunidade em que a escola está in-

serida. Aderindo também a formas de acompanhamento sobre essas ações, a fim de garantir sua efetivação.

Nessa perspectiva, os livros didáticos são importantes recursos, quando os mesmos permitem essa troca de informação aprofundando em conhecimentos voltados ao povo negro. Nunes (2011) entende que é através da ancestralidade de um povo que é perpetuado seu pertencimento e suas tradições que são passadas de geração em geração. As práticas rituais são um dos meios pelos quais a população negra expressa seu senso de pertencimento étnico. Além disso, a linguagem corporal, incluindo gestos, cânticos, danças e outros elementos, é uma forma de expressão que mantém raízes profundas na ancestralidade e se relaciona intimamente com o sagrado para esses grupos étnicos (Nunes, 2011).

Visando isso, os livros didáticos quando inseridos de maneira para trabalhar a representatividade, colaboram para quebrar estereótipos e preconceitos historicamente construídos. Além de valorizar as contribuições culturais, a valorização das origens negras e uma compreensão maior dentro da sociedade em que vivemos.

Ademais, o envolvimento para se promover uma diversidade maior dentro dos assuntos escolares deve se dar de forma

*Gabriele Alves de Lima*

contínua, envolvendo a formação continuada dos educadores, participação da comunidade escolar, implementação das políticas dentro da escola, recursos para além do livro didático e espaços de diálogos.

## Conclusão

O reconhecimento das diferentes culturas e trajetórias étnico-raciais no currículo escolar é de fundamental importância para se ter uma educação que propicie às crianças o desenvolvimento de pensamentos para reconhecer e valorizar esse multiculturalismo existente na sociedade.

A gestão escolar desempenha papel importante nessas tomadas de decisões, colocando em prática ações afirmativas dentro do ambiente escolar, palestras, espaços multiculturais, projetos de inclusão cultural, resgatando também a valorização do país africano dentro dos assuntos escolares. Com isso, a escolha dos livros didáticos almeja um passo importante para essa construção. Contudo, somente isso limita o pensamento do aluno, assim como trabalhar a temática apenas em datas específicas, não reconhecendo integralmente o valor do trabalho à diversidade.

*Abordagens pedagógicas e gestão escolar*

No entanto, uma educação que valorize as questões étnico-raciais deve perpassar o ambiente escolar ou os muros desse espaço institucional. Um pilar importante seria a participação da comunidade escolar como um todo priorizando palestras, abordagens pedagógicas, em promoção à equidade, valorização e pluralidade cultural e étnica. Como também levar os(as) estudantes a outros espaços, visando essa construção crítica de pertencimento de um povo. Tornando assim a escola um lugar propício ao respeito, identidade e reconhecimento sem julgamento das diferenças.

Portanto, a valorização da diversidade étnico-racial não deve ser apenas um discurso, mas sim uma prática constante e efetiva na educação, garantindo que todos os alunos sejam respeitados em sua identidade cultural e étnica, contribuindo assim para uma sociedade mais inclusiva e plural.

*Gabriele Alves de Lima*

## Referências

- ARROYO, Miguel G. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010.
- AZEVEDO, Crislane Barbosa; CHARLOT, Bernard. Educação e diversidade nas percepções de professores e gestores escolares. *Rev. e-Curriculum*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 40-69, jan./mar. 2022.
- BRASIL. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 3 dez. 2023.
- BRASIL. *Lei nº 11.645*, de 10 de março de 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 3 dez. 2023.
- BRASIL. *Lei nº 12.288/2010*, de 20 de julho de 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm). Acesso em: 4 dez. 2023.
- CARNEIRO, Moacir Alves. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. 23. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

## *Abordagens pedagógicas e gestão escolar*

educação brasileira: desafios, políticas e práticas. *RBPAAE – Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 27, n. 1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA; João Ferreira; TOSCHI, Seabra Mirza. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 10. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, Gabriele Alves; SIQUEIRA, Luiz Carlos Carvalho. Da administração à gestão: reflexões sobre democracia participativa na escola. *In: Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco*, 8., 2021, Pernambuco. *Anais*. Pernambuco: Fundação Joaquim Nabuco, 2021. Artigos, p. 2933-2945. ISSN 2176-8153. ■

MACEDO, Aldenora. A gestão escolar democrática e a implementação da educação antirracista na escola. *Rev. Espaço Acadêmico*. n. 187. Dezembro, 2016.

NUNES, Cicera. A cultura de base africana e sua relação com a educação escolar. *Revista Metáfora Educacional* (ISSN 1809-2705) – versão on-line, n. 10., jun./2011. p. 38-50. Disponível em: <http://www.val-deci.bio.br/revista.html>. Acesso em: 4 dez. 2023.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão, política, economia e ética na educação*. São Paulo: FEUSP, 2023.





REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

**A poética do recomeço: a retomada  
da tradição das esculturas  
afro-brasileiras, a partir da obra  
de César Bahia ou...  
Se o cânone hegemônico  
existente não nos abarca,  
façamos o seguinte:  
quebremos o cânone existente  
e criemos o nosso próprio cânone**

*José Eduardo Ferreira Santos<sup>1</sup>*

---

1. Pedagogo (UCSAL), mestre em Psicologia (UFBA), doutor em Saúde Pública (ISC-UFBA), pós-doutor em Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ). Curador e responsável, com Vilma Santos, pelo Acervo da Laje. E-mail: ferreirasantosensor@gmail.com

*José Eduardo Ferreira Santos*

**Resumo:** o presente artigo trata-se de uma comunicação realizada no II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: poéticas da diáspora africana (2023), na mesa intitulada “Quando penso no futuro não esqueço o meu passado”, realizada em Cachoeira, Bahia, acerca da produção do escultor César Bahia, que no momento atual está expondo, pelo Acervo da Laje, no Museu de Arte do Rio, retomando uma tradição das esculturas afro-brasileiras que tem larga origem no Brasil e em particular na Bahia, particularmente a partir da obra de escultores negros, como Otávio Bahia (1943-2010), pai de César Bahia, mas, mais anterior ainda, na obra de artistas invisibilizados e de renomados como Agnaldo Manuel dos Santos (1926-1962), Rubem Valentim (1922-1991), Emanuel Araújo (1940-2022) e a obra de Manuel Querino (1851-1923), apontando para artistas da contemporaneidade.

## Introdução

Sobre as epistemologias negras é necessário afirmar as poéticas existentes em seus artistas e suas obras e é necessário não banalizar ou esquecer quem nos precedeu. Essa perspec-

*A poética do recomeço*

tiva torna necessário o conceito de poética como o instante consagrado da criação e advém do escritor e poeta mexicano Octávio Paz.

Nessas epistemologias negras é preciso incorporar as dimensões do sonho, da beleza, da criação e da curadoria das nossas produções e também criar espaços de memória dessa produção como espaços de enfrentamento frente aos apagamentos.

O esforço de apresentar a contribuição negra nas artes vem, na Bahia, através de Manuel Querino (2018a; 2018b) em seus livros *Artistas Bahianos* (1909) e *As artes na Bahia* (1909), republicados recentemente pela Câmara Municipal de Salvador, e do baiano Emanuel Araujo (1988), em seu monumental e incontornável livro *A mão afro-brasileira*, assim como o Museu Afro Brasil, Emanuel Araujo, recém-nomeado Emanuel Araújo, por conta do seu falecimento.

**Maravilha! A exposição “César Bahia:  
uma poética do recomeço” é uma maravilha!**

Talvez sejamos um povo que ainda não está acostumado a nomear o excedente, e, por isso, faço-o agora: a exposição

*José Eduardo Ferreira Santos*

de César Bahia no Museu de Arte do Rio é uma experiência que talvez estejamos presenciando de forma inaugural: é uma experiência de maravilha no sentido filosófico, estético, da beleza, da unidade na diversidade, na expografia, curadoria, seleção de obras, enfim, em tudo.

Quando estamos diante da experiência da maravilha, não temos palavras para descrevê-la e toda história, postagem e vídeo dessa exposição que recebemos tem algo de inexplicável e maravilhoso em seu contexto.

■ Não estávamos preparados para algo assim e esse algo aconteceu: a exposição das obras de César Bahia que fazem parte do Acervo da Laje tem uma unidade e diversidade que impressionam pela monumentalidade, diversidade, estética e deslumbre que não estamos acostumados a presenciar, pois, talvez, nossos olhos e sentidos não estejam acostumados a essa experiência. Essa exposição toca o sublime e o mistério, e tudo isso a torna muito original e única. É um acontecimento para o Brasil e o Mundo. Tudo opera para que sua beleza chame de volta a nós categorias como o sublime, o belo, o monumental, o Brasil, o mistério e algo que nos pertence que não podemos falar...

Algo do inefável habita essa exposição.

*A poética do recomeço*

O Brasil se mostra ali de forma única, como um carinho do Brasil para a sua criação popular, tão vilipendiada e reduzida, que foi preciso torná-la sensível, delicada e exuberante para que nos reconheçamos nela.

Sem explicações, ela nos arrebatava com sua preciosidade.

Com requintes de presenças ancestrais, ela nos provoca a adentrar os mistérios da fé que tanto nos circunda e o urbano tem retirado de nós essa experiência de pertencimento.

## Antecedentes

Neste precioso momento de retomada das artes negras no Brasil, principalmente com as recentes exposições promovidas pela galeria paulista Almeida e Dale (2022), de Rubem Valentim (1922-1991) e Agnaldo Manoel dos Santos no eixo Rio-São Paulo e ambas chegando a Salvador, enxergamos ser este o momento de uma proposição de artistas escultores da periferia de Salvador, que historicamente foram invisibilizados, a exemplo do lendário escultor Otávio Bahia e do mais esquecido ainda, o notável Adilson Baiano Paciência, cuja obra, que se destaca pelo seu ineditismo, se encontra somente no Acervo da Laje.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*José Eduardo Ferreira Santos*

De acordo com a curadora da exposição de Agnaldo Manoel dos Santos, Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua (2021), sua obra aponta para a modernidade da escultura negra em madeira baiana e brasileira e certamente ele é um marco balizado pelo cânone das artes, reconhecido por outros grandes nomes das artes.

Depois de Agnaldo, a escultura afro-baiana tem seu auge em inventividade e produção contínua em dois polos do estado da Bahia: em Cachoeira, onde estamos, com as famílias de Doidão, Louco, Louco Filho, Mimo, Dory e uma miríade de continuadores dessa produção em madeira que se renova, como podemos ainda perceber.

[Por focar, nesta comunicação, na produção escultórica em madeira, não podemos deixar de citar as contribuições em outras linguagens, como o ferro com José Adário, em Salvador, Mestre Didi, também em Salvador, ou Tamba e sua família, trabalhando com cerâmica, em Cachoeira. Mas fica para outra oportunidade...]

De outro lado tivemos a produção também profícua da família de Otávio Bahia, escultor nascido em Alagoinhas, Bahia, mas que produziu por décadas no bairro Fazenda Cou-tos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

*A poética do recomeço*

Tanto Otávio quanto Doidão, Louco e a produção escultórica presente na cidade de Cachoeira povoaram o imaginário local, nacional e internacional com suas esculturas de Orixás, santos, máscaras etc., comercializadas por eles ou por outrem (atravessadores) em diversas lojas das cidades, assim como no Mercado Modelo e na Feira de São Joaquim, como ainda podemos encontrar a produção profícua do que podemos chamar de escola escultórica de Cachoeira, que ainda continua, o mesmo não acontecendo com a escola escultórica da família de Otávio Bahia, no subúrbio de Salvador, pois, após a sua morte em 2010, a maioria dos seus filhos e filhas, que também esculpiam, foi deixando para trás o ofício, sendo Nilceia, sua filha, continuadora do ofício em Embu das Artes (São Paulo) e César Bahia, aqui, no subúrbio de Salvador.

É importante frisar que a obra de Otávio Bahia e família, quando em vida, primava pela excelência, diversidade de produção, além do acabamento impecável, dado que ele – Otávio Bahia – mantinha uma oficina completa, com todas as ferramentas e equipamentos necessários para essa produção que era exportada para o Brasil e o mundo.

Após a sua morte, a oficina, seus maquinários, sua memória fotográfica e rascunhos, tudo se perdeu em pouquíssimo

*José Eduardo Ferreira Santos*

tempo, assim como suas obras tornaram-se raras ou falsificadas, ou, ainda, difíceis de encontrar, principalmente após a escrita que elaborei sobre sua obra (cerca de uma lauda) e que se tornou o texto-base presente nos leilões, o que fez com que as esculturas e máscaras ganhassem outros patamares de preço e procura.

Otávio Bahia fazia obras sob encomenda de terreiros, de galeristas famosos e exigentes como a Galeria Africana, que era localizada no Mercado Modelo e hoje não existe mais.

### ▪ César Bahia e a poética do recomeço: precedentes

Após a morte de Otávio Bahia, César, um dos seus filhos que o ajudava no ofício da escultura, viu-se compelido a sobreviver com aquele ofício herdado do pai e já sem o precioso maquinário e todo o processo de elaboração que antes tinha uma linha de produção. Viu-se impelido a recomeçar a esculpir de maneira manual e artesanal, isto é, indo às matas retirar as madeiras e moldar as obras com formão, marreta e ao modo antigo: desenhando na própria madeira a obra a ser esculpida,

já sem os requintes e preciosismos do pai, mas agora com a sua marca.

## **César Bahia e a sua obra no Acervo da Laje**

Após a morte de Otávio Bahia, saímos à procura de suas obras e nos deparamos com as obras de seus filhos, sendo que somente César Bahia continuou a esculpir e conseguimos ainda encontrar suas obras no Mercado Modelo e a comprar em suas mãos desde o ano de 2010.

Geralmente, a obra de César Bahia se resumia ao que ele aprendeu com o pai: a feitura de máscaras e esculturas de orixás e máscaras tribais, ou seja, ainda as obras presentes do imaginário paterno.

Descobrimos, nestes anos, a sua desvalorização por parte dos vendedores do Mercado Modelo, que compravam suas obras a baixo custo para revendê-las pelo triplo ou mais do preço, por exemplo.

Mas o agravante era a baixa qualidade da madeira, que não era curtida ou curada – como o seu pai fazia tinha – e tem – um impacto no resultado final das obras, pois as mesmas,

*José Eduardo Ferreira Santos*

dada a baixa qualidade acima referida da madeira, racham, contendo brocas e cupins, e muitas delas tinham que ser restauradas por ele, gerando uma recusa na aquisição, por parte desses vendedores.

No entanto, nos últimos treze anos (2010-2023), nós, do Acervo da Laje, insistimos em comprar as obras, primeiro no Mercado Modelo e depois diretamente nas mãos do artista, por um preço justo, sem atravessadores.

Nos últimos anos passamos a lhe sugerir novas temáticas, como ex-votos e cabeças, o que resultou em uma novidade no seu percurso artístico.

Neste sentido, é no Acervo da Laje que hoje repousa e transita grande parte da sua obra, produzida sob encomenda.

## **A poética do recomeço – ou quando não há cânone criamos o cânone, quebramos o antigo e propomos nossas poéticas**

Por poética do recomeço entendo essa força contínua da criação e produção artística presente na população negra e que muitas vezes é reduzida ao conceito (nada contra) de

*A poética do recomeço*

“artesanato” ou “arte menor”, pois muitas vezes a existência do cânone seleciona e dita quem dele faz e fará parte, por conta de diversos arranjos e interesses, inclusive e, principalmente, econômicos.

A exposição “César Bahia: uma poética do recomeço” tem uma história quando da visita do curador Marcelo Campos ao Acervo da Laje e visita aos ateliês dos artistas Ray Bahia (Periperi) e César Bahia (Fazenda Coutos). No carro emprestado de Edinho estávamos Vilma, Fabrício, André, Marcelo Campos e eu. Então Fabrício pergunta a Marcelo sobre a possibilidade do Acervo da Laje expor no Museu de Arte do Rio, ao que no mesmo tempo Marcelo diz que é possível e pede um projeto para o plano anual do Museu.

Depois disso começam as tratativas para a realização da exposição, que contou com o registro fotográfico de todas as obras, em um total de 240 máscaras e esculturas, realizado por Fabrício Cumming, Alder Oliveira e Kailane Lopes nas duas casas do Acervo da Laje.

Após o envio das fotos e assinatura dos documentos para a exposição as museólogas Railda e Renilda são contratadas para a realização dos laudos e o transporte da obra foi feito pela Art Quality.

*José Eduardo Ferreira Santos*

Com curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Thayná Trindade, Amanda Rezende e Jean Carlos Azous, a exposição tem a expografia luxuosa de Gisele de Paula, toda ela em cor azul-meia-noite, realçando a beleza e o mistério das obras, isto é, revelando-as de uma maneira nunca vista, provocando a percepção de uma unidade e diversidade que enche os olhos dos visitantes.

A mostra ficará de abril de 2023 a outubro do mesmo ano e tem sido muito bem recebida pelas pessoas.

## ▪ **Poética do recomeço: César Bahia**

Poética do recomeço foi o nome que demos à exposição que ora acontece no Museu de Arte do Rio com obras do artista César Bahia, do bairro Fazenda Coutos, filho do escultor Otávio Bahia.

Por poética do recomeço defino-a como são as formas de elaboração estética e artística da população negra e periférica diante de várias expressões de invisibilidade deste povo e sua arte.

Nesta poética o artista, sem perder a sua origem, reinventa-se trazendo elementos da sua ancestralidade (o pai, o povo

*A poética do recomeço*

baiano, a África, os saberes, a religiosidade de matriz africana, as mães etc.), sempre utilizando os materiais que hoje estão disponíveis para o seu fazer (a madeira ainda verde, o uso manual do formão, do martelo etc.), motivo pelo qual as obras tendem a se partir no tempo, com fissuras as mais variadas.

O recomeço é o mote da existência, assim como é o mote da obra: sempre há algo por fazer, o que é uma insistência em viver e atuar.

Em César Bahia tudo está presente, a despeito das suas condições materiais precárias, a arte vem como uma forma de enfrentamento, afirmando existências e resistências em um país que se tornou nos últimos anos a “vanguarda do atraso” e que agora volta a sonhar.

Em meio ao caos César Bahia foi estimulado por nós, do Acervo da Laje – e a muitos artistas –, a continuar, pois criar é, por si, um exercício da vida.

Ver a sua primeira exposição individual no MAR é algo da órbita do acontecimento do que foi a obra dos mestres Biquiba Guarany e Agnaldo Manuel dos Santos, sem comparações, claro, mas sair do Mercado Modelo, passar pelo Acervo da Laje, dele ir para o MAM Rio, MAM Bahia, SESC Pompeia e agora no MAR é algo instigante de como a arte

*José Eduardo Ferreira Santos*

do povo negro e das periferias se reinventam e começam a ocupar lugares inimagináveis se pensarmos em como opera o sistema de arte e quem valida quem é ou não artista, tudo isso com privilégios.

Neste sentido precisamos começar a criar nossos sistemas de validação das nossas artes, isto é: consagrá-las no nosso tempo e para além dele, no nosso lugar e para além dele, sem medo das precariedades, mas apostando na criação de movimentos estéticos que rompam as hegemonias, fazendo nossas e novas curadorias, sem esquecer a dor e tudo o que nos violenta, denunciar e recomeçar, sempre.

## **Atualizando a arte de César Bahia**

Falar da obra do escultor César Bahia (Salvador, 1964), depois de treze anos de existência do Acervo da Laje e seu colecionismo de obras do referido artista, é fazer algumas reflexões sobre como criar em condições adversas, ou seja, como, apesar das dificuldades e da impermanência, das fissuras e precariedades, as obras insistem em existir, povoar o imaginário do território suburbano, da Bahia e do mundo, graças à insistente

*A poética do recomeço*

força que emerge da necessidade de existir, sobreviver e viver da própria arte.

César Francisco dos Santos, que adotou o mesmo sobrenome artístico do pai, Otávio Bahia, cresceu em meio à descoberta do seu pai, que, de carpinteiro, descobriu-se artesão e logo depois artista da escultura em madeira, vindo de uma família de escultores de Alagoinhas, Bahia. Afirmam que trabalhou com dona Lina Bo Bardi no que seria o Museu de Arte Popular, hoje MAM Bahia, no Solar do Unhão, assim como trabalhou como carpinteiro no Museu Carlos Costa Pinto. Na casa, localizada no bairro Fazenda Coutos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, o pai tinha uma oficina-escola completa de escultura que cuidava desde a cura das madeiras, o uso de maquinário, acabamento e pintura das obras mais diversas que eram vendidas em lojas do Mercado Modelo e disputadas por muitos colecionadores, chegando a rivalizar, segundo uma grande especialista em escultura popular da Bahia, com a tradicional e contínua escola escultórica de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, iniciada por Boaventura Silva Filho, conhecido como Louco, e seguida por seus filhos, netos, parentes e amigo.

Agnaldo Manoel dos Santos, Doidão e Otávio Bahia constituíram o tripé da moderna escultura popular da Bahia

*José Eduardo Ferreira Santos*

e agora apresentamos a obra de César Bahia, que dá continuidade e frescor a essa produção, utilizando como ferramentas simbólicas a memória herdada de seu pai, as tradições afro-brasileiras e as religiões de matriz africana, que são, ainda, sua principal referência.

Sobre a elaboração das obras é preciso informar que todas são feitas manualmente, com o mínimo maquinário possível, e o artista ainda vai às matas do Subúrbio Ferroviário escolher as madeiras com seu machado, dando continuidade a uma tecnologia ancestral que a urbanização ainda não conseguiu apagar com o seu desordenamento predatório, pois neste mesmo Subúrbio Ferroviário de Salvador ainda temos as matas, cachoeiras, fontes, rios, mangues, mares e lagoas, em locais que são historicamente de resistência ancestral, como o antigo Quilombo do Urubu, no atual Parque São Bartolomeu, outrora chefiado pela guerreira Zeferina no século XIX.

Nos últimos anos, a obra de César Bahia tem sido vista em espaços como o Acervo da Laje (2010-2023), o MAM Rio (2021-2022), na exposição *A memória é uma invenção*, com curadoria de Keyna Eleison, Pablo Lafuente e Beatriz Lemos, no MAM Bahia (2022), na exposição *Subúrbio: uma exposição em três atos*, com curadoria de Vilma e Santos e José Eduardo

*A poética do recomeço*

Ferreira Santos, e no Sesc Pompeia (2022-2023), na exposição *A parábola do progresso*, com coordenação curatorial de Lisette Lagnado, curadoria adjunta de André Pitol e Yudi Rafael, e agora chegam ao Museu de Arte do Rio, em sua primeira exposição individual.

## Texto da exposição

Nesta exposição são apresentadas cerca de 240 obras escultóricas em madeira, elaboradas nos últimos treze anos (2010-2023), coincidindo com o mesmo período de existência do Acervo da Laje, Casa – Museu – Escola, localizada no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que tem provocado questões como a descentralização dos espaços museais, democratizando o acesso às artes, memórias e estéticas produzidas nos territórios periféricos, construindo futuros no presente, através da força criativa que as vidas periféricas manifestam e também mostra a periferia como expoente de elaborações estéticas, lugar de criação e produção de memórias negras e ancestrais, pois o que o tempo não apaga é porque a memória é uma fissura no entalhe da vida.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*José Eduardo Ferreira Santos*

As esculturas aqui apresentadas, como a vida e a arte, têm suas imperfeições, seus movimentos e são perturbadas pela ação do tempo, que lhes confere formas, deformações e plasticidades observáveis para quem tem olhos para ver, rever, viver.

Orixás, máscaras, esculturas e ex-votos, além de criações arquetípicas do inconsciente inquieto do artista, são, para os olhos, estímulos para o exercício de novas leituras como desenhos de observação pedagógicos para a descoberta de novas possibilidades de criar a partir deste exercício do que é visível e se torna memorável.

Estamos diante de obras que carregam a poética do efêmero no eterno, das nossas ancestralidades. Daqueles assombros que o Brasil não pode mais apagar sob a égide do anonimato da arte popular, que, quando não tem a curadoria de quem partilha o mesmo território do artista, não consegue tirá-lo da invisibilidade da materialidade, mas da sua biografia, nome e sobrenome, tão importantes para existir, viver da arte e ter sua obra avaliada em vida.

As principais referências de César Bahia são as memórias das artes do seu pai, Otávio Bahia, da recriação das máscaras africanas que aqui chegaram há décadas passadas, quer em sua

*A poética do recomeço*

materialidade ou em revistas, livros e postais que traziam tais representações registradas, além dos pedidos dos terreiros de candomblé que foram os primeiros a valorizar, reconhecer e difundir essas representações em seus espaços sagrados e ancestrais, sendo que no Subúrbio Ferroviário de Salvador concentra-se o maior número de terreiros da cidade, traço este também muito significativo para a continuidade da obra de César Bahia, sendo que de sua família de artífices ele foi o único aqui em Salvador a dar continuidade a essa arte que dialoga com o sagrado e o artístico.

Em tempo, César Bahia é sobrinho do escultor Agenor, irmão de Otávio Bahia, que se mudou para Embu das Artes, em São Paulo, e fez carreira de famoso escultor. Hoje, Nilceia, irmã de César Bahia, na mesma cidade, continua a esculpir.

Nascido no bairro de Fazenda Coutos, o lugar, a despeito de sua precariedade, sempre foi um celeiro de artistas.

*José Eduardo Ferreira Santos*

## **A primeira coleção de arte africana que não foi feita na África e com autoria definida: concluindo...**

A exposição de César Bahia no Museu de Arte do Rio é uma das primeiras coleções de arte africana que não foi feita na África e que tem autoria definida, ao contrário de muitas coleções existentes no Brasil e que foram elaboradas na periferia de Salvador nos últimos treze anos, o que indica, como fomos indicando que é preciso, então a necessidade de criar outros cânones, mais autorais e com nossas curadorias, afro centradas.

Por fim, é preciso destacar que essa exposição, assim como a existência do Acervo da Laje, se insurge contra os apagamentos dos ditos cânones hegemônicos e apontando para a criação de novos cânones para as artes pretas e afrodiáspóricas, retomando marcos do legado afro-brasileiro, sua contemporaneidade e contribuições para o afrofuturismo, pensando, também, no lugar das periferias nas artes negras.

## Referências

- ARAUJO, Emanuel (org.) *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.
- BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. *Agnaldo Manuel dos Santos: a conquista da modernidade*. São Paulo: Almeida e Dale Galeria, 2021.
- ALMEIDA E DALE GALERIA. *Ilê Funfun: uma homenagem ao centenário de Rubem Valentim*. [Curadoria por] Daniel Rangel. São Paulo, 2022.
- QUERINO, Manuel. *Artistas Bahianos*. Salvador: Câmara Municipal: Press Color, 2018a.
- QUERINO, Manuel. *As artes na Bahia*. Apresentação Leo Prates. Salvador, Câmara Municipal: Press Color, 2018b.





# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico e o sagrado<sup>1</sup>

*Joana Bahia*<sup>2</sup>

*Caroline Moreira Vieira Dantas*<sup>3</sup>

---

1. O título se baseia na música *Corre Gira*, um samba-jongo de Zé Pitanga G-Silva, que fez parte do disco *Faramim Yemanjá* (Salve Iemanjá) da Gravadora Copacabana Disco, 1971. A canção menciona uma “Gira”, uma expressão umbandista que se refere a uma sessão com o objetivo de cultuar entidades religiosas do panteão umbandista, como caboclos, pretos velhos, exus, marinheiros, orixás, dentre outras.

2. Professora titular em Sociologia e Antropologia do Depto de Antropologia, do Programa de Pós Graduação em História Social e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. Coordenadora do Larm (Laboratório das religiões e movimentos migratórios/CNPQ); juntamente com Linda Van de Kamp e Martijn Oosterbahn escreveu o livro *Global Trajectories of Brazilian Religions*. Lusopheres, pela editora Bloomsbury, e tem publicado artigos sobre religiões afro-brasileiras no contexto nacional e transnacional. E-mail: joana.bahia@gmail.com.

3. Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

*Farlen de Jesus Nogueira<sup>4</sup>*

**Resumo:** O espaço público da cidade do Rio de Janeiro foi ocupado de múltiplas maneiras por Iemanjá e outros orixás do panteão das religiões afro-brasileiras. Este artigo irá analisar elementos sagrados transbordando para o universo festivo, musical e lúdico carioca. A festa de Iemanjá e a gravação de músicas abordando a entidade, com apropriações variadas, apontam formas de resistências das identidades culturais negras, marcando a presença do sagrado afro-brasileiro na vida urbana. Lançando mão de suas práticas rituais, líderes religiosos e praticantes ampliavam o universo de influência dos cultos, buscando legitimidade e reconhecimento social. Nos

---

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). E-mail: carolinemvieira.prof@gmail.com.

4. Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Bolsista FAPERJ. E-mail: farlennogueira@gmail.com.

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

enfrentamentos das intolerâncias, das desvalorizações e depreciações sociais, a presença de símbolos religiosos na cena pública exerce um papel preponderante para aproximar os cultos afro-brasileiros da população carioca.

**Palavras-chave:** Iemanjá; Religião e espaço público; simbológicas afro-religiosas e campo musical; Tancredo da Silva Pinto.

## Iemanjá no espaço público

Iemanjá é uma das deusas mais populares do panteão afro-brasileiro. Não apenas pela sua proximidade com o universo das festas populares, das canções, das histórias literárias e mágicas, das charges e do campo artístico, mas também porque tratar de seu imaginário nos remete aos vários espaços por onde sua imagem flana na cidade do Rio de Janeiro.

Nas entrevistas realizadas com vários pais e mães de santo dos terreiros mais antigos da cidade, a maioria se lembra dos anos 1970 como um momento de auge do crescimento das religiões afro-brasileiras em várias partes do país e, em especial, recorda da sua expansão para vários países da América Latina e depois para o exterior. Esse período é lembrado como

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

memória do ápice da religião e também como surgimento das oferendas nas praias, em especial, em Copacabana. A fim de contrapor e verificar se a memória que a maioria de pais e mães de santo tinha dos anos 1970 era, de fato, a de maior força popular, empreendemos uma pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que começou em fins do século XIX e foi até a década de 1990.

A princípio, verificamos que a memória dos pais e mães de santo era bastante seletiva e estava diretamente relacionada ao que chamavam de ápice da religião e de sua expansão pelo país e para o exterior a partir dos anos 1970 (Frigério, 1999; Segato, 1991, 1994, 1997; Oro, 1998; Pordeus Jr., 2000, 2009; Capone; Teisenhoffer, 2002; Bahia, 2012, 2013, 2014, 2015) e também ao calendário turístico da cidade, como se a celebração oficial do Ano Novo em Copacabana tivesse acabado com o encanto da religião. Muitos afirmam que o turismo cerceou as oferendas, em especial na orla de Copacabana e arredores, mas em momento nenhum atribuem o fato ao crescimento de outras religiões que lhe serão concorrentes, em especial, as pentecostais e as neopentecostais. Outro aspecto relevante para o qual também chamam atenção é a intolerância dos fiéis pentecostais e neopentecostais em relação às religiões

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

afro-brasileiras. Atitudes de intolerância foram mencionadas em entrevistas concedidas no início dos anos 1990, que tematizam as festas. Todavia, nos jornais, mesmo com vários casos evidenciados na cena pública, o tema só começou a ganhar mais força nos últimos dez anos. Com pouca visibilidade, as matérias de jornais preferem tratar dessas religiões sob o ponto de vista exclusivamente cultural. As práticas de intolerância aparecem com clareza em casos como a da pedrada na cabeça de uma criança quando esta saía de uma festa de orixá.<sup>5</sup>

O reordenamento do espaço urbano na história da cidade levou ao deslocamento da população pobre para as novas periferias, não levando em conta as possibilidades de reconstrução da memória da oferenda das flores para Iemanjá, ritual intrinsecamente associado à festa nas áreas litorâneas. Foi construída uma história do reordenamento da cidade e da ocupação pelas elites das áreas nobres, que passam a ser Copacabana, Leme, Ipanema e Leblon (Abreu, 1996; O'Donnell, 2013; Rodri-

---

5. Reportagem disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/vitima-de-intolerancia-religiosa-menina-de-11-anos-apedrejada-na-cabeca-apos-festa-de-candomble-16456208.html>. Acesso em: março de 2019.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

gues, 2009), mas as histórias de suas ruínas, da desocupação desses espaços e da ocupação de novas áreas periféricas pelas camadas populares não foram consideradas nessas narrativas, o que poderia desencadear a escrita de uma nova história social dos subúrbios cariocas.

Assim, apesar de muitos autores falarem do reordenamento urbano, quase nenhum deles tratou das ruínas das praias e do aterramento das mesmas como memórias das ofensas ao mar. Nem das novas formas de uso do espaço urbano das cachoeiras e dos rios localizados em áreas menos nobres da cidade.

Se alguns autores tratam do reordenamento do espaço urbano como obra das classes mais abastadas, por vezes a memória das demais camadas sociais só aparece nas contradições dessa redefinição do espaço urbano. Mas o que João do Rio<sup>6</sup> (1904) chamava de “a cidade do feitiço”, ou seja, o que de fato as camadas populares faziam nas horas vagas do tal reordenamento? Será que a história do reordenamento urbano trai, em parte, a memória daqueles que se deslocaram para as periferias?

---

6. João do Rio é pseudônimo de Paulo Barreto.

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Se, por um lado, alguns pais e mães de santo se lembram somente de Copacabana e da Zona Sul nos anos 1970, outros mostram que usavam muito bem os rios, as cachoeiras e as praias da Zona Norte e da Zona Oeste da cidade também na mesma época. Lembrando que a formação das roças, ou seja, dos espaços físicos dos terreiros, será fundamental para entender a ocupação desses novos lugares da cidade a partir dos anos 1930 e 1940 (Conduru, 2010; Barros, 2000). Poucos se remetem às memórias da infância, pois elas remetem aos preconceitos que sofriam.

Não obstante, admitem também que muitos de seus contrerêneos já haviam adquirido prestígio no meio social por terem como clientela em seus terreiros autoridades políticas. Há ainda nessas memórias de infância outras praias que não a de Copacabana. Nesses casos, as ruínas das praias, os aterramentos e as reconfigurações do espaço urbano são importantes na reconstrução da memória da cidade, seja essa seletivamente lembrada ou esquecida pelos seus atores sociais.

Temos relatos sobre as flores em Sepetiba e na Glória desde o século XIX, em especial, nas crônicas de João do Rio. Há também informações a partir das memórias de alguns pais de santo que remetem aos anos 1950, contemporâneos de Joãozi-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

nho da Goméia, que iam à Glória e ao Centro do Rio para fazer despachos, mas mencionam em particularmente a praia do Russel, na Glória.<sup>7</sup> O ritual das águas de Oxalá era realizado no mesmo período, décadas de 1940 e 1950, pelas comunidades afrorreligiosas do Estácio e do Maracanã, no Rio Maracanã. Cabe lembrar que havia a Praia da Ajuda, em frente à Cinelândia, e a Praia de Santa Luzia, em frente à Igreja de Santa Luzia,<sup>8</sup> que foram lentamente aterradas até os anos 1940. Não é

---

7. Antigamente se chamava praia Dom Pedro I, mudando de nome em 1869, localizando-se onde era o Hotel Glória. John Russel, empreendedor inglês, responsável pelo serviço de saneamento da cidade, morava em uma casa que foi demolida em 1920 para a construção do Hotel Glória em 1922. A Praia do Russel era uma continuação da Praia do Flamengo e desapareceu com a criação do Aterro do Flamengo na década de 1960. Ver: [https://http2.mlstatic.com/praias-do-russel-rio-de-janeiro-D\\_NQ\\_NP\\_18078MLB20148463416\\_082014F.jpg](https://http2.mlstatic.com/praias-do-russel-rio-de-janeiro-D_NQ_NP_18078MLB20148463416_082014F.jpg) Acesso em: 15 nov. 2016.

8. Além do templo religioso, também foi construída, na extinta praia, a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, fundada em meados do século XVI e em funcionamento até hoje no mesmo local, que na época era uma região considerada isolada, devido ao Morro do Castelo. No início do século XX, a praia de Santa Luzia era uma opção de lazer para a população carioca. Porém, em 1905, o prefeito

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

à toa que parte da boemia musical (Carvalho, 2015) se reunia naquele bairro em um de seus restaurantes mais tradicionais ao pé da Ladeira da Glória. Diversos músicos que circulavam

---

Pereira Passos mandou construir no local garagens para os barcos dos clubes de remo. Foi o início da descaracterização do espaço. Em 1922, com a derrubada do Morro do Castelo, foi construída a Esplanada do Castelo, mas ainda era possível nadar na praia de Santa Luzia, mesmo com a diminuição da faixa de areia. Na década de 1940, a ampliação do aterro para a construção do Aeroporto Santos Dumont eliminou o que restava da praia. Cabe ressaltar que, apesar de Copacabana ser considerada o lugar da “civilidade”, tendo o mar como elemento de construção do ambiente saudável, havia muitas praias que, ao longo do século XIX, foram desaparecendo com as reformas urbanas e com a construção do Centro como o lugar do trabalho e da modernidade. Praias como Dom Manuel e do Peixe, que ficavam uma de cada lado da Praça XV, bem como a própria praia em frente à Praça XV, que chegava perto da Rua Primeiro de Março no início da colonização, deixaram de existir. Entre a Praça XV e a Praça Mauá, tudo era uma faixa de praia, chamada de Prainha. Existiu também a praia do bairro da Saúde. Outros bairros que hoje compõem a zona portuária da cidade também perderam suas praias ou enseadas, caso de São Cristóvão, por exemplo. Ver: <http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/economia/milton-teixeira-fala-sobre-as-praias-que-foram-destruidas-no-rio-de-janeiro-79-4001>. Acesso em: 15 nov. 2016.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

pela cena artística carioca também frequentavam as festas da Glória e da Penha.

Dirigentes tanto da umbanda quanto do candomblé que foram entrevistados apontaram a partir de suas memórias o período entre os anos 1960 e 1970 como a origem das flores. Contudo, observando cronistas e jornais desde fins do século XIX, vemos que se tratava de enfatizar o momento que correspondia à ascensão e à expansão da religião, mas não necessariamente remetia à popularidade das flores ao mar.

Realizando pesquisas, especialmente nos jornais de 1940 e 1950, o quadro se altera significativamente. As memórias dos pais e mães de santo sobre as casas e terreiros são importantes para pensarmos muitas questões, mas lhes escaparam muitas décadas (Conduru, 2010; Barros, 2000). Nesse lapso temporal, foram fundadas roças de candomblé<sup>9</sup> e terreiros de

---

9. O espaço do terreiro que se expande nessa época não tem a mesma forma que possuía em fins do século XIX, quando estavam instalados no centro da cidade. Nesse momento, a comunidade se estrutura como roça. O que por um lado poderia parecer um transtorno, ou seja, o deslocamento do Centro para o subúrbio como algo imposto pelas reformas urbanas, por outro, conjuga aspectos da religião que

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

umbanda que colaboraram, de algum modo, para a popularidade das flores.

A fundação de terreiros nas periferias cariocas proporcionou uma organização importante para os cultos, que era mantida pela linha sucessória dos mesmos. A mobilidade nos espaços da cidade foi feita por um grupo consolidado em torno da sucessão da família de santo, passando a realizar os principais ritos em locais permitidos. Nesse sentido, os anos 1940 foram fundamentais, pois a organização em associações e em espaços próprios fez com que o candomblé e a umbanda crescessem e

---

são fundamentais para sua manutenção. O mato e a floresta passaram a compor a organização dos terreiros na cidade do Rio de Janeiro, reforçando a relação dos homens com a natureza e, conseqüentemente, com os orixás. Também passou a circunscrever o grupo religioso em determinadas áreas da cidade, protegendo-o da curiosidade dos não adeptos (Barros, 2000). O terreiro passou a ser estruturado por espaços externos e internos que demarcam setores que estão diretamente vinculados a uma cosmogonia. Incrições em muros brancos, jarros, garrafas, potes sobre portadas e bandeiras brancas surgiam inesperadamente em meio a árvores, muros e fios de eletricidade, e outras tantas coisas que constituíam uma simbologia urbana particular (Conduru, 2010, p. 195).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

organizassem melhor suas festas públicas e privadas, mesmo com a diversidade interna dessas religiões.

João do Rio, cronista e observador do seu tempo, descreveu minuciosamente lugares, ritos e personagens que frequentavam os diversos cultos da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, apontando relações baseadas em tensões, conflitos e interações sociais. Com emprego de uma linguagem irônica, e por vezes com posições preconceituosas, fez importantes observações sobre o universo religioso do Rio de Janeiro.

De acordo com seus escritos, “a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á.” (Barreto, 1951, p. 9).<sup>10</sup> Suas descrições nos fazem acreditar numa cidade em que a crença nos feitiços estaria disseminada e imbricada na vida das pessoas. Além disso, não tratava o “mundo dos feitiços”, título que atribui a um dos capítulos do seu livro *As religiões do Rio* (1906), como algo apartado da vida social. Ao contrário, propõe uma abordagem integradora, ressaltando as conexões com a cidade e com seus habitantes.

---

10. A primeira edição é do ano de 1906, da editora Garnier.

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Nas entrelinhas desse seu livro<sup>11</sup>, é perceptível a circulação entre as praias do Russel e de Santa Luzia<sup>12</sup>, assim como na Ilha do Governador e Tijuca (Fábrica das Chitas), onde eram realizados respectivamente os agrados à deusa do mar (chamada em seus textos de Mãe D'água) e a Oxum. João do Rio fez menção à festa de Iemanjá quando citou Tia Ciata, figura importante do samba e do Candomblé no período. Ainda em seus escritos fez paralelos entre as oferendas a Iemanjá e os cultos ao arco-íris. Ambos passaram a ser realizados pelos pescadores na praia de Sepetiba (Barreto, 1976, p. 70-71). Não obstante

---

11. O livro é o resultado de um conjunto de reportagens publicadas entre os meses de janeiro e março de 1904, no jornal *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro. Não obstante o autor explicitar em alguns momentos seus preconceitos em relação às religiões afro, esse texto nos possibilita uma reflexão sobre a natureza da experiência religiosa no contexto urbano brasileiro.

12. A entrevista realizada em fevereiro de 2015 com Pai Oswaldo de Xangô, filho de mãe Hilda, braço direito de mãe Menininha do Gantois, pertencente à tradição do Gantois, que tem terreiro em Santa Cruz da Serra, na cidade do Rio de Janeiro, confirma a partir da sua convivência com as tias baianas do Estácio a importância do bairro da Glória para as oferendas nas quatro primeiras décadas do século XX.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

a concentração do candomblé nessas áreas da cidade, o que se observa nos relatos do cronista, da virada do século XIX até as primeiras décadas do século XX, foi uma circulação entre esses espaços e as demais áreas da cidade. Pois, dependendo do feitiço, se recorreria às matas, às praias e/ou às cachoeiras.

Esse fato levava a uma intensa troca de conhecimento entre os babalaôs, detalhando os espaços naturais e sua urbe, pois, além de exercerem as funções religiosas, muitos trabalhavam em pequenos comércios, circulando por todos os cantos da cidade. A venda de doces e demais comidas na rua, os serviços de costura e de preparo de festas pelas “tias” e a consequente participação da comunidade baiana na criação de ranchos, nas festas católicas e nas irmandades na virada do século XIX para o XX levaram a presença dos cultos afro-brasileiros para além dos espaços do Centro do Rio. Isso atraiu outros grupos sociais e possibilitou a formação de redes que transitavam dentro e fora do campo religioso, não apenas na seara política e intelectual, mas em especial na artística e, por que não dizer, na musical. Vejamos como se dava a relação entre os habitantes da cidade e a percepção das oferendas a Iemanjá no espaço público. Em especial, com o crescimento da oferta de flores, velas e demais objetos em toda a orla do Estado.

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Em 12 de janeiro de 1954, o jornal *A Noite* (suplemento) publicou uma matéria de Adão Carrazonni sobre o hábito do carioca de ir às praias invocar a proteção de Iemanjá para o ano que se iniciaria. Em matéria de 19 de janeiro de 1954, assinada por L. A. Leal de Souza, temos a explicação da origem da religião como sendo africana e mostrando que não apenas os cariocas percorriam as praias de Ramos até a o Leblon. Mas também médiuns e cambonos<sup>13</sup> riscam o chão das barcas entre Rio e Niterói com suas pembas<sup>14</sup> e transformam-nas em altar de flores no último dia do ano.

O crescimento do movimento popular nas praias atraía outras camadas sociais, que saíam dos clubes na orla mais sofisticada, como a de Copacabana, e preferiam ver as flores ao mar<sup>15</sup>. Havia ainda a população de classe média branca que se

---

13. Auxiliar assistente de sacerdote ou dos médiuns incorporados na umbanda, na cabula e em outros cultos de influência Bantu (Cacciatore, 1977, p. 78).

14. Giz grosso com cola, em forma cônica, usado para riscar “pontos” que identificam a linha vibratória à qual a entidade pertence (Cacciatore, 1977, p. 221).

15. Nos anos 1940 e 1950, a partir do *Jornal do Brasil*, tornavam-se evidentes as mudanças na sociabilidade no bairro de Copacabana, sendo notória a irritação dos

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

convertia aos encantos de Iemanjá. Todas essas ambiguidades e incômodos aparecem nas matérias de jornais.

Se por um lado temos um grupo que mostra o aspecto sincrético como algo brasileiro e positivo, preocupação de muitos intelectuais<sup>16</sup>, por outro, havia aquele que tratava

---

clubes da orla que passavam a disputar a atenção com Iemanjá, que arrastava milhares de “curiosos” para o *Réveillon* carioca. A palavra “curiosos” foi citada no plural constantemente como forma de desqualificar a devoção e minimizar o impacto da massa de pessoas que frequentavam as praias e que são de fato fiéis. Mesmo muitos não sendo diretamente da umbanda, ofertavam flores à deusa.

16. A atuação de membros da Comissão Nacional de Folclore, nos periódicos analisados, mostrava que conferiam visibilidade tanto às oferendas à Iemanjá, como parte da cultura popular, quanto à discussão da religião de matriz africana como fundamental para se pensar uma concepção de cultura brasileira. Como exemplo podemos citar os textos de Mariza Lira, Câmara Cascudo e Basílio de Magalhães publicados nos jornais cariocas *Beira Mar*, *A Manhã* e *Cultura Política*. Havia também a divulgação dos estudos de antropólogos, como Nina Rodrigues, recorrente tanto nos estudos do folclore quanto na imprensa carioca, discutindo a ideia de nacionalidade pautada na religião, seja esta católica, seja esta já compreendida como sincrética. Existiam autores que se baseavam nas ideias de Gilberto Freyre,

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

da religião ressaltando seu aspecto mais africano. Essas não eram, necessariamente, posições polarizadas, mas em muitos casos produtoras de mais ambiguidades.<sup>17</sup> Se Iemanjá é mais africanizada por inicialmente fazer remissão a um orixá, sua imagem de uma deusa branca será identificada como mais próxima a uma santa da classe média católica. Essa mescla no seu perfil foi observada na descrição de Manuel Bandeira, quando a chamou de “sereia iorubana” (remissão ao mito

---

que viam no catolicismo o elemento de unidade nacional, e outros que arriscavam afirmar um sincretismo como ponto de partida para discussão de uma identidade nacional. Sobre o assunto, ver Bahia (2018).

17. Lísias Negrão (1996) expressou exatamente essa ambiguidade presente na história da umbanda que sempre se dividiu entre a cruz (símbolo da proximidade com o kardecismo) e a encruzilhada (ética baseada na magia africana). Também Ortiz (1991) tratou do “nascimento branco” da umbanda e a “morte do feiticeiro negro”. Ambos mostram que há uma gradação entre os terreiros mais próximos ao kardecismo e aqueles mais afeitos às práticas do candomblé. Uns estavam mais preocupados com a moralização das práticas rituais e com um ideal ético religioso, enquanto outros voltavam-se para os despachos e as demandas. De um lado, a caridade cristã e, de outro, a necessidade da cobrança, da demanda e de vencer os inimigos.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

da Iara), sendo agraciada “por uma loira bem vestida”. Várias imagens se misturam nessa descrição, mas elas se convergem para uma percepção católica, pois Bandeira mostrava que quem fazia parte do altar era Nossa Senhora da Conceição, ou seja, Iemanjá seria aceita desde que se convertesse em Nossa Senhora.

Em um trecho do *Jornal do Brasil*, de 3 de janeiro de 1959, Manuel Bandeira, parafraseando Arthur Ramos, remonta à Praça Onze como “a fronteira entre a cultura negra e a branco europeia”, mostrando o deslocamento para a orla marítima e fazendo com que a “sereia iorubana” tivesse uma sucessão de pequenos “altares de areia iluminados a velas entre as praias do Leme e do Leblon”. Mencionava assim a ida de moradores da Praça Onze à praia, como se estes não fossem ao mar desde o século XIX. Ou será que a praia da elite carioca teria se convertido em Praça Onze? E ainda relatou, na mesma matéria, o sincretismo e as misturas de classes e cores: “Às vezes trona sobre o altazinho numa simplificação do sincretismo religioso afro-católico uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. [...] Não pense que são todos negros os adoradores da deusa mãe. Não é raro ver-se recebendo o batismo do babalaô uma autêntica loira bem vestida”. Se as loiras iam às

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

praias e incorporavam Iemanjá, aproximando as fronteiras da chique orla de Copacabana e a Praça Onze, como circulavam os agentes sociais entre as simbologias afrorreligiosas e as musicalidades no cenário carioca?

Muitas matérias relacionavam Iemanjá ao universo da produção artística, celebrando-a na música, na literatura e nas artes de um modo geral. Como exemplo, em 1947, foi noticiada a comemoração do VI Concerto da Orquestra afro-brasileira pelo maestro negro Abigail Moura no auditório Alcindo Guanabara, em comemoração à Abolição da Escravatura. No programa musical de Gentil Puget<sup>18</sup>, chamado Iemanjá, foram previstos a invocação e o lamento.

## Iemanjá nos discos

O universo afrorreligioso configura-se como importante fonte de inspiração para a composição de músicas populares. Esse entrelaçamento foi identificado desde o início do processo de gravação de discos no Rio de Janeiro, com a Casa Edison,

---

18. Gentil Puget (1912- 1948) paraense, membro de uma geração de músicos de

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

nos primeiros anos do século XX. Além da gravação de canções ser um meio de angariar espaço, reconhecimento social e prestígio profissional, viabilizava canais para a comunicação de visões de mundo e vínculos identitários, como as simbologias do sagrado afro-brasileiro, dialogando com o mercado fonográfico ao longo da primeira metade do século XX (Vieira, 2010).

Músicas próximas de cânticos sagrados ou de inspiração nos espaços religiosos foram gravadas, utilizando a linguagem, a forma de pronunciar as palavras e os vocabulários muito semelhantes aos cultos. Ouvem-se falas iniciais em algumas canções como saudações aos respectivos orixás evocados e, ao final das canções, sons de encerramento de trabalhos espirituais com fundo musical, com ritmos e tambores. Nos versos de *Quilombô*, transcritos abaixo, de 1930, louvores e orixás, incluindo Iemanjá, eram evocados, extrapolando o universo sagrado:

---

formação erudita imbuídos dos ideais modernistas. Incorporou à sua produção artística o popular e o regional, buscando construir uma música que pretendia demarcar a identidade regional e nacional. Muitas de suas composições continham elementos da religiosidade afro-brasileira.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Quilomborirá / Quilomborirá / Da licença / Quilomborirá  
/ Prá saravá

Quilomborirá / Orixá / Quilomborirá/ Quilomborirá / Pro  
seu ganzá

Quilomborirá / Eu quero vê / Quilomborirá / Salve Ogum

Quilomborirá / Salve Exu

Quilomborirá / Ogum Megê / Quilomborirá / Quilombori-  
rá / Salve Xangô Quilomborirá / Ogum Megê / Quilombo-  
rirá Yemanjá / Quilomborirá Quilomborirá / Salve Omulu /  
Quilomborirá / Eu quero vê

Quilomborirá / Ogum Megê / Quilomborirá / Olha só<sup>19</sup>

Ao longo de toda a primeira metade do século XX foi possível identificar essas correlações entre musicalidades populares e religiosidades afro-brasileiras. Essas constatações demonstram que os cultos afro-brasileiros são dinâmicos e que suas práticas e representações estão em constante mudança, influenciando o cenário artístico, em particular, as atividades musicais. Portanto, o trânsito entre um e outro encontrava-se

---

19. *Quilombô*, samba, intérprete João Quilombo, compositor Getúlio Marinho, Parlophon nº13400, 1928-1930. Na transcrição da música, identificamos o termo “quilomborirá” que pode sugerir caminho ou trilha para o quilombo.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

aberto, socializando expressões do ritual, podendo, inclusive, ampliar o raio de conhecimento dos cultos.

Nosso objetivo não seria identificar elementos de determinada religião nas músicas populares gravadas em disco, mas seguir os direcionamentos de Capone (2004), de que há um continuum religioso que perpassa todo o campo religioso afro-brasileiro. Não seria possível falar de candomblé sem mencionar os outros cultos que pertencem ao mesmo universo religioso e que ajudam a definir suas fronteiras em um processo de construção identitária. As diferenças entre candomblé nagô, umbanda, quimbanda e macumba são menos claras do que pretendem antropólogos e participantes dos cultos (Capone, 2004, p. 21-31).

Por isso, “as modalidades de cultos afro-brasileiros observáveis constituem diferentes combinações dos elementos desse *continuum*” (Capone, 2004, p. 22). Todavia, a própria autora admite que a ideia de *continuum* religioso para análises dos cultos afro-americanos não é consenso entre estudiosos pela dificuldade de se pensar os elementos culturais “misturados” (Capone, 2004, p. 333-340).

A partir das décadas de 1930 e 1940 houve uma ampliação na quantidade de gravações em disco de canções com te-

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

máticas de inspiração afrorreligiosa. Isso pode ser explicado dentro do próprio movimento de expansão das relações comerciais e mercadológicas, ampliando os negócios. Mas não negamos também a colaboração dos novos padrões culturais e estéticos, favorecendo esse tipo de temática na gravação de músicas, bem como a ampliação da influência dos cultos na sociedade mais ampla.

Em 1968, JB de Carvalho<sup>20</sup> lançou o disco *O Rei da Macumba-Xangô Dzzakuta*<sup>21</sup>. No disco, ele gravou, junto de seu filho JB Júnior, a canção “Rainha do mar”:

---

20. J.B. de Carvalho, como gostava de ser chamado, se destacou ao longo de sua extensa carreira (1931-1979) pela gravação de pontos de macumba em fonogramas e na divulgação das religiões de terreiros nas rádios e nos outros meios de difusão artística do mundo dos espetáculos. Também participou e organizou shows e espetáculos de macumba e dirigiu programas radiofônicos em que todas as canções tinham essa temática, muitas delas gravadas por ele próprio junto com os “Tupys” (Araújo, 2015, p. 9).

21. Gravadora Musicolor/Continental. Catálogo: LPK 20. 122, 1968.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

Salve a rainha do mar!

A onda do mar rolou

A onda do mar rolou

A ondar do mar rolou

E a onda do mar rolou

Sarava Rainha do mar!

Sarava Rainha do Mar!

Sarava Rainha do Mar!

Mamãe Yemanjá

A onda do Mar rolou

A onda do mar rolou<sup>22</sup>

A canção fazia uma referência à Iemanjá enquanto rainha do mar ou deusa do mar, portanto, saudava a orixá. Parte dos intérpretes e compositores dessas canções possuía relações com os cultos afro-religiosos, de onde, possivelmente, retiravam inspirações para compor. JB de Carvalho, por exemplo, era adepto das religiões afro-brasileiras. Essas relações revelam o quanto po-

---

22. Ponto de Macumba gravado por J.B de Carvalho e J.B Junior. Gravadora Musicolor/Continental. Catálogo: LPK 20. 122, 1968.

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

deriam ser porosas as fronteiras entre as religiosidades e as músicas populares, carregando simbologias para o espaço público.

Um importante compositor da segunda metade do século XX, no Rio de Janeiro, foi Tancredo da Silva Pinto (1905-1979) ou Tatá Tancredo, que, além de sacerdote da umbanda omolocô<sup>23</sup>, compôs canções com fortes vínculos afrorreligiosos. Ele foi um dirigente umbandista e sambista, nascido na cidade fluminense de Cantagalo, em 1904, e falecido na capital fluminense, em 1979. Líder religioso da linha denominada omolocô, em 1950 fundou a Confederação Espírita Umban-

---

23. De acordo com Nei Lopes, “o omolocô fora um antigo culto, provavelmente banto, de origem e práticas obscuras, cuja expansão se verificou no Rio de Janeiro, em especial, na primeira metade do século XX. Desenvolvido principalmente por intermédio da liderança de Tancredo da Silva Pinto, sua difusão foi fruto de uma reação ‘reafricanizante’ à chamada ‘umbanda branca’, expandida a partir do Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em 1941. Reivindicando uma remota origem angolana, no âmbito da cultura dita ‘lunda-quioco’, o omolocô, já pouco conhecido à época deste texto, parece ter sido apenas uma linha ritual da umbanda que procurou reviver em parte a antiga cabula (Lopes, 2011, p. 497).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

disto, tendo publicado diversos livros sobre o tema. Em 1974, realizou, na Ponte Rio-Niterói, com respaldo governamental, um ritual propiciatório da fusão entre os antigos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro. No âmbito da música, assinou, como Tancredo Silva, “Jogo Proibido”, gravado em 1936, concebido por muitos como o primeiro samba de breque. “General da Banda” foi uma outra canção de sua autoria, em parceria com José Alcides e Sátiro de Melo, que alcançou grande sucesso no carnaval de 1949 na voz do cantor Blecaute. Tancredo circulava entre o mundo da música e o da religião (Lopes, 2005; 2011, p. 412), tanto que, em 1947, ajudou a fundar a Federação Brasileira das Escolas de Samba.

“General da Banda” era uma “batucada com todas as características de ponto de macumba” que se ouvia pelas ruas, “mormente nos ensaios pré-carnavalescos dos blocos avulsos” (Alencar, 1965, p. 342). A expressão que dá título à canção faz uma alusão direta à figura de Ogum e sua melodia já era conhecida em alguns lugares do Estado do Rio de Janeiro como uma saudação ao orixá.

Com um ritmo empolgante, o samba fez sucesso na folia carnavalesca, divertindo e, ao mesmo tempo, reverenciando Ogum pelas ruas e pelos bailes:

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Chegou general da banda

Ê! Ê!

Chegou general da banda

Ê! Á!

Mourão! Mourão!

Vara madura que não cai

Mourão! Mourão!

Oi, catuca por baixo

Que ele vai<sup>24</sup>

Em seu trânsito entre a música popular e a religião, Tancredo fundou em 1950 a Confederação Espírita Umbandista. Ele propunha o chamado culto omolocô, que teria suas origens no continente africano, mais especificamente, em Angola (Pinto; Freitas, 1963, p. 9). Lutou incessantemente, a partir da Confederação, pela liberdade de culto e, consequentemente, contra as intolerâncias religiosas que as religiões afro-brasileiras sofriam em seu período de atuação. Atuou por meio das

---

24. Música gravada pelo cantor Blecaute em 1949, em disco Odeon. Compositores: Sátiro de Melo, Tancredo Silva e José Alcides.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

suas matérias escritas e publicadas no jornal O Dia e na ação cotidiana de luta política por melhores condições de prática do culto (Santos, 2018, p. 92).

O músico e líder religioso carismático em questão foi também figura relevante para a popularização das flores nas praias cariocas, ao longo da segunda metade do século XX (Bahia, 2018, p. 197). Em 1971, Tancredo foi homenageado no disco *Faramim Yemanjá*, que significa “saudação à Iemanjá”. Neste disco, há duas de suas canções: uma louvação a São Jorge, composta em parceria com José Alcides, e outra intitulada “Imberê”. O disco, contudo, homenageava Tancredo por meio de uma saudação à Iemanjá certamente em decorrência de seu papel na popularização das flores para a orixá. E também por conta de seu empenho na difusão da religião em diferentes locais da cidade, fosse por meio de sua atuação na imprensa, fosse por sua circulação no âmbito da música popular.

Nesse disco, uma das canções que se refere à Iemanjá é *Corre Gira*. A música, classificada como um samba-jongo, e que serviu de inspiração ao título deste trabalho, é composta pelos seguintes seus versos:

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Corre Gira, Corre Gira, Corre Gira sem parar!  
Corre Gira, Corre Gira, pra você tirar o azar  
Cumprimente os orixás, peça Maleime a Oxalá  
Vai à praia levar flores, entrega pra Iemanjá.  
Vai lá!<sup>25</sup>

A canção se refere à *Gira*, expressão umbandista que designa uma sessão para cultuar entidades religiosas. Na canção, ela é apresentada como solução de possíveis problemas, tirando até mesmo o azar. A canção faz também uma referência direta às “flores para Iemanjá”, que se tornaram populares nas praias cariocas, ao longo do século XX.

Outra canção do mesmo disco que celebra a orixá dos mares é “Louvação à Yemanjá” (Minha Yayá), em ritmo de toada-jongo:

A minha Yayá ela vem pelo mar  
A minha Yayá vem na onda do mar  
A minha Yayá ela vem pelo mar

---

25. Disco *Faramim Yemanjá* (Salve Iemanjá), samba-jongo, compositor Zé Pitanga G-Silva. Gravadora Copacabana Disco, 1971.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

A minha Yayá vem na onda do mar  
De renda vestido branco  
Traçado de contas e um colar  
Espero eu sei que ela vem  
A minha Yayá vem na onda do mar  
Oh ela vem pelo mar  
Oh vem na onda do mar  
Oh ela vem pelo mar  
Oh vem na onda do mar  
A minha Yayá ela vem pelo mar  
A minha Yayá vem na onda do mar  
A minha Yayá ela vem pelo mar  
A minha Yayá vem na onda do mar  
Perfume e rosa branca  
Eu tenho pra lhe ofertar  
Espero eu sei que ela vem  
A minha Yayá vem na onda do mar  
Oh ela vem pelo mar  
Oh vem na onda do mar  
Oh ela vem pelo mar  
Oh vem na onda do mar  
A minha Yayá ela vem pelo mar

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

A minha Yayá vem na onda do mar  
A minha Yayá ela vem pelo mar  
A minha Yayá vem na onda do mar  
Lua cheia e clara  
Na certa vem iluminar  
O chegar da minha Yayá  
Eu sei que ela vem pela onda do mar  
Oh ela vem pelo mar  
Oh vem na onda do mar  
Oh ela vem pelo mar  
Oh vem na onda do mar<sup>26</sup>

Cabe destacar que a expressão Yayá se refere à mãe nos cultos afro-brasileiros e Iemanjá é tida como a mãe de todos os orixás (orixá feminino das águas do mar). Seu símbolo é um colar de continhas de vidro, cristalinas como a água (Lopes, 2011, p. 335). A letra da canção também se refere a presentes que geralmente são ofertados pelos praticantes da religião

---

26. Disco Faramim Yemanjá (Salve Iemanjá), toada-jongo. Compositor Miro. Gravadora: Copacabana Discos, 1971.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

nas festas de Iemanjá, como perfume, espelhos, rosas, colares, dentre outros objetos.

Percebemos assim o emprego de variadas expressões que recorrem ao universo afrorreligioso para compor músicas populares gravadas em disco. Simbologias, práticas, rituais e entidades espirituais eram inspiração para compositores que transitavam entre o espaço público e o sagrado afro-brasileiro. Assim, os cultos não se mantinham apartados da sociedade em geral, ao contrário, dialogavam e interagem, o que possivelmente facilitava o transbordamento de suas práticas rituais, de suas entidades espirituais e da crença religiosa.

Os significados dessa expansão poderiam ser múltiplos, gerando apropriações particulares com sentidos que iriam do folclórico ao lúdico, dessacralizando, nesses casos, os elementos dos cultos presentes nas canções e na festa de Iemanjá. Todavia, poderia também produzir sentidos religiosos que tocariam os indivíduos da cidade de acordo com seu nível de aproximação com os cultos afro-brasileiros, ampliando o raio de alcance dos símbolos sagrados para outros espaços da cidade.

## Considerações finais

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Percebemos que, de diversas maneiras, Iemanjá e outros orixás ocuparam o espaço público da cidade do Rio de Janeiro, seja por meio da dimensão lúdica da festa ou por meio das musicalidades populares, transbordando elementos sagrados com apropriações variadas para o universo festivo, musical e lúdico da cidade. Essas percepções indicam formas de resistências das identidades culturais negras, demarcando o lugar do sagrado no espaço urbano.

Mesmo que adquirissem conotações folclorizantes e uma perspectiva de exotismo, os rituais na praia e as canções com temáticas religiosas poderiam assumir significados culturais e políticos, denotando formas possíveis de luta das identidades e culturas negras, demarcando a presença de símbolos religiosos na cena artística e festiva da cidade, a despeito das depreciações, perseguições e regulações sociais.

É fundamental contextualizar as experiências negras no Atlântico, abolindo da análise os essencialismos, tal como sustenta Paul Gilroy (2001, p. 18). As trocas culturais foram fundamentais, segundo o autor, no processo de resistência à escravidão e ao racismo produzido após a abolição.

Considerando a diversidade das experiências negras, direcionamos a explicação da presença das simbologias afrorreligi-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

gias no espaço público como construções e ressignificações, distanciando a ideia de sobrevivências africanas, pois consideramos como mais relevantes a percepção das reinvenções, recriações e recomposições assumidas no contexto social (Carpone, 2004, p. 327-328).

Importante ratificar que as identidades negras são fundamentais diante de relações de dominação cultural e política, observando os conflitos e as tensões. As africanidades devem ser vistas como referenciais para lidar com elementos identitários, pois são frutos de construções políticas e culturais. Os indivíduos e os grupos sociais carregam consigo elementos das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias de sua origem, mas sua composição cultural resulta do encontro de elementos culturais que se conectam em espaços e tempos variados (Hall, 2006, p. 325-327).

Na luta contra as intolerâncias e em busca de legitimidade e reconhecimento social, a presença de elementos da religião na cena pública desempenha um papel preponderante como resistências do cotidiano, não abrindo mão das suas práticas rituais e ampliando seu universo de influência. Em alguma medida, a presença de símbolos religiosos nas gravações musicais, nas praias do Rio de Janeiro e em outros locais pode ter

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

colaborado para aproximar os mitos, as entidades, os orixás, as práticas e os valores ritualísticos da população carioca, ajudando a ampliar o alcance das afroreligiosidades.

Assim, nossa preocupação central foi perceber elementos do universo religioso afro-brasileiro extrapolando para o espaço público e para as musicalidades populares, conferindo ênfase à construção cultural. A perspectiva de análise baseia-se nas ressignificações, importando mais o significado que assumiriam pelas pessoas, sendo os intercâmbios e as hibridizações os caminhos que optamos para pensar a questão, pois acreditamos que as culturas não permanecem preservadas no tempo.

Apesar das identidades negras serem elementos importantes diante de relações de dominação cultural e política, deve-se tomar cuidado com as políticas de autenticidade para não perder de vista as variadas fontes e os intercâmbios culturais. Assim, o significado das formas culturais não é inscrito apenas no seu interior, mas se constitui em um jogo de relações culturais (Hall, 2006, p. 241-246). Desse modo, os diálogos, as correspondências, as incorporações e as negociações estão no centro dos argumentos deste artigo, que indicou formas possíveis de resistência às intolerâncias religiosas sendo direcionadas por membros do culto em sua luta por demarcar a

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

presença do sagrado afro-brasileiro no espaço público das festas, praias e na música popular gravada em disco.

■

## Referências

- ABREU, Maurício. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ALENCAR, Edigar de. *O carnaval carioca através da música*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S. A., 1965.
- ARAÚJO, Anderson Leon de Almeida. “*Sou da Macumba e no feitiço não tenho rival*” – a música negra de J.B de Carvalho e do Conjunto Tupy (1931-1941). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2015. ■
- BAHIA, Joana. O Rio de Iemanjá: uma cidade e seus rituais. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano X, nº 30, Janeiro / Abril de 2018 – ISSN 1983-2850, pp. 177-215.
- BAHIA, Joana. De Miguel Couto a Berlim: a presença do candomblé brasileiro em terras alemãs. In: PEREIRA, Glória Maria Santiago; PEREIRA, José de Ribamar Sousa (Org.). *Migração e globalização: um olhar interdisciplinar*. Curitiba: CRV, 2012, p. 223-241.
- BAHIA, Joana. *As religiões afro-brasileiras em terras alemãs e suíças*. Lisboa: ICS/Universidade de Lisboa. Working paper, 2013.
- BAHIA, Joana. *Relatório do projeto A pulsão romântica em transe: um estudo comparativo da religiosidade afro-brasileira na Alemanha e em Portugal*. Rio de Janeiro: Faperj, 2014a.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

- BAHIA, Joana. Under the Berlin sky: Candomblé on German shores. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 11, n. 2, p. 327-370, 2014.
- BAHIA, Joana. Exu na mouraria: a transnacionalização das religiões afro-brasileiras e suas adaptações, trocas e proximidades com o contexto português. *Métis: História & Cultura*, v. 14, n. 28, p. 111-131, 2015.
- BARRETO, Paulo (João do Rio). *As religiões do Rio*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1951, p. 9.
- BARRETO, Paulo (João do Rio). *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARROS, José Flávio Pessoa de. *O banquete do rei: Olubajé: uma introdução à música afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.
- CACCIATORE, Olga. *Dicionário dos Cultos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1977.
- CAPONE, Stefania. *A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa/Pallas, 2004.
- CAPONE, Stefania ; Teisenhoffer, Viola. Devenir médium à Paris: apprentissage et adaptation rituels dans l'implantation d'un terreiro de candomblé en France. *Psychopathologie Africaine*, v. XXXI, n. 1, p. 127-156, 2002
- CARVALHO, Herminio de Bello. *Taberna da Glória e outras Glórias*. Entre os heróis da música popular brasileira. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.
- CONDURU, Roberto. Das casas às roças: comunidades de candomblé no

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

Rio de Janeiro desde o fim do século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 178-203, 2010.

FRIGÉRIO, Alejandro. *El futuro de las migraciones mágicas en Latinoamérica*. Ciências Sociais e Religião, v. 1, n. 1, p. 51-88, 1999.

GILROY, P. O *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Ed. 34 / UCAM, 2001.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LOPES, Nei. A presença africana na música popular brasileira. *Espaço Acadêmico*, n. 50, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

NEGRÃO, Lísias. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo: Edusp, 1996.

O'DONNELL, Julia Galli. *No olho da rua: a etnografia urbana de João do Rio*. Dissertação (Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

O'DONNELL, Julia Galli. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. *Entre a macumba e o espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da umbanda durante o Estado Novo*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

- ORO, Ari. As religiões afro-brasileiras: religiões de exportação. In: Afro American religions in transition. international conference of the Americanists. *Anais Uppsala/Suécia*, 1998. Mimeo.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PEREIRA, Amílcar Araujo. “O mundo negro”: a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). Tese (Doutorado) — Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. 268 p.
- PINTO, Tancredo da Silva; FREITAS, Byron Torres. *Guia e ritual para organização de terreiros de umbanda*. Rio de Janeiro: Eco, 1963.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, nº. 10, 1992.
- PORDEUS JR., Ismael. *Portugal em transe*. Transnacionalização das religiões afro-brasileiras: conversão e performances. Portugal: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2009. Coleção Antropologia Breve
- PORDEUS JR., Ismael. *Uma casa luso-afro-portuguesa com certeza: emigrações e metamorfoses da umbanda em Portugal*. São Paulo: Terceira margem, 2000
- ROCHA, Agenor. *Os candomblés antigos do Rio de Janeiro*. A nação ketu: origens, ritos e crenças. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

- RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. História da urbanização no Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil. In: CARNEIRO, Sandra de Sá; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. *Cidade: olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SANTOS, Carlos Alberto Ivanir dos. *Marchar não é caminhar*. Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa (1950-2018). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2018.
- SEGATO, Rita Laura. Cambio religioso y desetnification: la expansión evangélica en los Andes centrales de Argentina. In: *Religiones latinoamericanas*. México: Saler, 1994. v. 1, p. 137-173.
- SEGATO, Rita Laura. Formação de diversidade: nação e opções religiosas no contexto de globalização. In: ORO, Ari; STEIL, A. P. (Org.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 219-248.
- SEGATO, Rita Laura. Uma vocação de minoria: a expansão dos cultos afro-brasileiros na Argentina como processo de reetnização. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, v. 34, n. 2, p. 249-278, 1991.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos*. São Paulo: Corrupio, 1987. p. 349.
- VIANNA, Hélio. *Somos uma montanha!* Oralidade, sociedade letrada e invenção de tradições no candomblé carioca do século XX. Tese (Dou-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Joana Bahia, Caroline Moreira Vieira Dantas  
e Farlen de Jesus Nogueira*

torado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

VIEIRA, Caroline Moreira. *Ninguém escapa do feitiço: música popular carioca, afro-religiosidades e o mundo da fonografia*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

## Entrevistas

■ Pai Oswaldo de Xangô, realizada em fevereiro de 2015.

## Fontes

Arquivo da Confederação Espírita Umbandista do Brasil, Rio de Janeiro.

Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Instituto da Memória Musical Brasileira.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Correndo a gira: uma cidade entre o lúdico eo sagrado*

**Jornais**

*A Manhã*

*A Noite*

*Beira-Mar*

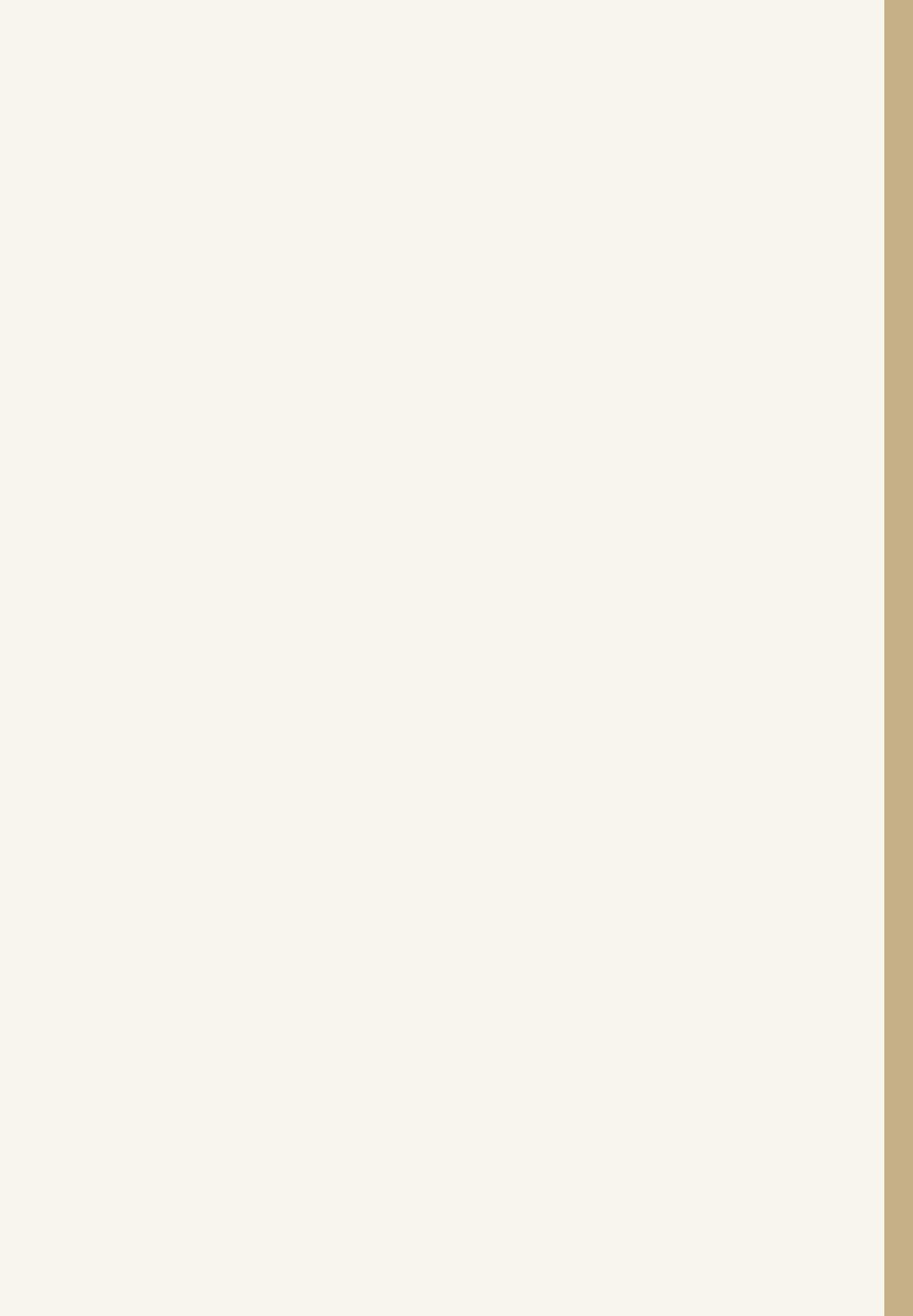
*Careta*

*Cultura Política*

*Jornal do Brasil*

*Jornal Extra*

▪





# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Os saberes dos terreiros na construção da democracia<sup>1</sup>

*Maria Elise Rivas<sup>2</sup>*

**Resumo:** O artigo discute brevemente o desenvolvimento da democracia desde a Grécia Antiga até os dias atuais, enfatizando a importância da diversidade e do diálogo para sua

---

1. O artigo seguinte resulta de transcrição adaptada de fala realizada durante mesa de diálogo no dia 11 de maio de 2023 durante o II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: Poéticas da Diáspora Africana, de 9 a 13 de maio, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, em Cachoeira, Bahia.

2. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira que é Ponto de Cultura. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

existência. Destaca-se o papel das religiões afro-brasileiras na promoção desses valores democráticos, incluindo a inclusão de questões como sistema de cotas, colorismo e diversidade de gênero. A cosmovisão dessas religiões, que valoriza a inclusão e o respeito à natureza, é vista como uma contribuição significativa para repensar a sociedade de maneira inclusiva. O artigo também destaca a capacidade das religiões afro-brasileiras de manter elementos essenciais enquanto permitem a interação e a diversidade, e argumenta que essas tradições têm potencial para servir como modelos justos e viáveis para uma sociedade democrática.

**Palavras-chave:** Democracia, diversidade, diálogo, religiões afro-brasileiras, inclusão.

---

foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em Teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Cidadã honorária de Itanhaém, integra a Academia Itanhaense de Letras e é autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

## *Os saberes dos terreiros na construção da democracia*

Permitam-me honrar a ancestralidade do recôncavo Baiano, reverenciando todos aqueles que, ao passarem por esta terra, a transformaram em um solo sagrado. Solicito as bênçãos de Babalossaim Cláudio Orlando e do Tata Kamus'ende. Cumprimento a todos e todas aqui presentes com os meus votos de uma boa tarde.

Sou uma mulher branca, consciente da minha dívida para com o povo negro. Embora não tenha nascido em um terreiro, aos 13 anos ingressei em uma casa de Santo, onde resido há 45 anos. Estou profundamente satisfeita por ter minha identidade fundamentada, moldada, vivenciada e existencial a partir desses princípios. Minha incursão no meio acadêmico ocorreu tardiamente, bem depois de ter sido iniciada nos ensinamentos da esteira, durante meus rituais de iniciação. Iniciei minha trajetória acadêmica aos 39 anos, tendo enfrentado muitos desafios por conta de minhas responsabilidades maternas e por oportunidades limitadas. Minha entrada na academia foi motivada pela necessidade e pelo comprometimento com ideologias e ideais que valorizam a cultura afro-brasileira. Esta jornada teve início na FTU, a primeira e única faculdade a trazer à tona a teologia afro-brasileira, defendendo o princípio de igualdade, onde todos têm o direito de discutir saberes.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

Engajei-me na luta antirracista e, ao mesmo tempo, assumi a direção de uma casa de santo com 53 anos de existência, cargo que herdei e que me fez tomar a difícil decisão de deixar a academia, dada a incompatibilidade entre as responsabilidades que ambas demandavam. Dessa forma, optei por dedicar-me à vida no Santo, embora mantenha minha natureza híbrida: sou mãe de santo, ialorixá e também acadêmica. Como resultado, fundei a revista Estudos Afro-Brasileiros, uma publicação internacional voltada ao diálogo com a cultura afro-brasileira, as casas de Santo e minha própria identidade acadêmica.

■ Gostaria de expressar minha gratidão ao meu padrinho, presente aqui, o professor Reginaldo Prandi, mentor da revista, cujo constante incentivo tem sido fundamental em minhas iniciativas na luta antirracista, na promoção da cultura afro-brasileira e no apoio aos valores do povo de terreiro. Agradeço-lhe imensamente, professor.

Falando agora sobre democracia, versando sobre este tema com uma abordagem mais acadêmica, cumpre dizer que a democracia teve sua origem entre os gregos como uma forma de governo onde se preconizava o governo pelo povo. No entanto, este conceito surgiu em uma sociedade profundamente desigual. A governança era exercida por apenas 6% dos

*Os saberes dos terreiros na construção da democracia*

homens maiores de 18 anos, evidenciando que a democracia surgiu num contexto de desigualdade. Ao longo do tempo, a democracia passou por transformações, especialmente após a Revolução Industrial e, posteriormente, com mudanças significativas decorrentes da Revolução Francesa.

Diante desse panorama, o que caracteriza a democracia hoje? A diversidade é um componente essencial para a existência da democracia: o voto foi estabelecido como uma forma de representar essa diversidade. Votamos porque há diversidade; sem ela, estaríamos sujeitos a uma ditadura. Dito isso, desejo destacar as contribuições dos terreiros para uma sociedade democrática. ■

Refletindo sobre a vida e as experiências nos terreiros ou Casas de axé, algumas questões vêm à tona. Trago comigo um caderninho, uma prática antiga a fim de tomar notas em eventos acadêmicos, para expressar inicialmente minha gratidão ao pai Cláudio, por introduzir um princípio fundamental da democracia: o diálogo. O senhor promoveu o diálogo acadêmico com a ancestralidade, uma contribuição significativa para o processo democrático. Sem diálogo, não há democracia; todas as vezes que fechamos as portas para o diálogo, fechamos as portas dos movimentos democráticos.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

O cerne da democracia reside na capacidade de ouvir e ser ouvido, nem sempre com consenso, pois o dissenso também faz parte da democracia. Nem sempre concordamos, mas o essencial é ter a liberdade e o direito de expressar nossas opiniões, ou, quando não possível, ter alguém que o faça por nós.

Gostaria de agradecer também por mencionar o sistema de cotas, que permitiu tardiamente a entrada de pessoas negras nas universidades. Este é um gesto reparador do nosso Brasil diante do processo histórico de escravização humana. Embora tardio e limitado, representa um ponto de partida que tem proposto e continua a propor mudanças profundas na educação, incorporando valores tradicionais na academia.

Gostaria de expressar minha gratidão ao Tata por abordar a questão do colorismo, que delineia uma escala dentro da negritude. Esta escala, muitas vezes, retardou a conscientização acerca da negritude, resultando em uma verdadeira derrota para um movimento que poderia ter ganhado força há muito tempo. No ano de 2020, produzi um documentário sobre um quilombo na cidade de Itanhaém, intitulado *Dona Laura do*

*Quilombo: entre silêncios e histórias.*<sup>3</sup> Ao conversar com Mãe Laura, uma mulher de 83 anos, disse a ela que ela era uma quilombola, ressaltando que quilombo não se limita a espaços rurais, mas também existe em espaços urbanos. A reação de surpresa dela foi evidente: ‘Ninguém nunca me disse isso em 82 anos’, ao que respondi: ‘Porque ninguém queria que a senhora soubesse’.

Há muitas coisas que as pessoas deixam de mencionar, e é crucial que tenhamos vozes para trazer à tona essas questões. Faz parte da democracia que essas vozes sejam ouvidas, mesmo que apenas algumas pessoas estejam atentas. Outro ponto abordado foi a inclusão de gêneros, destacando que pessoas que se assumiam homossexuais eram expulsas de seus lares e acolhidas nas casas de Santo. Esta prática tem suas raízes e estrutura em nossa cosmovisão. Posso falar da minha formação na tradição nagô, onde dentro de nossas divindades, há representações de gênero diversificadas, com divindades femininas,

---

3. Projeto realizado por meio da Lei Aldir Blanc, foi exibido durante o Festival Cidade Cultura, na página do YouTube da Prefeitura Municipal de Itanhaém, disponível em: <https://youtu.be/GYI8AcyUkSw?si=ZxnQOd2fc8ppmRY5>.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

masculinas e meta-meta, incluindo assim todas as pessoas neste amplo panteão de divindades: ninguém é excluído de sua natureza divina.

Dentro de nosso panteão, temos divindades de diversas idades, estados civis e representações, desde divindades velhas até jovens e crianças, divinizando assim todos os seres humanos, independentemente da idade. Essa visão inclusiva oferece uma perspectiva diferente para pensar a sociedade, promovendo a inclusão em seu âmbito. Nossa cosmovisão contribui significativamente para repensar a sociedade de maneira inclusiva.

■ Além disso, nossa existência está intrinsecamente ligada à natureza, pois o orixá é a própria natureza. Isso nos faz interagir com o que está presente tanto entre os seres humanos quanto na natureza, da qual fazemos parte. O respeito à natureza deve ser fundamental, pois não há democracia quando as diversas formas de natureza são violentadas, seja a natureza humana ou a natural. Dentro de nossa cosmovisão, essa integração é essencial e faz parte da realidade: educar alguém desde a infância com essa consciência transforma-a em um adulto responsável consigo mesmo, com a humanidade, a natureza e o sagrado. Esses pilares são fundamentais para a democracia. Se não respeitamos o sagrado próprio, não respeitaremos o

*Os saberes dos terreiros na construção da democracia*

sagrado do outro. Se apenas respeitamos o nosso sagrado, negligenciamos o sagrado alheio. Esse desequilíbrio coloca em risco as relações humanitárias no processo de formação social.

Se considerarmos nossa cosmovisão, é importante reconhecer que não podemos negar as questões históricas. As profundas divisões raciais construídas ao longo da história são vivenciadas e perpetuadas de uma geração para outra. Estar aqui como uma mulher branca e ialorixá de candomblé é um resultado inclusivo do processo do povo negro, o que me coloca na obrigação de combater o racismo. Meu trabalho contra o racismo é uma forma de atuar nesse sentido, embora a consciência inter-racial não deva impor fronteiras rígidas, pois isso impediria a realização de processos democráticos autênticos.

Muitas vezes ouço dizer: “Você fala de um lugar confortável. Você é uma mulher branca”. De fato, ocupo um lugar confortável e tenho uma voz social. No entanto, essa voz social deve ser usada em prol da luta contra o racismo e pela inclusão do povo negro.

No contexto histórico das religiões afro-brasileiras, como mencionado pelo Tata, encontramos uma enorme diversidade. O candomblé, por exemplo, abarca diferentes vertentes, como jeje, Angola e nagô, refletindo essa riqueza de tradições. As

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

encantarias, como toré, babassuê, terecô e jurema, representam essa mesma diversidade dentro de um amplo espectro. Há também a Umbanda, que ao longo do tempo foi se modificando, embora mantenha suas raízes afro-brasileiras. Essas tradições formam zonas de diálogo dentro desse vasto panorama.

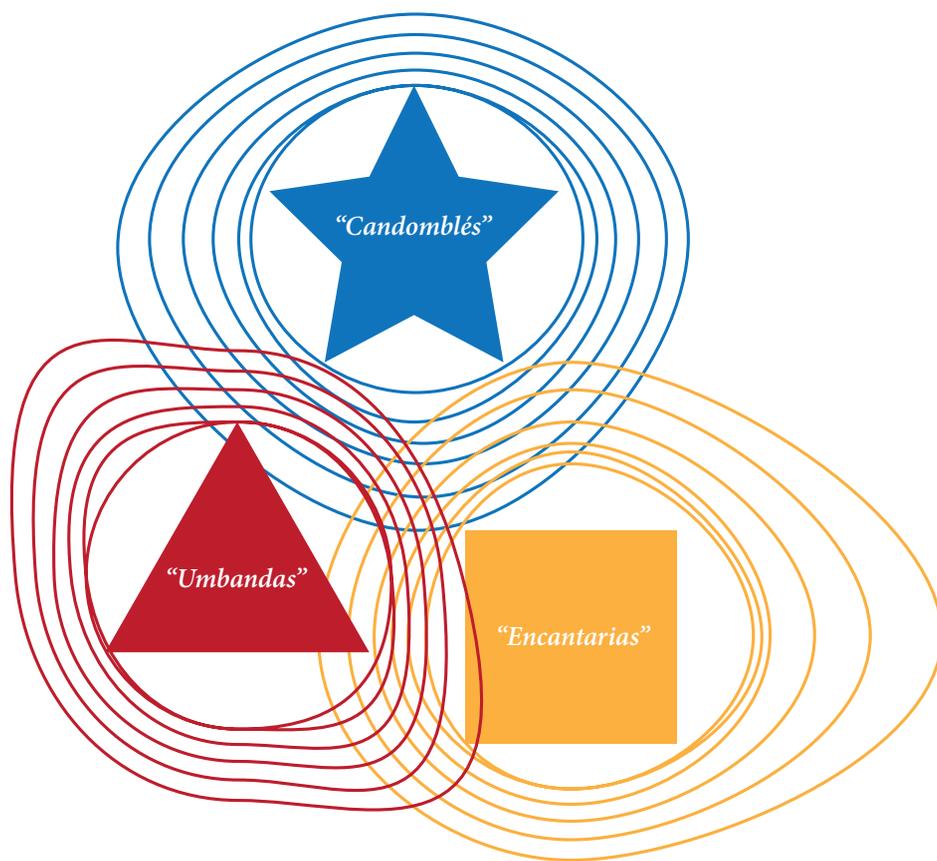
A revista *Estudos Afro-Brasileiros*, disponível on-line e de acesso gratuito, é um espaço relevante para o debate acadêmico. A revista oferece uma variedade de artigos de qualidade que podem contribuir significativamente para o entendimento dessas temáticas.

■

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Os saberes dos terreiros na construção da democracia*

Figura 1 – Diagrama de núcleos duros e zonas de diálogos em relações assimétricas



Fonte: Rivas Neto (2015, p. 105).

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

Aqui apresento um diagrama elaborado por meu ancestral, Babá Rivas de Ògìyàn, cujo legado inclui as zonas de diálogo e o que chamamos de “núcleo duro”. O núcleo duro implica na existência de elementos essenciais e estruturais dentro da diversidade das religiões afro-brasileiras que permanecem inalterados ao longo do tempo. Por exemplo, se considerarmos o Candomblé de 1800, ainda encontraremos elementos como transe, iniciação e outros fundamentos que permanecem presentes nas práticas atuais.

Este “núcleo duro”, seja ele o transe ou o mediunismo, como é comumente referido, também está presente na Umbanda, manifestado através da incorporação de ancestrais, diferenciando-se dos Orixás. Elementos como iniciação também compõem este núcleo, representando aspectos fundamentais que não sofrem alterações significativas ao longo do tempo. No entanto, dentro deste contexto, observamos zonas de diálogo.

Essas zonas de diálogo representam a capacidade de interação entre diferentes vertentes religiosas. Por exemplo, a referência contemporânea ao ‘Candomblé jeje-nagô’ ilustra esse diálogo, onde divindades jeje, consideradas estrangeiras no nagô, são absorvidas sem restrições na dinâmica ritual. Esta

*Os saberes dos terreiros na construção da democracia*

absorção representa um ato democrático, onde diferentes pontos de vista são compreendidos e equilibrados para alcançar uma síntese.

A existência dessas zonas de diálogo dentro das religiões afro-brasileiras pode ser vista como um modelo valioso para a democracia brasileira. Ao refletir sobre essa questão, destaco a importância da cosmovisão, referenciando-me aqui a Reginaldo Prandi:

Ao contrário da narrativa histórica, os mitos nem são datados, nem mostram coerência entre si, não existindo nenhuma possibilidade de julgar se um mito é mais verossímil, digamos, do que outro. Cada mito atende a uma necessidade de explicação tópica e justifica fatos e crenças que compõem a existência de quem o cultiva, o que não impede de haver versões conflitantes quando os fatos e interesses a justificar são diferentes. O mito fala do passado remoto que explica a vida no presente. O tempo mítico é apenas o passado distante. E fatos separados por um intervalo de tempo muito grande podem ser apresentados nos mitos como ocorrência de uma mesma época, concomitantes. (Prandi, 2001, p. 48)

*Maria Elise Rivas*

Quando menciono ancestralidade, estou me referindo a um extenso período que reunimos num tempo mítico. Esse tempo mítico fundamenta nossa existência no presente, influenciando como estruturamos nossas posições e compreensão enquanto seres humanos. Como o mito se relaciona com a narrativa da democracia no contexto brasileiro? Fala-se frequentemente sobre a democracia brasileira como um mito, e não é uma afirmação minha, mas sim do sociólogo Florestan Fernandes.

Esse mito da construção de uma narrativa democrática exige que o tornemos presente, que reconfiguremos as relações interpessoais, políticas, econômicas, religiosas, sociais e culturais. Precisamos torná-lo presente diariamente, assim como fazemos com o mito nas casas de santo: não buscamos apenas o passado, mas sim reatualizamos o mito. A cada xirê, a cada iniciação, a cada bori, estamos trazendo à tona o mito, tornando-o presente em nossa realidade.

Finalizando, acredito que nós, das religiões afro-brasileiras, temos uma significativa contribuição a oferecer para a democracia. Nosso modelo de sociedade, o egbé, é crucial, pois nele se encontra uma família que congrega a mais diversa comunidade possível, unidos pelo laço de parentesco. Em minha

*Os saberes dos terreiros na construção da democracia*

família egbé, tenho indivíduos de diferentes origens socioeconômicas, raças, orientações sexuais e identidades de gênero, todos são meus parentes. Este modelo social poderia e deveria estar presente e servir como estrutura, como bem observou o Tata: a cristianização de nossa sociedade não nos permite enxergar essa obviedade, marginalizando-nos como modelo para uma sociedade.

Fomos, ao longo do tempo, invisibilizados e desconsiderados como modelo, muitas vezes tratados como primitivos e abomináveis. Em relação ao sacrifício, é importante notar que o nosso ritual de sacrifício é muitas vezes mais criticado do que o de outras religiões. No entanto, se considerarmos a quantidade de animais sacrificados em todas as casas de Santo durante cem anos, ainda assim não se compararia ao número de animais sacrificados em um único Natal ou Dia de Ação de Graças pelo mundo afora.

Precisamos, portanto, olhar criticamente para as religiões afro-brasileiras e reconhecer que também temos aspectos a melhorar. No entanto, devemos considerá-las como um modelo justo e viável, afinal, se mantivemos uma ancestralidade preta por tanto tempo, é porque este modelo é eficaz. Agradeço a todos, todas e todes por este momento.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Maria Elise Rivas*

## Referências

PRANDI, Reginaldo. *O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*. Revista brasileira de ciências sociais, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001.

RIVAS NETO, Francisco. *Teologia do ori-bará*. 2. ed. São Paulo: Arché Editora, 2015.

■



# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

## O candomblé na roda do tempo: Internet, pandemia, literatura e os novos sacerdotes<sup>1</sup>

*Reginaldo Prandi<sup>2</sup>*

---

1. Texto baseado na conferência de encerramento do II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: Poética da Diáspora Africana, realizado pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Cachoeira (BA), de 9 a 13 de maio de 2023. O autor agradece a Marcos Ramos, que organizou e coordenou esse encontro, pelo convite para participar desse ciclo em Cachoeira e pela direção da sessão em que as ideias aqui reproduzidas foram expostas.

2. Sociólogo, professor titular sênior do Departamento de Sociologia e professor emérito da Universidade de São Paulo, pesquisador sênior do CNPq e autor de *Mitologia dos orixás*, *Os candomblés de São Paulo*, *Brasil africano*, *Aimó* e *Segredos guardados*, entre outros livros.

*Reginaldo Prandi*

**Resumo:** Este artigo está centrado em mudanças significativas sofridas pelo candomblé nos últimos anos, especialmente durante o período da pandemia de Covid-19. Procura ver os efeitos no candomblé pela incorporação da internet no cotidiano da maioria da população, independentemente da religião de cada um, bem como do uso generalizado do *smartphone* e o acesso facilitado às redes sociais. Com o fechamento dos terreiros imposto pelas medidas de combate à pandemia, o candomblé também se valeu da comunicação por aplicativos e redes, o que incluiu a realização de lives por parte de pais e mães de santo e o atendimento por meio do jogo de búzios. Em paralelo, novos hábitos já vinham sendo introduzidos pela leitura. Passada a pandemia, algumas práticas novas foram mantidas pelo menos em parte ou como alternativa. No âmbito mais geral, mudanças também foram relatadas no texto a respeito do surgimento de uma nova modalidade religiosa no seio das crenças afro-brasileiras, que pode afetar o candomblé.

**Palavras-chave:** Mudança religiosa; Candomblé em mudança; Candomblé na pandemia; Sacerdotes de Ifá; Internet e candomblé; Literatura e candomblé.

1

Religião, como qualquer outra instituição social, muda o tempo todo, embora cada uma geralmente se apresente como o verdadeiramente legítimo e único guardião imutável da tradição, das crenças e costumes que sempre teriam sido assim, desde o começo dos tempos. Cada religião é o repositório único da verdade eterna. É de se esperar, assim, que entrem em conflito entre si.

Tal verdade precisa ser interpretada e, com a formação interna de grupos que se separam por linhas diferentes de interpretação, a religião pode sofrer cismas, proclamar heresias e perseguir os que dela comungam, levar à guerra entre os que seguem interpretações diversas. Tudo isso é fonte de mudança e formação de novas correntes e igrejas. Quem tem mais idade pode ter acompanhado essas mudanças de perto, acontecidas nas mais diferentes religiões (Camargo et al., 1973; Pierucci; Prandi, 1996). Pode até ter testemunhado o nascimento de novas religiões. E a morte de outras. Quem não pôde acompanhar pode ler nos livros.

Por princípio, a religião é fonte de identidade e integra-

*Reginaldo Prandi*

ção social, o que junta, interpreta o mundo e orienta como se deve viver nele. No Ocidente, do século IV até o século XIX, mais ou menos, a Igreja Católica foi a fonte maior que amarrava a sociedade, legitimava os governantes, sagrava os reis e rainhas, selava os pactos entre nações e fazia a guerra com os desviantes. Não é mais assim, a religião perdeu seu lugar de piloto do mundo, foi deixada para trás pela secularização, mas nunca se conformou com o papel de segundo violino da orquestra, como gostava de explicar Candido Procopio Ferreira de Camargo (Camargo et al., 1984; Pierucci, 2004).

■ No Brasil temos tido ótimos exemplos da reação das religiões no sentido de se envolverem com a política partidária, esfera da qual havia muito foram excluídas. Entre os católicos, o movimento esquerdista das comunidades eclesiais de base, à luz da teologia da libertação; entre os evangélicos, o ingresso na política e formação de bancada evangélica no Congresso Nacional associada a partidos de centro e de direita, à luz da teologia da prosperidade. Mudanças na religião importantes, nem sempre coerentes ou dotadas de sentido.

Tomemos o exemplo recente de um evento político capaz de mostrar de que forma a política pode se reconectar com a religião. Entre os milhares de manifestantes que se juntaram a

*O candomblé na roda do tempo*

Bolsonaro no dia 25 de fevereiro de 2024, quando o ex-presidente de triste memória veio a público pedir ao Congresso Nacional anistia a seus aliados golpistas do fatídico 8 de Janeiro, o que pretendiam mostrar muitos bolsonaristas que, de camisa verde e amarela, portavam a bandeira de Israel, também levantada pelo ex-presidente em certo momento?<sup>3</sup> A razão é religiosa: esses porta-bandeiras eram evangélicos pentecostais que se imaginam religiosamente descendentes diretos do judaísmo, reconectando-se com uma origem que apaga seu passado católico seguido do passado protestante. Pensam-se como continuadores diretos da religião de Israel, que nem conhecem e, por essa suposta descendência religiosa, apoiam o atual governo daquele país, em sua política belicista à beira de executar a

---

3. Descrição do evento em <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/evangelicos-foram-principal-pilar-de-ato-pro-bolsonaro/>. Acesso em 7 mar. 2024.

Para um grupo de pesquisadores, as bandeiras de Israel num ato pró Bolsonaro evidenciam “um tipo de cristianismo conservador que vem crescendo no Brasil e na América Latina” [...], os quais passam a se identificar com um deus de Israel que promete riqueza e destruição dos inimigos daqueles que são seus filhos...” (Machado; Carranza; Mariz & Freston, 2024).

*Reginaldo Prandi*

extinção em massa dos palestinos ao seu redor. Impossível imaginar, anos atrás, um acontecimento como esse, muito menos suas motivações estrambóticas. Mas o fazem agora em nome de sua religião. Porque são filhos de Israel, ou porque os israelenses são cristãos, como chegaram a dizer à televisão que cobriu o ato bolsonarista, e os palestinos não são. Em suma, o evangélico brasileiro se sente ligado a Israel por ter sido a Terra Santa o berço do cristianismo; nessa “aliança”, assume como justo o lado da guerra que combate o Islã, mas é levado a essa posição por ser seguidor de Bolsonaro, que usa a religião em seu favor.

■ Esse retorno à política por esse seguidor do ex-presidente, que nem evangélico é, significa ser conduzido e não conduzir, numa inversão clara do que foi a relação entre religião e política. Aliás, a esposa de Bolsonaro, em sua pregação no início do evento, cercada das maiores lideranças evangélicas nacionais de direita, pronunciou: “Nós abençoamos, nós abençoamos Israel”. Grande transformação.

Nosso assunto aqui, contudo, é outro. Meu guarda-chuva temático é a mudança religiosa diante de novas situações e demandas sociais. O tema principal é o candomblé e as mudanças por ele sofridas nas últimas décadas, além do que já se sabe por muitos outros estudos (Prandi, 2020; 2022).

2

Para começar do começo, Exu.

Contam os antigos que uma pessoa apontada pelo oráculo do candomblé como sendo um filho ou uma filha do orixá Exu dificilmente seria iniciada para esse orixá, quebrando a regra que se aplicava a todos os demais orixás. No candomblé, todos os seguidores, isto é, os filhos e filhas de santo, têm seu orixá, divindade de que descendem espiritualmente, para a qual a pessoa deve ser iniciada e à qual renderá culto por toda vida. Mas no caso de Exu ser o dono da cabeça de alguém, não era bem assim. O mais comum era que tal pessoa fosse iniciada para Ogum, em geral para Ogum Xoroquê, qualidade do orixá guerreiro que revelava aos entendidos que no fundo tal filho ou filha pertencia mesmo ao orixá mensageiro. A razão era bem simples de se entender: receio que tal pessoa fosse vista como sendo filho ou filha do Diabo! Porque, desde os primeiros missionários e pesquisadores cristãos que chegaram à região da África que cultua os orixás, Exu foi identificado, por seus atributos e símbolos, com o demônio cristão, pecha que por séculos carregou, também no próprio meio dos de-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

votos das religiões afro-brasileiras (Prandi, 2012; 2023). Mas isso, em décadas mais recentes, mudou, ou começa a mudar com certa intensidade.

Hoje há muitos filhos e filhas de Exu devidamente iniciados para seu orixá, que exibem sua ascendência com zelo e orgulho. Essa aparentemente pequena alteração no processo identitário e iniciático do candomblé representa, de fato, uma grande mudança na religião como um todo; e dezenas de outras situações poderiam ser elencadas para ilustrar a força da mudança na religião, que, desde a chegada da modernidade, deixou de conduzir a sociedade em sua transformação permanentemente para ser por essa conduzida. Cabe hoje à religião atender às demandas sociais, ou dar lugar a outras religiões com as quais compete por adeptos, prestígio, legitimidade social e poder.

Nessa transformação, Exu ganhou muito, a ponto de ser o grande herói cantado e dançado por uma escola de samba campeã do carnaval do Rio de Janeiro em 2022, justamente num momento em que o governo municipal, que usualmente promove e financia o Carnaval na cidade, retira seu patrocínio, governo naquele momento em mãos de pentecostais, grupo que prega e promove uma constante tentativa de extinção das religiões afro-brasileiras, enquanto vão comendo

*O candomblé na roda do tempo*

pelas beiradas a hegemonia do catolicismo, que já perdeu para eles cerca de 40% de seus fiéis, numa explosão avassaladora de templos e denominações (Balloussier, 2023). Nesse contexto nada favorável à religião dos orixás, o candomblé, contudo, logrou garantir seus pequenos espaços, hoje pontuando um mapa que cobre o país todo e se esparrama pelos vizinhos latino-americanos, chega à Europa e se finca na cultura de onde quer que chega. Informações pormenorizados sobre qualquer coisa, pessoa, lugar, hospedam-se fartamente na nuvem, de onde suas informações, modelos e ensinamentos são acessados através da internet e manipulados por algoritmos escritos em tempos atuais, pouco devedores dessa ou daquela filiação religiosa e mais atentos às demandas sociais seculares. Mudanças fantásticas se embutem nessa história.

Falemos brevemente do orixá Exu, cultuado nas religiões afro-brasileiras como senhor da comunicação e do movimento. Exu, como orixá mensageiro, tem a obrigação de levar e trazer o que quer que seja, sem nenhuma restrição moral, desde que devidamente recompensado materialmente (Prandi, 2023), assim como o carteiro que entrega a carta sem se importar com seu conteúdo, desde que o selo pago esteja colado no envelope. Mas foi uma grande inven-

*Reginaldo Prandi*

ção do século XX, a internet, seguida do *smartphone*, que pôs à disposição de qualquer um uma imensidão de dados sobre o candomblé, seus orixás, seus mitos e ritos, e também um sem-fim de ideias e opiniões que contam a favor e contra essa vertente religiosa que se constituiu no Brasil com base na oralidade, no segredo e na iniciação individual e demorada. Segundo a religião, nada existe no mundo sem o patronato de um orixá determinado, e é fácil imaginar, na concepção religiosa, por que razão seria Exu, como dizem muitos, o senhor da internet, hoje alimentada pela humanidade numa velocidade impensável que favorece a alimentação de um outro “monstro” da nossa contemporaneidade, a inteligência artificial.

Ao tratar, neste texto, da religião dos orixás, por que o leitor logo vai se deparar com processos, invenções e máquinas que aparentemente nada têm a ver com a velha e tradicional religião trazida pelos escravizados africanos? Talvez nada tenham mesmo a ver com a religião, mas têm tudo a ver com a sociedade à qual as religiões de orixás e as demais religiões, sobretudo, servem.

Voltemos a Exu. Quando se trata desse orixá, antes de mais nada é preciso lhe dar algum agrado, um presente, uma

*O candomblé na roda do tempo*

comida. Afinal, ele é o senhor do movimento e, sem sua participação, nada pode acontecer, nem mesmo a imobilidade, o silêncio e a escuridão, uma vez que, segundo a ciência da física, estamos nos referindo aqui tão somente a um aparente grau zero da velocidade, do som e da luz. Talvez ele aceite uma oferta pouco comum, que não é de comer nem de beber, não é um templo nem uma roupa, mas faz parte do cardápio do lazer, da diversão. Sabemos que aos orixás se dá tudo aquilo com que o ser humano deve prover sua família, os meios de sobrevivência humana, a saber: alimentação (comida e bebida), abrigo (casa e vestuário) e diversão. ■

Orixás, por sua origem africana de séculos passados, gostam de música e dança no ritmo conduzido pelos tambores, mas talvez aceitem outros meios de diversão cultivados pela humanidade nas partes do mundo que costumamos chamar de Ocidente, onde eles, os deuses que cruzaram o Atlântico no sentimento e memória dos escravizados, agora também habitam. Não custa tentar, afinal, as religiões mudam, é o que aqui se está afirmando e pretendendo mostrar de perto. Como aqui se escreve, o presente para Exu aqui oferecido, se isso pode ser dito desta forma, será igualmente um escrito, mais precisamente um poema, um soneto. Com o título “Exu”, o

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

soneto é a oferenda a nosso herói, nada mais que um soneto, a ser lido ou declamado:

Exu, mensageiro dos orixás,  
Que guarda os segredos da encruzilhada,  
És o senhor das transgressões e das trocas,  
O elo que liga a Terra ao Além da jornada.

Com astúcia e sagacidade inigualáveis,  
Nos dás o movimento e desatas os nós,  
Transitas pelos mundos insondáveis  
E nunca deixas a tristeza ser a voz.

És luz e sombra, riso e choro,  
O bem e o mal que se entrelaçam,  
Na dança sagrada do sagrado e profano.

Mas nem sempre és compreendido  
Pela ignorância que te cerca e te ataca.  
Exu, és mistério, és divindade, és sentido.

*O candomblé na roda do tempo*

Não fui eu que escrevi esses versos, nem saberia como fazer, não levo jeito para escrever poesia. E não foi nenhum outro ser humano que escreveu, não foi nenhum poeta, nenhuma poeta. Trata-se de uma escrita da inteligência artificial (IA). Eu solicitei a um *site*, que agora está muito na moda, o *chatGPT*, da OpenAI, que escrevesse um soneto sobre Exu, não indicando nenhum filtro, assunto ou condição. A IA estava livre para usar as bases de que dispunha na internet, todas as bases. Eu queria um soneto sobre Exu. O *chat* seguiria apenas suas regras, a que, já foi dito, se deu o nome de algoritmo.

Pois bem, para minha surpresa, o poema diz exatamente o que muitas pessoas, entre as quais me incluo, pensam de Exu, e que está registrado em livros e artigos de escrita mais recente que se esparramam pela internet. O que o poema fala de Exu é considerado por seguidores das religiões afro-brasileiras justo e verdadeiro, mas o que me parece mais surpreendente é que em nenhum momento o poema fala de Exu como se ele fosse o diabo, o capeta, um demônio, enfim, nem algum outro espírito do mal, como imaginam e propagam seus detratores e muitas das igrejas evangélicas, outras instituições e mesmo partidos políticos que professam o ódio às tradições afro-brasileiras e demonizam seus deuses e entidades santas.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

Mais interessante ainda é que, ao se referir ao bem e o mal, fala do bem e do mal como coisas entrelaçadas, que se completam. No candomblé, a propósito, o bem ou mal não são dois polos que lutam entre si, mas duas condições que convivem, não existindo o bem sem o mal nem o mal sem o bem. O poema faz um jogo de oposições o tempo todo, como devia ser, em se tratando do orixá Exu. O resultado me pareceu muito interessante do ponto de vista de uma sociologia da religião, e adianto que não mudei nada do que o *chatGPT* entregou.

Para escrever sobre Exu, a IA (inteligência artificial) consultou certamente uma infinidade de textos disponíveis em sua base alimentada pela internet, e o que surpreende é que a maior parte dos textos escritos sobre Exu se refere a ele como entidade maléfica. Por que isso não é usado na construção do poema? Há, certamente, uma restrição nos textos hospedados na nuvem: o tempo. Livros e artigos mais antigos não foram ainda inteiramente digitalizados, ao contrário dos textos mais novos, que, esses sim, já incorporaram uma outra maneira de encarar os orixás e, entre eles, Exu. A base de dados usada pela inteligência artificial com informações e modos de ver é mais favorável a Exu porque seus textos são mais atuais. Significa que, desde o recente surgimento da internet, os textos acumu-

*O candomblé na roda do tempo*

lados, guardados e postos à disposição, já trazem uma concepção, digamos, revista do velho Exu, que tinha uma imagem muito negativa, que ainda predomina na visão de pelo menos um quarto da população brasileira, sobretudo a população evangélica, que parece que não é de escrever muito. Por isso, sua concepção demonizadora do orixá mensageiro ocupa um lugar menor na base acumulada na nuvem, de modo que os internautas pouco chegam a ela, assim como os motores da inteligência artificial.

É evidente que se se pegar os livros antigos, os relatos do passado, as matérias de jornal de outros tempos, certamente o Exu ali encontrado é outro. É de se esperar que, com o tempo, muitos desses textos mais antigos venham a ser digitalizados e acomodados em arquivos acessíveis por meio da internet, ampliando a base da inteligência artificial, para o bem e para o mal, mudando as fontes on-line de quem trabalha com a linguagem escrita. Também já se pode contar com bases de desenhos, fotos e outros gráficos, e programas de IA que operam com imagens.

De todo modo, o Exu de hoje é bem diferente daquele de ontem. Porque o mundo mudou, o tempo mudou, e as pessoas mudaram. Mais que isso: a religião mudou. Todas elas

*Reginaldo Prandi*

mudam, acompanhando as novas demandas da sociedade, lutando para se manterem igualmente aptas no atendimento das velhas e sempre presentes demandas tradicionais.

Por outro lado, a inteligência artificial não tem (pelo menos ainda) vontade própria e total liberdade de escolha. A IA depende de algoritmos que funcionam como filtros e fórmulas de decisão, escolha e composição que lhe dizem o que pode e o que não pode, uma espécie de orientação moral e mesmo legal, no sentido de que se deve tomar cuidado com aquilo que é politicamente incorreto, segundo definição da sociedade. E quem hoje define essa base moral tendem a ser os organismos que zelam pela democracia, pelos direitos humanos e liberdades do cidadão nesse meio. Então, se o poema “Exu” passou por esses filtros, ele é produto de um instrumento que reconhece as religiões (todas elas) com direitos que estipulam que chamar Exu de diabo é politicamente incorreto. Talvez por isso aquela imagem de Exu falsa e maledicente, alimentadora de preconceitos e racismo, não apareça aqui nem vá aparecer no futuro, a menos que o mundo seja politicamente virado de cabeça para baixo, o que esteve a ponto de acontecer muito recentemente no Brasil.

Como uma espécie de contrateste, solicitei ao *chatGPT* que definisse Exu em poucas linhas sob quatro condições, sepa-

*O candomblé na roda do tempo*

radamente: primeiro, seguindo a concepção de Silas Malafaia, pastor evangélico e político de direita dos mais aguerridos na luta contra o candomblé e demais expressões culturais de origem africana; segundo, na visão do bispo Edir Macedo, líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da rede Record de televisão; em terceiro, uma definição com base no pensamento do poeta e compositor Vinícius de Moraes, um dos mais importantes renovadores da música popular brasileira, em cujas letras os orixás estão muito presentes (Prandi, 2023) e, finalmente, uma definição livre, isso é, sem fornecer nenhuma condição e nenhum autor como parâmetro. ■

A IA ofereceu os seguintes resultados:

Como uma entidade da fé afro-brasileira, Exu é interpretado por diferentes visões religiosas. Sob a perspectiva do pastor Silas Malafaia, Exu é considerado um símbolo de engano espiritual a ser evitado e resistido, segundo preceitos do cristianismo.

Para o bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Exu é considerado uma entidade maligna e símbolo do mal, associado a práticas espirituais que devem ser combatidas e evitadas, sendo visto como um dos principais obstáculos espirituais a serem superados na fé cristã.

*Reginaldo Prandi*

Vinícius de Moraes, o grande poeta, que muito fez pela divulgação da cultura dos terreiros, enxergava Exu como um arquétipo complexo, representante das dualidades humanas, celebrando a figura como parte essencial da rica cultura afro-brasileira. Para o poeta, Exu personificava a conexão entre o divino e o terreno, um guardião das encruzilhadas, símbolo da vida em sua totalidade, mesclando o sagrado e o profano com harmonia poética.

Numa definição livre, não autoral, Exu é uma entidade da mitologia afro-brasileira, reconhecido como o mensageiro entre os planos espirituais, detentor de múltiplas facetas e dualidades. Na cultura religiosa afrodescendente, é associado à comunicação, às encruzilhadas e à energia vital, sendo venerado e reverenciado em diferentes tradições e crenças. Sua figura multifacetada representa a ambiguidade humana.

Nas visões “assinadas”, pelos líderes evangélicos, Exu continua associado ao mal, embora a IA não assuma essa posição, deixando explícito, logo de cara que: “Como uma entidade da fé afro-brasileira, Exu é interpretado por diferentes visões religiosas”. Ao nos dar sua construção para o que seria a voz de Vinícius de Moraes, Exu é elevado a um *status* superior na cultura brasileira, como talvez respondesse um porta-voz da própria religião. Ao dar, por fim, sua própria definição, isto é,

*O candomblé na roda do tempo*

sem seguir o pensamento explícito deste ou daquele, a IA se põe ao lado das concepções mais modernas e despidas de preconceito. Fala com neutralidade, como se fosse a voz do povo que já deixou para trás a intolerância religiosa e o racismo. Isso é mais um indicador das mudanças sociais e do lugar para onde elas apontam, num tempo em que Exu dança e é aplaudido por milhares ao se exhibir na comissão de frente de escolas de samba.

3

Há muito estamos habituados a consumir uma literatura que tem servido para divulgar para o Brasil e o mundo os orixás brasileiros trazidos do continente africano pelos escravizados. O mestre dos mestre é Jorge Amado. Em outro lugar escrevi (Prandi, 2012) que “a religião na Bahia”, segundo ele,

[...] não se separa do mundo real, que se mostra cheio de mistério, segredo e magia. Como é próprio do universo dos mistérios e segredos, esse cotidiano também está sempre permeado de ciladas e enganos e até de falsidades e mentiras. A vida nunca é exatamente o que parece ser, nem deixa de ser o que de fato é. Ingrediente excepcional para fazer crescer um

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

bom enredo. De um lado, homens e mulheres que se comportam como os deuses se comportariam se vivessem na Terra; do outro, orixás que precisam dos humanos para se alimentar no repasto dos ebós, para dançar na roda das feitas, para rememorar no transe das iaôs suas míticas aventuras. Sem nunca perder — deuses e mortais — a sensualidade, a malícia e a alegria de ser.

Esse Brasil de Amado é mágico, fantástico, negro. Como também é a Bahia do *Pagador de promessas*, de Dias Gomes, primeiro nos palcos e depois nas telas, como filme superpremiado de Anselmo Duarte. E na obra cinematográfica de Glauber Rocha.

Depois tem toda a farta presença dos orixás nas letras da música popular brasileira, do qual já falei muito e outros também (Prandi, 2023; Moura, 2022). Sem falar no samba-enredo, é claro (Augras, 1998; Mussa; Simas, 2024). Isso é o tido e sabido. Não há o que contestar, mas um olhar sobre a produção cultural brasileira de alta qualidade não deixa de mostrar mudanças recentes, que eu ousaria chamar de mudanças capazes de romper nossas fronteiras para mostrar um Brasil que, sem se mostrar Brasil, ganha raízes internacionais, vira coisa do mundo todo.

*O candomblé na roda do tempo*

Tomo um livro, um *best-seller* capaz de, por si, demonstrar meu argumento de que as religiões afro-brasileiras se avolumaram de importância como tema de uma literatura engajada que se desprende do país em que foi escrita para se tornar universal: o romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior. Um livro que conta a história de uma família que vive numa pequena vila baiana, do interior. E que o tempo todo faz referência a uma religião afro-brasileira muito pouco conhecida, o jarê, uma espécie de umbanda ou candomblé de caboclo adaptada às mais terríveis condições de pobreza, marginalização e sofrimento de uma população descendente de escravizados, um povo esquecido, que segue uma religião nem notada por quem vive fora dali.

*Torto arado* se divide em três partes, cada uma com seu narrador, dos quais duas são mulheres e outro é nada mais nada menos que uma entidade espiritual do jarê, religião citada constantemente no livro, não como religião propriamente, mas como fonte cultural implícita do meio em que tudo acontece. O jarê domina a cena sem que Itamar, contudo, gaste sequer uma palavra para explicar o que é o jarê. E quem sabe o que é o jarê? Em termos relativos, levando em conta o tamanho da população brasileira, ninguém. A menos que more na

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

Chapada Diamantina ou que tenha lido o capítulo que Renato de Salles Senna escreveu para minha coletânea *Encantaria brasileira* (Prandi, 2004), livro publicado há vinte anos, ou o que se escreveu depois em dose mais generosa.

Essa é uma das condições que fazem do livro de Itamar uma obra para ser lida em qualquer parte do mundo, como de fato tem sido. Isso tem muito a ver com o que chamamos de universalização da religião: ela está aí e não precisa ser explicada, está em nosso cotidiano, independente de suas origens e das nossas. Por tudo isso, talvez possamos ganhar mais um presente pelas mãos de Itamar, além do livro, um prêmio Nobel, imagino, sem nenhum favor, agora que derrubamos por meio dele nossa condição cultural de fim do mundo. Do que nos interessa no presente escrito, dá para se provar com *Torto arado* que uma religião pode se transformar de étnica em universal sem deixar de ser étnica. Em outros termos, é o mesmo que botar uma bomba nos alicerces do preconceito racial, com que as religiões afro-brasileiras historicamente dividem o mesmo útero negro. Pessoalmente, desde o início dos anos 1970 espero o desabrochar de uma prova como essa. E o mais promissor é que todo mundo leu, se não leu, lerá um dia, os filhos lerão, com certeza os netos.

*O candomblé na roda do tempo*

O povo do jarê revelado pelo livro, que tomo como símbolo máximo de abertura de caminho novo na longa trajetória de mudança na mentalidade e no sentimento brasileiro por parte de quem não teme a diferença, não está sozinho. Nas últimas duas ou três décadas, livros sobre o candomblé e suas religiões irmãs se esparramaram pelas estantes das livrarias físicas e virtuais. As religiões afro-brasileiras só se mantiveram e se firmaram graças à habilidade de transmissão oral do conhecimento que lhe é própria, que ainda sustenta a reprodução de sua sacralidade, mas cuja prática vai caindo em desuso pelo declínio do modo de aprender de cor, que afetou também o ensino escolar, provocando mudanças nos métodos de letramento. Em contrapartida, neste mundo que muda tão depressa, essas religiões também ganharam o concurso dos veículos que hoje aceleram e asseguram a transmissão do saber: o livro, a internet de hoje, a junção deles num pequeno aparelhinho de uso individual e permanente, o *smartphone*. Bom, e tudo mais.

Entre esses livros sobre as religiões afro-brasileiras e seus deuses orixás, na condição de seguidor da estrada aberta por Pierre Verger, Carybé, que desenhava o que os outros escreviam, por Roger Bastide, Donald Pierson e Candido Procopio Ferreira de Camargo, que não tiveram medo de chamar

*Reginaldo Prandi*

o que viam nos terreiros de religião de verdade, inscrevo meu *Mitologia dos orixás* (Prandi, 2001), que pode ter colaborado na democratização desses saberes africanos naturalizados brasileiros, especificamente, o conhecimento dos objetos de culto que o Brasil herdou da África. *Mitologia dos orixás*, às vésperas de completar 25 anos de edição, contando com 37 reimpressões até este momento, contribuiu, quero crer, para criar uma demanda que põe os orixás em pé de igualdade com os deuses gregos, romanos, egípcios, nórdicos, hindus. Tornaram-se clássicos, ou não? Depois vieram as versões infantojuvenis, cada vez mais adotadas pelas escolas, juntamente com obras similares de outros autores, contribuindo para a criação de um nicho específico para os orixás na cultura não religiosa, ao lado de outros heróis universais, assumindo seu lugar de direito, em que a presença indígena vai também tomando assento. Creio que a familiaridade da cultura popular não sacra com a cultura do terreiro robustece a religião.

4

Então chegou a pandemia da Covid-19 e, com ela, apesar do negacionismo do governo federal de então, a necessidade de isolamento. Tudo parou: comércio, fábricas, bares e restaurantes, escolas, cinemas e teatros, igrejas, centros e terreiros religiosos. No âmbito da religião talvez tenham sido as religiões afro-brasileiras as que mais se ressentiram do *lockdown*. Porque a celebração dos orixás, voduns, inquices e encantados se faz oferecendo aos deuses e espíritos tudo aquilo que se dá aos membros da família, especialmente comida e diversão. Difícil imaginar o candomblé sem dança, sem a presença ritual dos orixás manifestados no transe, o que implica gente reunida, tocando, cantando e dançando. Devotos preparando as os pratos prediletos dos orixás, fazendo uso de ingredientes que incluem carnes dos animais votivos que devem ser abatidos no terreiro, sob preceitos religiosos, como em outras religiões. Num candomblé tudo é cantado, toda e qualquer oração tem seu ritmo e melodia, velho e poderoso artifício para manter as palavras vivas na memória. O canto raramente é solitário, prevalece o coral de estilo responsorial, em que um líder canta

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

e os demais repetem, enquanto os tocadores sustentam a base rítmica. Mas na pandemia as pessoas não podiam se juntar para nada disso.

As religiões cristãs há muito usam o rádio e a televisão para suas missas, pregações e outras formas de louvação. Há igrejas evangélicas que devem seu sucesso à propriedade de redes de televisão e de rádio, outras alugam horário em emissoras de terceiros. Quem nunca assistiu à pregação de pastores e padres na TV? Que católico nunca assistiu à missa do galo celebrada no Vaticano pelo papa? Quantos veem a missa de casa em vez de ir à igreja? Mas esse mundo rádio-televisivo para gente do candomblé, da umbanda e de outras denominações afro-brasileiras era terra virgem. Mais que isso, o candomblé também é uma religião de serviços, que oferece aconselhamento por meio do jogo de búzios, realizado pelo pai ou mãe de santo frente a frente com o consulente. As espórtulas advindas dessa atividade oracular são muito importantes para o sustento do terreiro, onde simplesmente não se reza ou se canta, mas se oferece comida aos deuses. Essa materialidade do culto depende do dinheiro arrecadado por meio do trabalho oracular, que também paga as despesas do cotidiano do pai ou da mãe de santo, que se dedica em tempo integral ao atendimento

*O candomblé na roda do tempo*

dos filhos e das filhas de santo em suas obrigações periódicas, cuidando dos clientes que não seguem a religião, mas vão a ela em busca de solução de problemas do corpo e do espírito, devendo zelar dos orixás e seus assentamentos, para que não lhes falte água de beber, alimentos e outros cuidados rituais.

As religiões cristãs, nesse sentido, tiveram maior facilidade de dar continuidade a seus serviços religiosos mesmo com as portas fechadas, contando com o rádio e a televisão, mas o candomblé teve que aprender e aceitar práticas antes consideradas impróprias, como o jogo de búzios não presencial. Muitas lideranças aprenderam a fazer uso de videoconferências por meio do *smartphone*, às vezes contando com um grupo muito reduzido e usando máscaras para proferir saudações cantadas, que podiam ser acompanhadas pelos devotos diretamente de suas casas. A *live* pelo celular ou pelo *laptop* deixou de ser mistério. Muitos dos jovens filhos e filhas do terreiro têm grande facilidade em lidar com esses objetos eletrônicos e serviram de apoio decisivo a seus pais e mães, mais velhos e menos afeitos às facilidades da informática. E para o jogo de búzio à distância, sim, essa “quizila” teve que ser quebrada. Primeiro o contato telefônico para marcar hora e condições, a geração de *links* para estabelecer a comunicação, o jogo feito de longe e o uso de Pix

*Reginaldo Prandi*

e outras transferências bancárias eletrônicas para o pagamento do serviço. Quando havia prescrição de oferendas, essa se realizava com a presença de pouquíssimos, podendo o cliente acompanhar o oferecimento votivo por meio eletrônico.

A presença de pais e mães e suas *lives* na internet, em redes sociais e grupos de WhatsApp, propiciou, em certos casos, a ampliação do número de seguidores do terreiro. Agora que a distância deixava de ser um empecilho, filhas e filhos do terreiro podiam se conectar de qualquer cidade, estado, ou país. Evidentemente, tudo era feito num compasso de espera. ■ Cerimônias complexas que implicam o recolhimento no terreiro foram adiadas. As festas dos orixás, com a presença de todos desempenhando seus respectivos papéis, tiveram que ser canceladas ou postergadas *sine die*.

Em muitos terreiros, todos se juntavam através de seus computadores e celulares para cantar as rezas para Omulu, o orixá da peste. Para que os protegesse do contágio, os livrasse de ser vitimados pela pandemia. A Xangô se pedia que o governo federal providenciasse as vacinas para todos, que ampliasse os leitos hospitalares, que disponibilizasse um dinheiro mínimo para os que perderam emprego e renda pudessem sustentar suas famílias. Para Iemanjá se pedia paz de

*O candomblé na roda do tempo*

espírito, bom juízo e firmeza na travessia desse mar morto. Mais de uma vez acompanhei *lives* pelo Youtube em que se cantava para Omulu, Oxaguiã e Euá para que iluminassem a inteligência e o saber dos cientistas na busca da vacina contra o coronavírus, na descoberta de remédios para combater o vírus, curar a doença e minimizar suas sequelas. Muito se rezou para que Iansã cuidasse bem dos mortos, quando o próprio presidente da república na época lavava as mãos e declarava “Eu não sou cozeiro”.

Finalmente a força da pandemia arrefeceu, a maioria da população foi vacinada, muitos ainda chorando os 700 mil brasileiros mortos de covid, arrancados de seu convívio, e a vida foi, pouco a pouco, voltando ao normal, deixando instalada talvez para sempre algumas práticas de saúde segundo o que se chamou de “pós-normal”. A religião voltou ao seu funcionamento nos moldes pré-pandemia. Mas o candomblé tinha mudado e algumas das práticas adotadas acabaram sendo preservadas no conjunto da “tradição”. O que se aprendeu não foi esquecido. E o exemplo mais emblemático é o jogo de búzios on-line, que veio para ficar, embora em alguns terreiros nunca tenha sido adotado e em outros, mantido como alternativa ao jogo presencial, a depender da situação. Mas não há

*Reginaldo Prandi*

mais, como antes da pandemia, quem julgue a prática como ilegítima ou intolerável.

Do chão de terra batida ao piso revestido, do fogão a lenha ao fogão a gás, da luz de lampião à iluminação a LED, do ferro a brasa ao ferro elétrico, do lavar roupa no riacho à lavadora elétrica, do pilão ao liquidificador, da garganta potente do puxador de cantigas ao canto ao microfone. A lista de mudanças adotadas ao longo dos rígidos tempos da “tradição” é muito maior que essa. A elas se acrescentaram agora as que defenderam sacerdotes e seguidores da peste que parou o mundo. ■ O que me faz lembrar também da epidemia do HIV, que, em décadas anteriores, levou os terreiros de candomblé a adotarem o uso da navalha pessoal, de uso exclusivo, que veio substituir a navalha única da mãe de santo, usada na reabertura dos aberês (cortes cerimoniais identitários) de todos os membros da casa, numa cerimônia que encerrava o período da Quaresma, prática que, na época, fez com que a propagação do HIV, muito antes da descoberta de drogas protetoras, dizimasse muitos terreiros. Não foram poucos os babalorixás e ialorixás que, abandonando o isolamento de seus tronos reais, se juntaram a médicos e outros profissionais da saúde em campanhas de prevenção sanitária contra o HIV nos meios do povo de santo.

*O candomblé na roda do tempo*

Às vezes com dificuldades e certo sentimento de poder estar incorrendo em algum erro capaz de afrontar os orixás, as pessoas da religião sabem que o mundo muda, pois isso pode facilmente ser percebido em casa, na escola, no trabalho, na rua. E que a religião, para se manter viva, tem que acompanhar as mudanças na sociedade e saber lidar com seus tropeços. De todo modo, acima de qualquer coisa, é o axé que tem que ser preservado e para isso a religião tem que existir, talvez seja essa a orientação maior que rege a mudança.

5

Até os anos 1930, o responsável pelo oráculo do candomblé era o babalaô, sacerdote de Ifá, que participava de uma confraria exclusivamente masculina, aos moldes africanos tradicionais, e que contava com a assistência ritual de uma sacerdotisa de Oxum, a chamada apetebi. O baiano Martiniano Eliseu do Bonfim, que passou a juventude na Nigéria, onde foi iniciado, foi o mais famoso de todos os babalaôs em terras brasileiras, tendo falecido em 1943. Foi figura decisiva na consolidação do candomblé, como uma espécie de suporte

*Reginaldo Prandi*

e conselheiro para as primeiras grandes mães de santo. Outro nome importante foi Felizberto Sowzer, pai Benzinho, falecido em 1933. Nascido e criado na Nigéria, atuou intensamente na formação do candomblé no Brasil. Enfim, na década de 1940 a confraria dos babalaôs no Brasil estava extinta, sobretudo porque as mães de santo foram tomando para si a prerrogativa de atuar como oráculos dos orixás, livrando-se da autoridade masculina do babalaô. Até hoje, no âmbito do candomblé e outras denominações similares, cabe à mãe ou ao pai de santo o exercício oracular. Há o caso excepcional de Agenor Miranda Rocha, o Professor, falecido em 2004, aos 96 anos, iniciado desde menino para o papel de iaô de Oxalá. O Professor tornou-se grande autoridade na consulta dos búzios, famoso por sua atuação em épocas de sucessão na chefia dos mais importantes terreiros, quando o orixá dono da casa deve, segundo crença arraigada, ser ouvido por meio dos búzios. Mas o Professor não era nem nunca se considerou um babalaô, preferindo ser chamado de “olhador”.

Desaparecido no Brasil, o babalaô tornara-se supérfluo, sua tarefa assumida pelos chefes de terreiro, os pais e as mães de santo. O mesmo não aconteceu em Cuba, onde o babalaô ainda é o sacerdote de posto mais elevado na religião e de onde

*O candomblé na roda do tempo*

têm chegado, nos últimos anos, babalaôs dispostos a reconstituir esse sacerdócio no Brasil (Lopes, 2020).

Nos últimos anos o Brasil tem recebido boa quantidade de babalaôs originários da Nigéria e de Cuba, alguns depois de passagem pelos Estados Unidos. Simultaneamente, muitos brasileiros seguidores do candomblé têm buscado na África sua iniciação ao sacerdócio de Ifá, ou Orunmilá, retornando com o título de babalaô. Pierre Verger, já muito famoso por sua enorme contribuição na consolidação e legitimação social do candomblé em razão de seu trabalho de fotógrafo e etnólogo, iniciou-se babalaô no Benim, retornando com o nome ampliado de Pierre Fatumbi Verger. Foi talvez o mais importante bastião da religião dos orixás no Brasil, compondo um grupo de homens brancos que inclui Carybé, Jorge Amado, Roger Bastide, Vinícius de Moraes e Vivaldo da Costa Lima.

Dos babalaôs cubanos e nigerianos que chegaram nas últimas décadas ao Brasil, muitos ficaram aqui definitivamente, atendendo clientes seguidores ou não das religiões afro-brasileiras, iniciando muita gente nas artes da adivinhação, formando grupos de seguidores e fundando casas religiosas próprias. Nascia uma nova religião, que nos últimos vinte anos foi se consolidando, a religião de Ifá, também chamada de ifismo

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

e ifaísmo. Muitos procuraram se associar a terreiros existentes e seus babalorixás e ialorixás, mas não são muito os chefes de terreiros preexistentes dispostos a dividir com os novos baba-lão o poder de mando religioso. Essa nova forma de reconstituir o culto de Ifá nos antigos moldes ainda não encontrou um formato próprio, mas é comum encontrarmos iniciados que se dizem pertencentes ao culto de Ifá, que, ao que tudo indica, deixou para trás a condição, preservada na santeria cubana, de culto masculino. Um ganho para as mulheres, sem dúvida.

Algumas casas de Ifá já se encontram consolidadas, tendo assumido também o culto dos demais orixás, mas sua ligação com as casas de candomblé ainda é uma incógnita, muitas vezes fonte de disputas e acusações. De todo modo, os filhos de Ifá vão aos poucos construindo seu caminho, cuja origem não está no candomblé, religião brasileira, mas nas religiões afro-cubanas e africanas de cultura iorubá.

6

Nestes últimos vinte ou trinta anos muita coisa mudou no candomblé e outras religiões e continua mudando; há novas situações problemáticas na sociedade que demandam respostas não só da religião, mas também da ciência, da tecnologia, das artes, da política. No âmbito da administração das coisas do sagrado, os evangélicos mudaram muito, assumiram uma nova teologia e ingressaram na política partidária e se meteram no governo, num movimento que lhes foi muito favorável e que lhes proporcionou enorme expansão em termos de denominações, igrejas e seguidores e que lhes deu um protagonismo sociopolítico por nada e ninguém imaginado nos idos dos anos 1970, quando a pesquisa sistemática da religião por sociólogos ganhou corpo e especial atenção por parte da universidade. O catolicismo testou mais de uma via teológica, com formação de pensamentos e grupos internos às vezes contraditórios, sem nunca ter sido capaz de deter o avanço evangélico pentecostal sobre suas fileiras. Em busca de um lugar decisivo no palco da vida contemporânea, o catolicismo assumiu nos últimos anos a figura à Quixote de defensor do meio ambiente, na tentativa

*Reginaldo Prandi*

de recuperar a importância no governo das coisas deste mundo, que reteve por quase dois mil anos e que viu escorrer por entre os dedos por força da secularização, que aceita a religião na administração da intimidade, mas que não está disposta a lhe devolver inteiramente o poder que, falando do Ocidente, conseguiu lhe extrair.

Nesse refazer de forças e busca por influências, a forma como as religiões se enfrentam, disputam espaços e importância, assumem rituais e traços doutrinários que já caracterizaram exclusivamente a religião com que ora competem, o universo religioso não para de nos surpreender. Só para lembrar: os dons do Espírito Santo dos católicos carismáticos já foram prática exclusiva das igrejas pentecostais e neopentecostais; a doutrina de que o bom cristão tem direito às facilidades e ao conforto material que o desenvolvimento econômico e social cria não adentrava as portas evangélicas, era coisa de católico, que a teologia da prosperidade neopentecostal sabiamente tomou também para si, como lastro de sua incrível ascensão em sua aspiração de se transformar na maioria religiosa do país. A caminhada do catolicismo tem sido compreensivelmente dificultada pela necessidade de dar passos atrás para compensar os passos à frente na tentativa de mudar mais radicalmente,

*O candomblé na roda do tempo*

como, por exemplo, no caso da abertura do sacerdócio pleno à mulher, da inclusão de católicos de gênero não binário, da liberação da eucaristia aos divorciados.

No mudar de orientações e rumos, uma dada religião pode se transformar em empecilho e inimiga da outra. A diferença gera enfrentamento, velhos e superados problemas são renovados. O candomblé sofreu conhecida perseguição por parte de órgãos de governo, como a polícia, e por parte da imprensa. Teve que se esconder no mato distante, ocultar seu cerimonial mais incompreendido pelos outros e cercar-se de amigos advindos de posições de prestígio da sociedade branca inclusiva em busca de proteção. Quando tudo isso parecia resolvido, sobretudo nos anos 1960 e 1970, com a descoberta e valorização da cultura de candomblé pela música popular, pela literatura, pelo cinema etc., um novo inimigo se levantou, dessa vez na própria esfera das religiões de conversão: os evangélicos pentecostais e neopentecostais, sobretudo.

A intolerância religiosa e os ataques a terreiros afro-brasileiros e seus membros por muitos desses cresceu a ponto de levar o Supremo Tribunal Federal a declarar constitucional o rito do abate votivo de animais, derrubando leis municipais e estaduais que procuravam impedi-lo, e incluir a violência con-

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

tra qualquer prática religiosa no crime inafiançável e imprescritível de racismo. A Lei explicitamente passou a defender o candomblé e a liberdade religiosa, mas, mesmo assim, muitos dizem e dirão “A lei, ora a lei”.

▪

## Referências

- AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. Templos evangélicos crescem 228% em duas décadas no país. *Folha de S.Paulo*, 8 de dezembro, p. B2, 2023.
- CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de; PRANDI, Reginaldo et al. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973
- CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de; SOUZA, Beatriz Muniz de; PIERUCCI, Antônio Flávio. Igreja Católica: 1945-1970, In: FAUSTO, Bóris (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano*. v. III-4, p. 343-380. São Paulo: Difel, 1984.
- LOPES, Nei. *Ifá lucumi: o resgate de uma tradição*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília & FRESTON, Paul. O avanço do sionismo cristão. *Folha de S.Paulo*, 7 de março, p. A3, 2024.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 3. ed. São Paulo: Todavia, 2022.
- MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Reginaldo Prandi*

- PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. *In:* SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). *Sociologia da religião e mudança social*, p. 11-21. São Paulo: Paulus, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. Posfácio. *In:* AMADO, Jorge. *O compadre de Ogum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. Nova edição ampliada. Itanhaém, Arché, 2020.
- PRANDI, Reginaldo. *Brasil africano*. Itanhaém: Arché, 2022.
- PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- SENNA, Renato de Salles. Jarê, a religião da Chapada Diamantina. *In:* PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.



# REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

## Naná e a esteira como território mítico<sup>1</sup>

*Lorena Penna Silva<sup>2</sup>*

*Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus<sup>3</sup>*

---

1. Comunicação verbal realizada em 14 de maio de 2023, durante a Roda de Saberes – Ancestralidade, Religiosidade e Cultura, que integrou o XI Cultura e Negritude, evento internacional do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT/UFRB, que compôs a programação do II CICLO AFRO. Integraram a Roda os professores Eduardo David de Oliveira (UFBA/Rede Africanidades) e Kiki Givigi (CFP/UFRB).

2. Doutoranda do Programa de Difusão de Conhecimento, da Universidade Federal da Bahia. Servidora técnica do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECULT/UFRB), membro do grupo de pesquisa FORCCU

3. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora associada do CECULT/UFRB, do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos povos indígenas (CAHL/UFRB) e do Mestrado em Estudos Interdisciplina-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

**Resumo:** Apresentam-se aqui outras narrativas para ressignificar o ìtan/mito em torno da Vodum/Orixá Nanã, relacionando-a ao renascimento, à morte e à vida, entrelaçadas à percepção da eni/ diçça (esteira) sacralizada como território sagrado, lugar de nascimento do Yaô que gestado sobre a esteira, no terreiro de candomblé concebido como um microcosmo, renasce para a família mítica inaugurada por Nanã, a partir das relações de cuidado e afeto constituídas, rompendo com o elo exclusivamente consanguíneo, pelo acolhimento ao diverso e à multiplicidade. O texto divide-se em duas partes: A Esteira como Território Sagrado e Nanã e a Ética do Cuidado. Inserir-se nas temáticas propostas pela Filosofia Afro-brasileira e pela Lei nº. 10.639/2003, com o intuito de contribuir para a difusão dos conhecimentos das religiões de matriz africana e, simultaneamente, para o combate ao epistemicídio.

**Palavras-Chave:** Nanã. Religiões de Matriz Africana. Candomblé. Filosofia Afro-Brasileira.

---

res sobre a Universidade (EISU/UFBA); Coordenadora do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura e Negritude. Membro do grupo de pesquisa FORCCULT.  
E-mail: rcdias@ufrb.edu.br.

## Introdução

As religiões de matriz africana possibilitam outras formas de conhecimento: o contato com modos de conhecer e atuar no mundo que são postos por meio das suas práticas, vivências, ritualísticas e modos de vida que estão impregnadas de sentidos e saberes que foram intencionalmente invisibilizados pela imposição de uma visão de mundo ocidental generalizante, na qual há a sobreposição de valores que hierarquizam raça, religião, gênero, território e natureza.

Aspiramos que haja outros caminhos ainda que permitam não só a recuperação, mas também a regeneração dos valores circulantes, quiçá as experiências de povos originários, indígenas, negros, camponeses, quilombolas, congos, ribeirinhos apontem-nos possibilidades para uma totalidade-mundo (Glissant, 2021), que se faça atravessada pela multiplicidade, na qual resplandeça a indissociabilidade entre matéria, espírito, natureza, cosmo, conhecimentos, saberes, em um balanço mimético, em um único lugar de coexistência, como é em um “porrão”, utensílio ancestral feito de barro/argila, matéria maleável, da qual, segundo registrado nos itans afri-

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

canos, foram modeladas as cabeças e os corpos para a geração da vida humana.

Os saberes dessas comunidades de práticas, com pertencimento etnorracial negro-indígena, comungam com as existências, em diáspora, e contribuem para a amplitude formativa e para o combate ao epistemicídio que hierarquizou conhecimentos, hegemonizando a forma de pensar e fazer ciência branco-cosmopolita.

A filosofia afro-brasileira, mediada pelas Filosofias da Ancestralidade e do encantamento, segundo (Oliveira, 2022, p.14): “implicam-se no educar para a sensibilidade, para transformação, para libertação. Fortalecimento de nosso pertencimento, valorização de nossos saberes, culturas, nosso chão”. Em concomitância com a Lei 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e indígena, estudos e reflexões têm sido possibilitados sobre a produção e a difusão de conhecimentos pautados na pluralidade dos modos de vida das comunidades tradicionais e originárias, associando esses conhecimentos à formação política e social emancipatória.

*Naná e a esteira como território mítico*

No esteio do contato entre o conhecimento ancestral e contemporâneo, fazemos comunicarem-se com meios de difusão do conhecimento, a partir da narrativa sociocultural advinda das histórias comunais dos povos africanos, que é socializada através dos “ìtans”, termo em yorubá correlato ao termo “histórias”, em português. Os ìtans narram acontecimentos dos quais advêm aprendizados, ensinamentos e ciência, passados de geração em geração como legados culturais.

Apresentaremos um dos ìtans vinculados ao Vodum/Orixá Nanã, a senhora que mistura água e terra, que está relacionada à origem do ser humano no planeta Terra, ela movimenta as águas paradas, os terrenos pantanosos e movediços e a terra úmida. Ela está relacionada aos domínios existentes entre a vida e a morte. Nanã tramada na esteira (espécie de tapete feito com palha da costa que é elemento ritualístico para as religiões de matriz africana), de forma paradoxal, entretece esses dois campos da existência – vida e morte –, que se entrelaçam num movimento indissociável que incide nos corpos, nos territórios e na natureza.

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

## **A esteira como território sagrado**

Inicia-se aqui invocando a esteira (*diciçaleni*), feita geralmente de palha da costa (*Ewe ikô*), rafia extraída de uma palmeira, chamada igi-agorô (*Igi-Ògòrò*) pelo povo africano e que, no Brasil, recebe o nome de jupati, cujo nome científico é *Raphia vinifera*.

O Ibirí, Azé, Xaxará, Adô arakole, vestimentas/paramentos da família Ijí, jí ou fomá, utilizadas pelos Voduns/Orixás Naná, Oxumaré, Obaluaye, Yewa, Ossain, têm a predominância do uso da palha da costa, que é um elemento que também se faz presente em quase todas as indumentárias dos outros orixás (Ketu) /inkices (Bantu)/voduns (Jeje).

A esteira, uma vez ritualizada/sacralizada, é considerada um território mítico, a demarcação de um solo sagrado e místico, dentro de outro espaço, mais amplo, que é o próprio terreiro de candomblé (*égbè*) que representa o cosmo. É sobre ela, a esteira, que a energia se concentra para que, após os ritos, possa se propagar. Ao mesmo tempo, ela é um espaço de proteção do Yaô (iniciado/noiva/o do orixá) que está sobre a Terra, em sua vastidão e em suas camadas profundas, que

*Nanã e a esteira como território mítico*

resplandecem na trama da esteira, no trançado que compõe a ditiça, a fim de que a vida ancestral se repita, afastando a morte que já foi dada para que o Yaô renasça.

O corpo sacralizado, pelos ritos de passagem para que o/a Yaô possa ser gestado, requer cuidados que englobam os elementos vegetais, animais e minerais, que compõem o que somos como corpo físico, parte da natureza, em estado de congraçamento. A corporeidade do/a iniciado/a é entendida como “um território onde se entrecruzam elementos físicos e míticos, coletivos e individuais, erigindo-se fronteiras e defesas” (Sodré, 2016, p. 131), é fundamental para a continuidade do candomblé que repete no tempo e no espaço a consagração dos ritos, dos mitos, da memória coletiva, da ancestralidade.

O corpo é o aparato principal de equilíbrio do ser humano, considerando-o físico, espírito, consciente e inconsciente, com atenção ao ori (cabeça), que segundo a cosmologia iorubá constitui o destino individual (Oyěwùmí, 2021). A desarmonia de um compromete o outro, pois, como nos fala Hampaté Bâ (2010, p. 169): “Na tradição oral de fato, o espiritual e a matéria não são dissociados”.

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

É na saída do/a Yaô que, geralmente, as mulheres consagradas ao orixá Yansã<sup>4</sup> incumbidas do cargo de Yá Teni devem segurar a esteira do Yaô, debaixo dos braços, e, em seguida, abri-la nos pontos centrais da casa (cumeeira, quarto dos orixás, atabaque e porta da rua), para que o/a Yaô, em movimento de *dòbalè*, *Yiinká*, *Kunle* – formas de saudações e reverências –, seguida do *paô* – som oco produzido pelas palmas das mãos –, seja reconhecido/a como o mais novo/a integrante daquele Ilê Asé, aumentando a potência/ o asé do terreiro, sinergeticamente.

■ Em todos os rituais sagrados, a esteira será utilizada pelo iniciante que se conecta à Terra, mas não se amalgama a ela, suspenso como o *orum*<sup>5</sup>. O uso continuado da esteira, nas iniciações de orixás, começa com o *bori* (nutrir a cabeça, etapa iniciática na qual a pessoa se torna *abiã*), e continua até o

---

4. Aquela que representa o entardecer, os raios e redemoinhos, transformando-se em búfala e borboletas, é quem afasta e domina os eguns, transitando no mundo dos ancestrais.

5. Palavra na mitologia iorubá que define o mundo espiritual, paralelo ao Àiyé (Aiê), terra ou mundo físico.

*Naná e a esteira como território mítico*

ritual de passagem de yaô para egbome (o mais velho) que se dá com a obrigação de sete anos, a partir da data de iniciação, desobrigando-o do uso de alguns elementos em que a palha da costa é indispensável.

Na esteira, reza-se para as divindades, canta-se para as folhas (sassanhe), bate-se o paô, fazem-se as refeições (ajeum), preparam-se as iguarias votivas como o amalá, pede-se a benção, e também se dorme. É um tabique que resguarda o involucro sagrado, resistindo às vibrações energéticas que não fazem parte daquele ato, a fim de preservar a vida que está sendo concebida.

Ninguém deve usar a esteira de um iniciado, a não ser que seja seu irmão de barco, que terá vinculações ancestrais entre si. Em algumas casas, enrola-se uma parte da esteira quando a pessoa está sentada, evitando fluxos energéticos indesejados. Também se evita que crianças não iniciadas deitem na esteira com os yaôs a fim de não precipitar manifestações precoces da espiritualidade.

A esteira compõe o sagrado e nela são preparados os ritos para que resplandeça o orixá sacralizado no corpo. A sacralização requer restituições à terra para que a vida brote. É no chão, na terra batida, que os pés descalços devem se firmar. O

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

Yaô repousa no espaço recriado protegido pela esteira, evitando assim que Ikú (a morte) o alcance.

A ditiça/esteira/eni feita de ikó constitui, assim como a umbigueira, o contra-egum, o mokan, a senzala, o xaorô, elemento utilizado para os processos iniciáticos do yaô, ou seja, na sua gestação, protegendo-o da morte ou do estado de natimorto. O Yaô está envolto no útero ancestral, representado pelo poder feminino, expresso pelo ekodidè (pena vermelha de um pássaro) preso à frente, em sua reverência.

## **Naná e a ética do cuidado**

Opoder feminino sobre a vida, o nascimento, o renascimento, o asé, adorna o corpo da yaô, representado pelo Ekodidè, afixado no ori, e é essencial para o/a iniciado/a, sem ele não será apresentado para a comunidade, pois simboliza as mães ancestrais, nos desígnios da vida e da morte, para a continuidade existencial na terra.

As mães ancestrais ou Iyá Mi Ajé manifestam-se pelos Eye (pássaros) que vivem dentro da cabaça/cosmo, com o objetivo de controlar a ligação da terra (aye) com o mundo espiritual

*Naná e a esteira como território mítico*

(orum), mas, segundo o mito descrito por Pierre Verger, elas perdem o poder para Orixalá, em virtude de terem abusado do mesmo. “Ele exercerá o poder, mas ela conservará o controle”. (Santos, 2008, p.16).

Os papéis sociopolíticos insubordinados da Ìyámi Oxorongá (mães metafísicas), que detêm e são o próprio poder de criação, geração e finalização da vida, ressignificam as relações entre gênero/sexo e da criação do mundo, unicamente à imagem e semelhança do Deus/Homem.

O útero, lugar de exercício do poder da cabaça, simbolizando o universo, é o mais valioso reservatório e gerador de vida, cercado pelo líquido precioso para sua subsistência, composto de água. É a própria fertilidade! O andrógino constituiu-se numa plena sinfonia e que pulsa a veia cava que dá vida, e que se conecta diretamente com o cordão umbilical, ponto energético sagrado para o povo do candomblé.

A sacralidade feminina das Ìyámi habita sobre todos os orixás femininos, no exercício do poder ancestral que está presente na memória corporal, no estado coletivo e singular, considerando “o corpo como um microcosmo do espaço amplo (o cosmo, a religião, a aldeia, a casa), igualmente feito de minerais, líquidos, vegetais e proteínas, o que faz da conquista

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

simbólica do espaço uma espécie de tomada de posse da pessoa” (Sodré, 2017, p. 130).

É Nanã /Nzumba/ Zumbarandá a senhora mais velha da terra, o útero mítico das mães ancestrais, a cabaça-ventre, quem gesta o yaô sobre a esteira, representando o renascimento para o asé, a emergência da vida para/na terra, sem encerramentos com a morte física, que é ato de continuidade da existência. Vida/Morte interdependentes, repetitivos no espaço/tempo.

Naná faz o solo fértil pelas suas águas profundas. É a maleabilidade da vida demonstrada na sua dança curva. Não se subjugam à rigidez do ferro, do metal, trazido por Ogum. É na ductilidade que Nanã molda os corpos, em que a vida se fará presente. A terra seca é infértil, nada cresce, nada dá. Nanã é água que brota das camadas mais profundas da terra, nos enriquecimentos, que afofa a terra árida.

A lama, matéria-prima, e os três elementos-signos que simbolizam os três sangues – o branco, o vermelho e o preto, contidos no igbádù, estão representando igualmente a complementaridade dos três princípios ou forças que constituem o universo e tudo o que existe. Ìwá + àse + ábá: Ìwá, princípio da existência; Ásé, princípio de realização; Ábá, princípio que in-

*Naná e a esteira como território mítico*

duz, que permite as coisas de terem orientação, de terem direção ou de terem objetivo num sentido preciso (Santos, 2008).

Agbá Naná é a expressão do poder ancestral feminino; as mães ancestrais sobre a Terra e os corpos viventes. É a manifestação da natureza constitutiva da matéria humana. A coruja que rasga a mortalha na escuridão onde os corpos adormecem, para que as vidas se restabeleçam. Ela é ser da criação/ inaugural. Carrega o *ibiri* (paramento ornado com folha da costa, búzios, contas) que o segura como se fosse um feto, que ganha vida no seu movimento corporal de embalá-lo, demonstrado pelos passos rituais da Yabá (orixá feminino) nos terreiros. O domínio desta yabá sobre a vida fora desfigurado pela visão ocidentalizada que separa a morte como o fim da vida, e atribui a isso um manto do pavor, do medo do suposto fim, do mistério assustador, assim como o das feiticeiras, condenadas à morte – física e simbólica.

Naná apresenta-se como mãe de Obaluaye/Sapatá/ Ajunsu/ Omolu/Kavungo (o senhor da terra), assim como de Oxumaré/Ewá/Dan (a continuidade da vida/ a ligação dos mundos) e Ossaim/Agué (as folhas). No Danxome, atual Benin, em África, local de culto aos voduns da nação Jeje, que sofreu alterações em função do nomadismo, remontando-se ao século XVII:

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

Os Ajás levaram duas entidades complementares – leste (Sópónnà) e oeste (Buruku) elementos de um sistema religioso associado à antiga sociedade de linhagens: um Deus criador identificado com a terra-mãe, e uma divindade representando os ancestrais dos primeiros grupos humanos. (Lepine, 2000, p. 19)

Mãe e filho uno! Obaluaye/Omolu/Kavungo com seu Xarará espanta as doenças para que a morte não se apresente.

E é a partir daí que precisamos ressignificar/repensar o mais difundido ìtan de Nanã, no qual se conta que ela abandona o filho, em virtude da sua má aparência. Segundo o ìtan, Obaluaye nasceu com varicela, com o corpo encoberto de chagas e, por não constituir o belo, a perfeição, a semelhança, fora abandonado por sua mãe, Nanã, e colocado no rio para que os peixes o comessem. Entretanto, Yemanjá, vendo a criança abandonada no rio, cuida dos seus ferimentos e o acolhe como mãe adotiva.

Reflete-se, no caso em tela, por meio das histórias contadas sobre as deidades africanas, as desconfigurações que estigmatizam a cultura de um povo. A evocação ao conceito de matripotência (Nascimento, 2021) é um exercício importante para a valoração etnoracial, já que ela “é a recusa em descrever

*Naná e a esteira como território mítico*

experiências africanas através de categorias que sigam lógicas ocidentocêntricas de conhecimento que resultam por inscrever os povos africanos em uma hierarquia existencial, subordinada e subordinante” (Nascimento, 2021, p. 394).

A matripotência, como resposta ou refutação às hierarquias de gênero e às desconstruções estereotipadas do feminino, estabelecidas pelo mundo ocidental, é tecida por Oyèwùmí, 2021, que propõe o Oxunismo, movimento este de aguçar os sentidos para as experiências das mulheres africanas na resistência à imposição do gênero pelo patriarcado colonial, trazendo à centralidade o poder das Yás (mães) que encarnam o *ethos* matripotente advindo da orixá Oxum. “Reconhecer a dimensão matripotente como caminho descolonizador aponta para o fortalecimento da relação Ìyá/prole que retoma uma estruturação da sociedade e dos sujeitos de maneira não unitária, não binária e sempre coletiva” (Oyèwùmí, 2021, p. 12).

Obaluaye, representativo do diverso, diferente, a quem Naná, segundo o ìtan, abandona por essa característica, é, nesse sentido, o cerne inaugural do cuidado estabelecido por essa Yá, que rasga a carne, rompendo um elo forte que é o da maternidade-filiação, a consanguinidade, para estreitar outra ligação, o afeto pelo acolhimento. Acolher o outro (diferente),

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

sem vínculos de sangue ou com vínculos, mas não maternos/sanguíneos, como se fosse do seu próprio ventre, concedendo poder de mãe a quem sabe cuidar, em questão, a quem fecunda e pare filhos peixes, aquela que reconhece/vive alteridade, a quem cabe cuidar dos oris, Yemanjá.

E é esse amplo e generoso acolhimento que conforma as religiões de matriz africana, como o candomblé, e dá sentido à função dos Babás e Yás (zelador/zelador), pais e mães, que no exercício do sacerdócio recriam as relações familiares sobre o poder de um sangue mítico que acolhe a multiplicidade. É a continuidade da vida que só se mantém pelo cuidado de quem acolhe na convivência. Nutrem e alimentam-se das memórias afetivas como elas da ancestralidade, sustentada na sabedoria das velhas mães!

Naná, nesse momento, amplia a concepção do amor maternal para além de vínculos sanguíneos e gestacionais. Traz o sentido de mães pela hospitalidade, pela expansão dos sentimentos, pelo perfeito compasso entre desprendimento-amorosidade. Inaugura, assim, a ética do cuidado!

Esse ato compõe a recriação do cosmo nos terreiros, é ato fundamental para as conexões que são estabelecidas entre as pessoas naquele território mítico, para o exercício das fun-

*Naná e a esteira como território mítico*

ções, para a hierarquia e para o desenvolvimento dos afetos regidos pela ancestralidade hereditária e não hereditária, que liga gerações e gerações, para a permanência e continuidade do asé.

Acredita-se que muitas vezes, por isso, Naná é conhecida como a avó, a mãe das mães. Quem ensina a sermos mães num sentido muito amplo e profundo, cujo enchimento se dá pelos afetos que são estabelecidos nas relações com o outro.

Saluba! Saluba! Nos refugiamos em Naná!

## Conclusão

Temos nos itans uma importante e insubstituível forma de, pela oralidade, fazer reverberar no tempo os conhecimentos, os modos práticos, as experiências e aprendizados transgeracionais e ancestrais do povo negro, preservados nas práticas das religiões afro-brasileiras e de matrizes africanas. Tal modo de ensinar e aprender decorre da visão de mundo e das cosmo percepções e das cosmovisões que constituem o legado de um fazer valorativo, que se transformou em uma política sistemática de combate às formas de dissimulação utilizadas

# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

pelo racismo, para seguir excluindo a herança negra para a constituição da sociedade brasileira.

Revisitar os ãtans, com seus amplos usos formacionais, para além dos seus usos religiosos tradicionais, mostra-se como uma abordagem relevante na busca de tecnologias socioeducativas que tenham a educação antirracista como estratégia de enfrentamento das práticas excludentes e da lógica da diferenciação e subjugação que ainda entre nós impera.

Abrimos assim outros caminhos, diferentes e mesmos contrários à forma de pensar imposta pela modernidade, na ocidentalização dos modos de existir, indo em busca de significados para a construção de mundos em que a diferença seja vivenciada e exercitada, sem correntes e envergamentos, na pluralidade de formas de vidas existentes e suas linguagens, no exercício da plena liberdade.

Naná inaugura no candomblé uma rede de relações envolta pelos afetos, por formas de cuidados espontâneos, gera uma família mítica, permitindo a reconstituição do cosmo no terreiro que tem o corpo pivotante, eixo principal para a continuidade da vida.

O corpo que morre, vive e renasce para a potencialidade da vida sob um *ethos* ancestral é protegido, alimentado e com-

*Naná e a esteira como território mítico*

posto de elementos da natureza e do cosmo, que resistem às energias e que ao mesmo tempo cria e desconstrói, sugando tudo para a terra, em um movimento contínuo de troca para a manutenção do equilíbrio.

As experiências das comunidades tradicionais não se atêm à religiosidade. Traduzem-se, como bem se pode ver, para o campo da formação, potencializam a construção de mundos possíveis, com as múltiplas formas e modos de viver, existir e pensar que podem contribuir para a construção das ciências nos mais variados campos.

O reconhecimento das diferenças existenciais, que perpassam os corpos, é um dos caminhos/instrumentos contra os malefícios do racismo, que segue se mantendo por seu poder mutante de enquadrar os seres humanos e as construções deles advindas, incluindo o saber e as diferentes formas de conhecimento, em única pretensa univocidade, lastreada pela lente ocidental.

Na luta antirracista, usemos, portanto, nossos meios, pois, como admoesta-nos Audre Lorde (2012): “As ferramentas do senhor nunca vão desmantelar a casa grande”.

*Lorena Penna Silva e Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus*

## Referências

- GLISSANT; Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 254.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- LEPINE, Claude. *Os dois reis do Danxome: varíola e monarquia na África Ocidental*. São Paulo: UNESP, 2000, p. 219.
- LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca vão desmantelar a casa-grande. *Sir Forasteiro: Ensaios e discursos*. New York, 1974.
- Disponível em: [https://www.academia.edu/11277332/LORDE\\_Audre\\_As\\_ferramentas\\_do\\_mestre\\_nunca\\_v%C3%A3o\\_desmantelar\\_a\\_casa\\_grande](https://www.academia.edu/11277332/LORDE_Audre_As_ferramentas_do_mestre_nunca_v%C3%A3o_desmantelar_a_casa_grande). Acesso em: 15 nov. 2021.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Em torno de um pensamento oxunista: iyá descolonizando lógicas de conhecimento. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 382-397, mai./ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.33.059.DS03>. Acesso em: 2 nov. 2021.
- OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão africana no brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Rio de Janeiro: Apé ku, 2021, p.294.
- OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido*

*Naná e a esteira como território mítico*

africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Irinéia M. Franco dos. Já mi oxorongá: as mães ancestrais e o poder feminino na religião africana. Sankofa. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, n. 2, dez./2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88730/91627>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égum na Bahia*, traduzido pela Universidade Federal da Bahia, 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 240. ■